

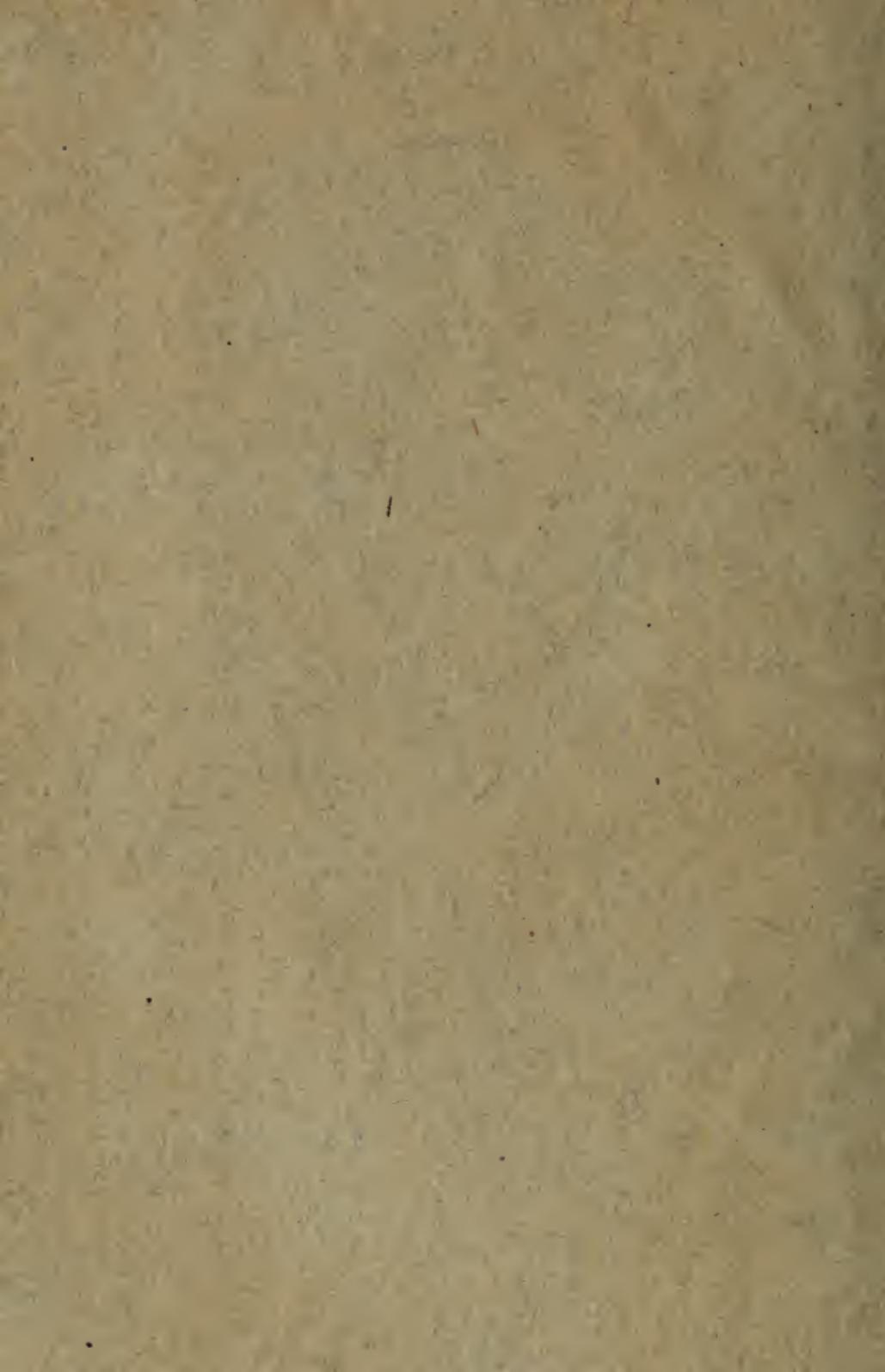


R B186,579



*Presented to the*  
**LIBRARY of the**  
**UNIVERSITY OF TORONTO**  
*by*  
**Professor**  
**Ralph G. Stanton**





ESTR O

DE THOMAS ANTONIO  
DOS SANTOS E SILVA,

CET O B R I C E N S E :

S.

DA ACADEMIA DAS BELLAS LETRAS

DE

L I S B O A.

T O M O I.



L I S B O A:

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. XCII.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral  
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

*Vende-se na loja da Viuva Bertrand e filhos, Mer-  
cadores de Livros; junto á Igreja dos Martyres ao  
Xiado em Lisboa.*

Foi taxado este livro em papel a 320 reis.

” Numquid tu melius dicere vis , quàm potes ? ” Itâ se res habet : curandum est , ut quàm optimè dicamus ; dicendum tamen pro facultate.

Quinct. Inst. Orat.

---

10000 miles  
publicado

---

## P R O L O G O .

**L**Eitor , tão longe estou de gloriarme de meus escritos , que eu mesmo á testa delles vou prevenir-te dos principaes vicios , de que tens que arguir-me : eis-aqui os meus preambulos recommendatorios ! Sou muitas vezes obscuro , outras rasteiro , e algumas insulso ; redundo , quebro os estilos , e a Arte nem sempre he o meu idolo : estes commummente os tropeços de quem pertende caracterizar em demasia os seus objectos , e aproximar-se á Natureza , prezando pela maior parte mais as cousas , do que as palavras , que , em explicando , servirão !

A satisfação , que me fica , he a pouca que eu mesmo encontro em tudo o que por agora te mostro ; o que de algum modo ainda me tenta com a lisonja de que lhe sou hum tanto superior : póde ser que hum pequeno castigo (1) fosse talvez

\* ii

ca-

(1) *Em obsequio da verdade eu devo confessar , que aquellas mesmas luzes , que eu poderia obter da muita literatura da minha Sociedade , se me frustrarão .*

capaz de modificar alguns defeitos , e tornar menos deffaboroso o resto ; mas isto mesmo se me difficulta nas actuaes circumstancias , onde a minha Collecção parece mais hum tributo que se me arranca , do que hum obsequio com que te brindo.

Rogo-te pois , que , apontando este I. volume , e o II. que immediatamente vou estampar , onde sem ordem e sem escolha accumulei producções de differente cunho ( immaturas humas , como o bravío Poema , dado quasi em seu primeiro embrião , muito áquem da amplitude que eu me tinha proposto ; e outras concebidas em huma idade , que ordinariamente se apraz de tudo o que se lhe apresenta ) fórmes huma especie de Epoca em minhas Obras , e de alguma sorte não desconfies totalmente da minha desoneração em quadra mais opportuna : visto que a manía dos Versos , huma vez que de nós se apodéra , nos acompanha quasi sempre á mesma co-va ; ainda quando se lhe associa o proprio remorso de que pouco ou nada medramos.

SE-

*em razão de só lhe haver feito ver o meu Compendio depois de impresso.*

SEPULTURA  
 DE  
 LESBIA:  
 POEMA EM XII. PRANTOS.

*Serius aut citius sedem properamus ad unam :  
 Tendimus huc omnes.....*

Ovid. Met.

## SONETO PRELIMINAR.

**F** Azendo ultraje á Musa delicada ,  
 Outros cantem o vicio q' os domina ;  
 E a q' em Senhora commandou divina ,  
 A rasteiras paixões sirva em Criada :

Quem bebe o folgo pela viva Amada ,  
 Vozes de mel lhe finja em frase fina ;  
 E o que pomposas Pertencões maquína ,  
 Lifonjas doure em tinta assucarada :

Dourar nem fingir sabe a minha Musa ,  
 E assumpto , q' escolheo , he de tal sorte ,  
 Q' enfeite o descompõe , e ornato escusa ;

Longe de enxovalhar seu alto porte ,  
 A nada aspira , adulações não usa ,  
 E se inda adora , he o Sepulcro , e a Morte.



SEPULTURA  
DE  
LESBIA.

---

PRANTO I.

**E** U vou, ó Lesbia.... retinio sóturna  
Em minha orelha a hora appetecida,  
Q'eu fuja aos homens por beijar-te a urna.

Se ao lado me não viste na partida,  
He que minha jornada ha de ser larga,  
E larga me importava a despedida.

Não me acênes, eu vou; a funda carga  
De aprestos dignos a lugar tão serio  
Me trasborda no peito, e o pé me embarga.

Ermo, como he, teu triste cemiterio,  
 Tu bastas porque affouto a elle eu corra;  
 Solidão, onde estás, he vasto Imperio....

Pois dos Ceos a odiosa luz se borra;  
 Que Terra, e Mar se vestem da cor negra,  
 Q' o gangrenado coração me forra.

A' hora em que he a dor á dor só regra;  
 Que de pavor se encolhe o virtuoso,  
 E o descarado crime he quem se alegra.

Eu banido á razão, eu criminoso  
 De praguejar o alento, que inda gasto,  
 Buscar-te venho, ó funebre repôso.

Qual a fera carnívora sem pasto  
 Apôs da prêza, que lhe mate a fome,  
 Os ventos bebe, e lhe fareja o rasto:

Porque minha voraz lembrança eu dome,  
 Na fresca piza da ascorosa tumba,  
 Alimento procuro a quem me come.

Alto aqui fez, a enxada aqui retumba  
 Ao golpe horrendo; a vida, que detesto,  
 Co' a vida, q' estimei, tambem succumba.

DE SANTOS, E SILVA: 4

Metade já me tens, rival funesto,  
Debaixo dessa lage; tens-me a alma,  
E balofa materia eu trago em resto.

Nesse corpo em focego, em podre calma,  
Duas almas lutavão, sua, e minha,  
Cativa a minha, a sua obteve a palma.

A minha a elle por substancia tinha,  
Como elle exposta a vida transitoria,  
E a gastalla tambem terra mesquinha.

Com elle sepultaste a minha gloria,  
Nelle as minhas potencias huma a huma;  
De que só me ficou cruel memoria.

Memoria; que em mil mortes me confuma,  
Que faça ter-me inveja á leve palha,  
Ao fumo errante, e á momentanea espuma.

Inveja ao menos, pois feu mal atalha;  
Ao regelado-asfixioso insecto,  
Que dentro de si mesmo se amortalha:...

Quem mortal nasce, he incapaz de affecto!  
O odio he só do home, o odio he só quem dura;  
E amor vai longe melhorar de objecto.

Mal visto amor, de balde se procura;  
 Em seu lugar de espinhos se enche a terra,  
 E amor se cava em feia sepultura.

Em feia sepultura o meu se encerra,  
 E o meu eu era; a elle por mim choro,  
 Q'ambos a morte em seu abyssmo afferra.

Transformado no Bem, que extincto adoro,  
 Com elle eu hia misera viage;  
 A pique foi, e a pique me devoro.

Abre sequer de hum canto, ó fria lage!  
 Verás fazer de novo hum só composto  
 O vivo, e o morto, se lhe dás passage.

Pezando tu estás sobre o meu rosto,  
 Sobre o meu coração; e a voz, que escutas,  
 Voz he da boca, que em silencio has posto.

Deixa-me ver-te, nas entranhas brutas,  
 Do pranto, em q'as reguei, meu pranto em fio,  
 Se essas cinzas estão acafo enxutas.

Meus olhos borbulhárão como hum rio;  
 Mas o fogo de amor, que hia á mistura,  
 Seccou talvez o amargo xôrro frio.

A flor, que transplantaste, era immatura ;  
 Deixa soltar-lhe encima fresco pranto,  
 Vella-has lançar raiz, cobrar verdura.

Abre, ó pedra fatal, sequer de hum canto !  
 Ao novo teu favor, teu novo indulto,  
 Testemunha só he da noite o manto.

Corja infiel, que lhe rendeo vão culto,  
 Que Lesbia airoza, Lesbia viva encanta,  
 Horror tomou do macilento vulto.

Só della o fino Amante não se espanta ;  
 Os mais fugirão, como a voz sublime,  
 Que lhe soltava angelical garganta.

Quizera o Amante, bem que fosse hum crime,  
 O ultimo arranco, á hora em que faleça,  
 Recadar-lhe no labio, que lhe imprime:

Ser quem depois igual caminho reça ;  
 Quem de seu braço ampare, ao ver que inclina,  
 A fluctuante-lívida cabeça !

Para mim só não padecéo ruina ;  
 Pedir-te venho mesmo assim grosseira,  
 Assim mesmo cadaver, a Boniña :

Ah! não, eu não te rogo a joia inteira;  
 Deixa tocar-lhe a mão em troco á minha,  
 Eu toque ao menos a horrida caveira.

Hum dedo só, hum dedo me avifinha;  
 Dá-me hum dos fios que de gelo inundas,  
 Nos mais se enreda o coração que eu tinha.

Dá-me: . . . furda aos clamores meus redundas;  
 Soffrega ao teu depósito te atracas,  
 E ao pêzo de meus gritos mais te affundas.

Carcereira da morte em vão te aplacas!  
 Muda como ella a pranto não respondes,  
 E ardentes preces para ti são fracas.

Em gruta opaca, que nem tu mais sondes,  
 Porq' a tristes lamentos não dês passo,  
 Da cruenta masmorra a chave escondes:

Chave só para o vivo de embarasso;  
 Que novo escravo a teus grilhões trazido,  
 Por si corre o ferrolho então devasso!

Mas eu hei de affagar teu duro ouvido;  
 Hei de tentar se dadivas te abrandão,  
 Dadivas que hão penedos derretido.

DE SANTOS, E SILVA: 7

A graça, que meus ais de ti demandão,  
He que accites em mim a grata ajuda,  
Q' altos amigos teus por mim te mandão.

Novo martyrio, e nova febre aguda  
Trago em visita ao prezo, que tens fixo;  
E não pio despacho que lhe acuda.

Quero tornallo mais depressa em lixo,  
Quero estragar contigo os lindos ossos;  
Venho tambem roer, venho ser bixo:...

Nada te move! aos barbaros destrossos  
Ministro escusas bem, que te convide;  
Mestra enfaiada aos reprobos Pais nossos.

Desde o pomo, em q' a morte era a pevide,  
De nossa authoridade o jus trouxeste  
Para o digno furor q' em ti reside!

Verei rijo ameaço se te investe,  
Rijo ameaço; que hum ciofo Amante  
He raio, he hum demonio, he viva peste.

Se não cedes, ó penha devorante,  
Negro esconjuro verterei de xofre,  
Que de teus alicerces te levante.

Para que não respeite ao feio cofre,  
 Colléga eu sou de espiritos malinos,  
 Q' á noite escapáo do azulado enxofre.

Rompendo estrada aos Orbes cristallinos,  
 Vem revolver funestas sepulturas,  
 E no esqueleto afiar dentes caninos:...

Nada te move! firme no que juras,  
 Cégo será primeiro o Sol de velho,  
 Q' hum morto entregues a saudades puras:

D'esse Sol, e do rosto feu vermelho  
 Se despedio a victima em ruina,  
 A' frôxa luz do embaciado espelho.

Mais ordem não temendo q' a Divina,  
 Só prometteste abrir teu ventre opado  
 Ao pregáo feio de geral bozina.

Com tua affronta então escancarado,  
 Gráo a gráo d'esse barro, que em ti feixo,  
 Conta darás, por ver-me despicado.

Então: . . ai, ai de mim! a quem me queixo?  
 Com os ventos disputo lastimoso,  
 E argumentando estou a duro feixo.

Mas se não abres, marmore teimoso,  
 Pedra hei de sobre pedra a ti ser junto;  
 Quente estio, e inverno tenebroso.

Ser-te-hei á avareza novo assunto;  
 A hum tempo guardarás, ó rocha austera,  
 Por baixo hum, e por cima outro defunto.

Enrolar-me-hei a ti qual mobil hera,  
 E ver se te espedaço, pedra immota;  
 Pedra eu tambem qu' aos veios teus se gera.

Cavar-te-ha o meu pranto gota a gota;  
 Pranto q' ás caras cinzas eu confagre,  
 Até tornar-me sêcco, ou ver-te rota.

Eterno pranto; pranto ardente, e ágre,  
 Que mais inda te escalde que cal viva,  
 Mais gastador q' acerrimo vinagre!

Feias ósgas, fardões de colla altiva;  
 Corujas, rãas do funebre terreno,  
 Hão de ser minha grata comitiva.

Podres vapores, enxarcado feno,  
 Parda erva-moura, e fetida cegude,  
 Me darão por comida o seu veneno.

Affim farei , que minha fé não mude ;  
 Affim te seguirei , ó doce Prenda ,  
 Ou flor viçosa , ou já carcaça rude.

Affim eu talharei minha vivenda ,  
 Sem que me occupe d'outras o appetite ;  
 Até que meu espirito se renda :

Negra a minha familia com q' habite ,  
 Negro o ornato meu , negra a morada ,  
 Negra a linguáje , e negro o q' eu medite.

Affim, Lesbia .. ah! palavra aos Ceos formada ;  
 Nome que a minha rouca voz esperta ,  
 A voz agonizando já cançada !

Morto q' em fim me viffe , e a cova aberta ,  
 Tu me refuscitáras , nome grato ;  
 Com o ouvido á escuta , e o olho á lerta.

Se inda eu respiro , o lindo teu retrato  
 He quem me anima ; e querendo ir contigo ,  
 Comtigo mesmo a triste vida empato.

Mas em quanto me tarda o golpe amigo ,  
 Esse enfadonho tempo , que me reste ,  
 Gemerei abraçado ao teu jazigo ;  
 Teu Epitáfio eu mesmo , ou teu Cipreste.

SEPULTURA

DE

LESBIA.

---

P. R A N T O . II.

**C** Alei-me , ó Lesbia ; eu me calei ao dia ,  
Ao dia adulator , q' á minha queixa  
Hum raio não vertesse de alegria.

O monumento avaro , que te feiza ,  
O prazer me fexou ; e amargo fado  
A herança foi , que teu amor me deixa.

Outra não quero , d'outra não me agrado ,  
Fugindo á luz , e ao Mundo q' a festeja ;  
Annexas condições do meu legado.

Este o fasto , q' o peito meu deseja ;  
Esta a minha ambição ; sem que ma roube  
Maligno olhado , ou carrancuda inveja.

Cobiçar agonias ninguém soube ;  
 Hoje o primeiro eu sou ! se ha mór tristeza ,  
 Eu farto não estou da que me coube .

Estrago em dobro eu peço á natureza ,  
 E o Mundo avesso , de que os mais se chorão ,  
 De achallo tão risonho a mim só pêza .

Nudez , miseria , que remedio implorão ,  
 Grilhões , destêro , a par do meu tormento ,  
 Se são males , são males que namorão .

He dos mais a esperança o nutrimento  
 Em suas mágoas ; eu na mágoa minha  
 Da desesperação só me sustento .

Para mim a desgraça he só mesquinha ;  
 Essa morte , o flagello seu mais grave ,  
 He della o que dobrado me acarinha .

Fetida cinza eu palpo onde a mão cave ;  
 E ao olfacto he jasmim , ao tacto he rosa ;  
 Quaes nunca debuxou jardim suave .

Fundida em sombras a alma luctnosa  
 Objecto , que lhe quadre , em vão procura ;  
 Faz dor sua outra dor disfavorosa .

Outra não diz co' a minha desventura ;  
De outras ancias rejeita a companhia ,  
Q'he de outra maça a femrazão q' atura.

Huivando o lobo grata voz me envia ;  
O bisouro se troca em borboleta ,  
E o môcho em rouxinol na melodia.

Quizera eu ver flammigero Cometa ,  
Pegar-me á cauda , á cauda incendiosa ,  
Inda que de improvisoo me derreta.

A furda noite , a noite pavorosa ,  
Valor perde ; relampagos , que a trilhão ,  
Lhe esmaltão gentileza de que goza.

A tudo , ó Lesbia , horrores meus humilhão ;  
Minha melancolia a tudo apaga ,  
Como aos astros o Sol , qu' em roda brilhão.

Do podre peito corrosiva a chaga ,  
A quanto se lhe applica em pús converte ,  
Zomba da arte , e auxilios seus estraga.

Não sabe a cura de que modo acerte ;  
Dos cauterios o bicho mais se açanha ,  
E o ferro affouto he a extirpalllo inerte.

Tu, mái do abutre, que por mim se entranha,  
 Perpétua origem da faldade minha,  
 Matar lhe só pudéras fome estranha.

Nesse armazem, onde o terror se apinha,  
 A droga tens, q' ao soffrego meu tédio  
 O allivio me trará q'eu d'antes tinha.

O veneno do meu faminto assedio,  
 Que derramado faz minha amargura,  
 Só tem n'outro veneno o seu remedio.

Sahe huma vez da enorme sepultura,  
 Sem exemplo huma vez a lei quebranta;  
 Que te ensinou comigo a ser perjura.

Calva cabeça mesmo assim levanta,  
 Anima as cavas, que já olhos foráo,  
 O espaço anima, que já foi garganta.

Traze essas mesmas faces que descoráo;  
 Traze o teu ásko, esse cardume traze  
 De erpes, e cancos, que contigo moráo.

Fallemos, e de arrancos seja a fraze;  
 Chagas, e podridáo o assumpto sejam;  
 Faze-te morte, Furia atroz te faze.

Frios braços, corruptos bem que estejão ;  
 Enleia ao teu Amante, ao Mundo pasma,  
 E podres labios requestar se vejão.

Alegria, q'espero, nisso dás-ma ;  
 Enche o vão que deixaste no peito,  
 Manda ao menos enchello o teu fantasma.

Annos a ti cozido, a ti affeito,  
 Nelle impressa ficou tua figura,  
 O teu garbo ficou, ficou teu geito.

Se estranho objecto o teu lugar procura,  
 Não se molda, não cabe; dar-lhe entrada  
 Veias me rompe, e o coração me fura.

Sahe, ó Lesbia, da funebre morada;  
 Se abjuraste commercio teu ao vivo,  
 Eu de vivo só tenho a voz, mais nada.

Vago o espirito meu em gyro activo  
 Após do teu nas estrelladas ferras,  
 Lá se perdeo, lá anda fugitivo.

Julga ao que vês só carne, pois não erras ;  
 Carne, que por seu proprio mecanismo  
 Soldar-se busca aos olhos que lh'enterras.

A ambos cortou hum mesmo parocismo ;  
Foi a differença de hires pouco a pouco ,  
E eu cahir de repente em negro abyfmo.

De ti ausente , e de chamar-te eu rouco ,  
Reparei que não vinhas , corro a ver-te ,  
E acho-te morta , para achar-me louco.

Não quizefte , q' eu visse padecer-te ;  
Em vez de defaffogo o teu gemido ,  
Por mim tornado , havia mais doer-te.

Punhal tão feio tu me tens fumido ;  
Sabias bem , q' os dias só me custe  
O garrote da nova q' has morrido.

Ah ! não : effe não era o nosso ajuste !  
Em teus deleites te segui sincero ;  
Todo o martyrio teu convem me affuste.

Niffo foi o teu fado mais fevero ;  
Eu te devo ancias mil , que tolerafte ,  
Vem ter comigo , que pagar-tas quero.

Reparte-me do azêbre , que tragafte ;  
Deixa nelle enfartar-me por miudo :  
Como o prigo ateou ? como enfermafte ?

Onde mais se affincava o dente agudo,  
 O dente affolador do morbo horrendo?  
 Nada occultes: eu devo saber tudo.

Pouco obsta, se mil vidas assim rendo;  
 Morre amado huma vez qualquer amante,  
 Eu mil vezes por ti morrer pertendo.

Vem, ah! vem tu sequer por breve instante;  
 Conta-me dessa praga o rijo impulso,  
 Da praga q'encardio o teu semblante.

Ver-me-has a hum tempo enfraquecer convulso;  
 Pegar-me a amarga historia a febre, o frio,  
 Meu rosto descórar, languir meu pulso.

Duas bocas terão hum só fastio,  
 Meu sangue gelará nas tuas veias;  
 Huma alma a mesma, hum mesmo o tresvario;

Iguaes symptomas, iguaes crises feias  
 Hão de arrostar-nos á final baliza,  
 Em que espiro, e tu inda balbuceias.

Em quanto Lesbia em sustos agoniza;  
 Provado eu já terei o azedo trago,  
 Q'hum pouco a teus arrancos suaviza.

Assim verás o nosso amor bem pago ;  
E se hoje eu sobrevivo , ha de hum minuto  
Sobreviver-me então teu puro affago : . . . .

Mas ah que loucas preces eu me escuto !  
Descançaste primeiro em paz serena ,  
E em perpétuos gemidos inda eu luto.

Sentada ao longe em santa praia amena ,  
A mergulhos me vês no falso Mundo ,  
E ao Porto em vão a tua mão me acena.

O mesmo teu cadaver feio , immundo ,  
Que de taboa ao naufragio meu servira ,  
Debaixo de alta pedra garra ao fundo.

A elle eu me fôra unir ; mas braço em ira ,  
Q'espírito de espirito separa ,  
Até pó de outro pó tambem retira.

Teme talvez que cinza inda se amára ,  
Q'ossos cumprissem incompleto voto ;  
Laços tecendo hum dia a morte avara !

Não , Lesbia ! o juramento não he roto ;  
Testemunha lhe foi pura virtude ,  
Q'o guarda illeso a thalamo remoto.

Esse que eu talho, e que findar não pude ;  
De nossas mãos sahira quebradiço ;  
Ou seu fel lh'inspirára o tempo rude.

Podia o laço entibiar remiço  
C'os tropeços achados na carreira ;  
Fragil meu fogo, e fragil teu feitiço:

Lá onde a alva Lua sempre inteira  
Revoluções não traz; e o vivo archote  
Não troca o Sol em lúgubre cegueira:

Onde a crôa immortal, perpétuo o dote,  
Lá hiremos, ó Lesbia, consumallo ;  
Eterno o Templo, eterno o Sacerdote.

Meu premio então será : . . . para alcançallo ,  
Talvez que sobre a malsinada terra  
Me reste inda gemer longo intervallo !

Que contra mim o Mundo ponha em guerra  
A triste série, a série defabrida  
De quantos males em seu bojo encerra.

Q'a culpa expie, a culpa repetida,  
De adorar como firme hum bem caduco ;  
Hum bem que he sombra só do que he só vida :

Edificio sem base, flor sem suco ;  
 Qual, minha Lesbia, o debil teu despôjo,  
 Mais debil que o réptil que aos pés machuco !

Junto delle terei de andar de rojo ;  
 E em castigo aos prazeres, que eu fingia,  
 Respirar-lhe o bolor, beber-lhe o nojo.

Mirrar-me-hei a par delle noute e dia ;  
 Mudo ao dia em q'antigos ais rebuço,  
 Novos ais confiando á noute fria.

Calado em quanto a dura flexa aguço,  
 Que me rasgue depois ; não sendo estorvo  
 A' alma o dia, a noute ao meu soluço.

Affim esperarei o fatal forvo ;  
 Sem outro amigo ao duro travefleiro,  
 Mais do q'a voz do agonizante corvo.

Chorando até vedar-se o fangue inteiro,  
 Até q'eu me desfmaie sem conforto ;  
 Que comigo se engane o Passageiro,  
 E me chore tambem, qual fosse eu morto.

DE SANTOS, E SILVA. 31

SEPULTURA  
DE  
LESBIA.

---

P R A N T O III.

**D**O teu estro, estro teu meditativo,  
Eu pasmei, grande Young, aos documentos,  
Quando o Mundo pizei, quando fui vivo.

Neste cançado resto só de alentos,  
He sobre tuas lagrimas sentidas,  
Onde o fio eu renovo a meus lamentos.

Balsamo eterno de horridas feridas,  
Eterna tocha do nocturno manto,  
Douraste a morte, e ao tumulo convidas.

Outro queixume antes do teu foi canto,  
Hoje quem chora és tu; e no futuro  
Ha de ao teu regular-se qualquer pranto.

Mas se hum tom mais sublime, e mais seguro,  
Excelso Carpidor, se te divisa;  
O bocado, que eu trago, inda he mais duro.

Bem q'em distancia eu só te vá na piza;  
Graças como as de Lesbia, não as teve,  
Nem teu Philandro, nem tambem Narciza.

Do teu fogo divino hum fumo leve  
Apenas sou; e objectos se comparo,  
Tu perdeste carvão, eu perdi neve.

Ambos gemendo em longo desamparo,  
Teu commum argumento tu suppriste,  
E a mim me suppre o meu assumpto raro.

Sim, minha Lesbia! sobre a cova triste,  
Que para sempre aos olhos meus te some,  
O q'havia de graças lá fumiste.

A'vida a terra com razão te come;  
Sabe que não tomou tão linda prêza,  
E certa está que nunca mais a tome.

Seu manjar he continuo a gentileza;  
Altos fizes devora noite e dia,  
E faz seu prato a singular destreza;

Nada lhe escapa da guéla impia;  
 E inda a mesma virtude a cada passo  
 A' meza vai servir-lhe de iguaría.

Mas cheio qual está seu ventre escaço,  
 Tantos dons juntos, como Lesbia tinha,  
 Nunca varreo a morte de hum só laço.

Formosura varreo, varreo daninha  
 Pilhas de graça; engenho, arte, e pureza  
 Varreo tambem, que tudo em Lesbia vinha.

Parece q' ao formar-se igual belleza,  
 A' obra insigne Serafins baixarão,  
 E mette officiaes a Natureza!

Em clima estranho as flores murcharão,  
 E a todas deo consumo horrivel cova;  
 Que desfolhadas em montão lá parão.

Em vão seus raios o almo Sol renova;  
 Sem ti o que me offerece he tudo hum ermo;  
 E q' o Mundo sem ti mingou só prova.

Mingou, e para mim já fez seu termo;  
 O que tinha de são tu me has levado,  
 E o que ficou comigo he tudo enfermo.

O dia ; o gosto , o passatempo ; o agrado ;  
 E o empenho de viver se foi contigo ,  
 Que tudo em tua cova tens fechado.

Não fei como estourando esse jazigo  
 Pelos ares não deita a campa horrenda ,  
 E atado a ella eu corro o mesmo p'riço !

Como cabe em dous palmos tanta prenda ? ...  
 Mas doença cruel tas foi roubando ;  
 E limo entregas á fatal vivenda.

Tinha-se aniquilado o riso brando ;  
 Dos labios o carmim era desfeito ,  
 Estavão-se os crystaes abotoando.

Esquife se tornava o frio leito ,  
 Membro a membro a molestia desconjunta ;  
 Sem ouro a trança , e sem esmalte o peito.

O rosto se encerava , qual defunta ;  
 E já co' a secca lingua em morno arquejo  
 Lesbia por Lesbia mesmo a si pergunta.

O' doença ! ... mas não , não te praguejo ;  
 Endividada como estás comigo ,  
 Eu te perdão , e tua mão cortejo !

Nesse teu doce-derradeiro artigo  
 A authentica escriptura tu nos trazes  
 Da nossa exaltação ao folio amigo.

Comtigo, que mil ais n'um ai desfazes,  
 Apôs de curto-lugubre gemido,  
 Nos desce o gôzo de interruptas pazes.

Ditoso quem mais cedo ha merecido  
 Tua visita; e sustos atropela  
 Para hum Bem q'he sómente o não fingido!

A triunfar tu levaste Lesbia bella;  
 E a estrada tu serás, por onde eu faça  
 Meu transito feliz do Mundo a Ella: . . .

Soffre, ó Lesbia! he custosa, mas he graça  
 Essa revolução, q'em ti se move;  
 Se amarga a borda, a nectar sabe a taça!

Então se abre o Empyreo, então te chove;  
 Em benigno suor, do santo cume  
 O baso auxiliador, q'orvalha Jove:

Orvalho q'em si traz o doce gume;  
 Gume que fórma a célebre partilha  
 Do vaso á terra, e aos Ceos remido o lume:

Lume q'em astro ao firmamento brilha ;  
 Em quanto o podre-extinto candieiro  
 Debaixo de hum penedo aos pés se trilha:

« Sim », rica Lesbia ! foi teu pó grosseiro ,  
 O que cozido em putrida mortalha  
 Offende a vista , e nauseava ao cheiro.

Foi elle o que talvez no chão se espalha ;  
 E furdo aos gritos , de q'em vão te escolto ,  
 Da antiga orelha já não tem migalha :

Da orelha onde algum dia em chamma eu folto  
 Minha alma estreme unida ao pensamento ,  
 E o bofe accezo na palavra envolto ! . . .

O mais vôou ao crystallino affento ;  
 Bem como da laranja á flor fragrante  
 Em grato aroma subtiliza o vento.

Na rubra face , que me fez amante ,  
 No molde insigne da gentil cintura ,  
 Onde amor se enrolava a cada instante :

Na excelsa voz , q'em meu ouvido atura ,  
 No mestre pé q'o chão a amar ensina ,  
 Dominio conservava a morte escura.

Mas na pulcra-subtil porção divina,  
 Q'ao travesso olho dentro em ti forrada  
 De seus raios a fabrica illumina:

No genio meigo, e condição lavada,  
 Na tua discrição, no sabio dito,  
 Não tinha a morte, e nunca teve alçada.

Ao Pomar, que tas deo, vasto, infinito;  
 Intactas huma a huma as mil virtudes  
 De novo uniste em fulgido palmito.

Certa q' olfato, nem matiz já mudes,  
 A' terra escaça como seus lhe deixas  
 A casca esteril, e os espinhos rudes.

Isenta a novas más, e livre a queixas,  
 Bebendo á fonte do perpétuo riso,  
 Entre muralhas de rubi te feixas.

Esse almo Facho em torrido granizo  
 Te guarda a porta; como a lingua em chamma,  
 Que vedava ao terrestre Paraíso.

Ahi, ó Lesbia, ao solido tu amas;  
 Sem que lá suba a revoltante cheia  
 De torpe inveja, e de odiosas tramas.

Triste de mim ! a quem a Parca feia  
Urdindo vai o emmaranhado fio ,  
Por mais q' em vão lhe peço o fim á teia !

Lefo aos duros Soões, e podre ao frio ,  
Mais podre e lefo da saudade tua,  
De esmola me servira o corte pio.

Mas para mim o tempo só recua ;  
E os anneis emperrados da tisoura ,  
Cuido q' até me esquece a lei commua.

Chia o morcego, e creio que me agoura ;  
Que vinda a hora extrema então diviso ,  
Q'a manhã para mim não mais se doura.

Eis-que da ave sinistra o falso aviso  
Depois alcanço ; e mostra-me o meu erro  
Mais dura a terra , quanto mais a piso.

Não quebra a morte o misero desterro ,  
A morte amiga ; e só nos seus vagares  
A grata mão lhe julgo mão de ferro.

Em vão lhe verto lagrimas a mares ,  
Porq' o chão rijo hospede não dôa ;  
E com suspiros lhe amacio os ares.

Sempre a meus ais o Anjo de paz revôa;  
 Foge sempre do pobre q'ô acarinha,  
 E em mimo ao rico vai q'ô maldiçôa.

Triste de mim, repito, Lesbia minha!  
 Q'inda me arrastro em rispida canceira,  
 Nem me vale trazer-te a mim visinha!

Quero encostar-me á tua cabeceira;  
 E logo entre ambos levantar-se eu finto  
 Grosso rochedo em horrída barreira.

Affronto ao fado, e a fleima lhê requinto;  
 Parece que de furia degenera,  
 Ou q'eu para elle de mortal desminto.

Affago, nem insulto o desespera;  
 E por' mais q'ô relógio em vão facudo,  
 Mais descansado o gyro se o tempera.

Finada a areia, espero o golpe agudo;  
 Mas braço occulto a ampulheta volta,  
 E da morte outra vez á vida eu mudo.

D'este abyssmo de horrores, que me escolta;  
 Talvez cobarde a fouce se intimida;  
 E os tiros, que me joga, a medo os solta....

Ajuda , ó Lesbia , ajuda-lhe a ferida ;  
Empresta-lhe esses olhos teus fechados ,  
Q' abertos me servirão já de vida.

Vem mostrarmos assim desfigurados ;  
Verás quanto mais pôde a vista enorme ,  
Que trazellos na ideia retratados.

Saltará o olho meu , q' ao teu reforme ;  
Verás q' alma apôs alma vai fugindo ,  
E q'em teu somno o teu Amante dorme.

Remate meu , e a morte , com que findo ,  
Teu spectro me será ; como algum dia  
Prazer me foi e gloria o rosto lindo.

Passada a triste-funebre agonia ,  
Ligar-nos ha , sem q' outra vez se corte ,  
Esse laço de amor , que nos unia :...

Ah ! inda o não permite a dura sorte ,  
Q'entre ambos estendeo milhões de leguas !  
E quer a feia luz q'eu me reporte ,  
E para mór combate faça tréguas.

SEPULTURA  
DE  
LESBIA.

---

PRANTO IV.

**A** Guarda, ó Lesbia, aguarda hũ só momento;  
Se ha quem demore o rijo braço á morte,  
He de hum Amante o mísero tormento.

Hum pouco a dor tyranna se suporte;  
Essa dor que dous corpos contamina,  
E faz q' hum fio duas almas corte.

Teu arranco fatal ambos termina;  
E a ambos, por teus labios só provada,  
Levar eu vou a excelsa medicina.

O Nume da estellifera morada,  
Que de seu fogo repartio comigo,  
E a frase me inspirou a poucos dada:

Fraze , ó Lesbia , q' aos Ceos alçou contigo ,  
 E que trocada em verso mal cadente  
 Hoje se arrastra sobre o teu jazigo :

O mesmo Nume , ás duas providente ,  
 Com a arte q' os espiritos encanta ,  
 Da q' a faude attrahe me fez presente.

Com que a alma se apraz , do que se espanta.  
 Como á materia se une , onde reside ,  
 O véo dento a meus olhos se levanta.

Sei como a planta os sexos seus divide ,  
 Como o feto da cópula resulta ;  
 E ao parto (1) o Signo que melhor preside.

Sei onde o óleo , e onde o sal se occulta ,  
 Onde a virtude está , onde o veneno ;  
 Como ella augmenta , e menos elle insulta.

Colhelas-hei no proprio seu terreno ;  
 Anodina opiada , unção suave ,  
 Por minhas proprias mãos verás q' ordeno.

Parecer-me-ha a natureza ignave ;  
 E o que não fez mão-sua productiva ,  
 Fazer-to-hei em allivio a mal tão grave.

Cres-

(1) Allude-se ao systema sexual do celeberrimo Linneo,

Crestando ao fogo de fornalha viva,  
 N'outra combinação, n'outra existencia,  
 Pasmará do elemento a mole activa.

Elixir generoso, quinta essencia,  
 Quaes nunca analysou subtil mistura,  
 Dever tu has-de á minha diligencia.

Nas entranhas do mar, na selva escura,  
 Na familia q' a bandos o ar povôa,  
 Arcanos sondarei de nova cura.

Se inda o morbo rebelde te magôa,  
 E não te presta phármaca benina;  
 Então, ó rica Lesbia, então perdôa:

Socorro então de ferrea mão ferina  
 Preciso te será; fatal socorro,  
 Q'em teu remedio o estrago meu fulmina:

Remedio teu, e golpe de q'eu morro;  
 Golpe q'em ti lavrando atroz cesura,  
 Eu sou por ella o que meu sangue escorro.

Mas doce encontres a lanceta dura;  
 Eu destempere a férvida bacia,  
 E o laço affrôxe á rija ligadura.

Ah, Lesbia! inutil foi cruel sangria;  
E hum fangue, q'eu bebêra, entregue á rua,  
Teu rosto, o teu rosado rosto enfia.

Em vão o teu Amante á boca tua  
N'uma das mãos soprado caldo applica;  
Com outra alimpa a testa que te sua.

Baldado he quanto o meu amor te indica  
Zomba de amor encarniçada forte,  
E affago meu novo rancor lhe fica.

De boca aberta a truculenta morte,  
Que por ti veio no teu hombro ralha;  
E esgrime as garras, porque dêstra córte.

Trémula a luz dos olhos teus se espalha;  
Meu nome em tua lingua já se tronca,  
E a mão, que me estendias, preza encalha.

De novo a morte em tuas fauces ronca;  
E fazendo sacrilego instrumento,  
Pedra figuras, e eu estatua bronca:...

Reprime, ó morte, o teu furor sedento;  
Da rija commissão, que tens a cargo,  
Exceptuado foi esse portento.

Para teu vasto Imperio o Mundo he largo ;  
 Se effe labio vermelho he quem a accusa ,  
 Lesbia o tornou de cal em feu lethargo.

A' que te nega , e de teu golpe ataca ,  
 Ataca , ó morte ! Lesbia a ti se humilha ,  
 E por si mesma as níveas mãos te cruza.

Se formosa ella foi , se acafo brilha ,  
 Não mais se desvanece a flor madura ,  
 Que quando tenra na boçal mantilha !

Deixa , deixa , q' aos Ceos minha amargura  
 Ternos ais em pyrâmide frequente  
 Primeiro envie com firmeza pura.

Quero saber , se vale rôgo ardente ;  
 Se apócryfa he dos astros a piedade ,  
 Se votos chegão lá da humana gente : . . .

Entre brenhas de horrivel soledade ,  
 A trôco de que Lesbia não faleça ,  
 Eu quero atormentar-me longa idade :

Onde racional não appareça ;  
 Onde do meu mortifero queixume  
 Chore o tigre , e o Leão se compadeça :

Galgar pertendo da desgraça o cume ;  
 E porque não prosiga atroz doença ,  
 Trajar espinhos , mastigar só lume :

Salva de Lesbia a singular presença ,  
 Sobre mim caia , ó Ceos ! , qualquer desdita ;  
 E com meu sangue borre-se a sentença : ...

Ah ! jámais se revoga , apenas dita !  
 Achei-a , ó Lesbia , em marmore gravada ,  
 E com letras de bronze estava escrita.

De meu pranto a corrente lastimada ,  
 Em vez de lhe apagar a horrivel norma ,  
 Com lustre novo lha deixou lavada.

Juiz terrivel , que per si se informa ;  
 Sem olhar , sem ouvir , de grave aspecto ,  
 Despacho , que soltou , nunca o reforma :

Incorrupto , sem odio , sem affecto ,  
 De igual respeito lhe obedece mudo  
 O Sol , o átomo , hum Anjo , ou hum insecto :

Montão de évos ao labio seu fizudo  
 Não tinha inda affrôxado a voz horrenda ,  
 Que do nada obediente creou tudo.

Na mesma tua pagina tremenda  
 Milhões d'outros processos vi julgados,  
 Sem q'appellado algum tivesse emenda.

Os minutos alli erão contados,  
 Do primo berço á ultima ruina;  
 Ambos com seu principio e fim talhados:

Princípio q'o fim livre não domina;  
 Huma a Vontade, outro o Saber fecundo!  
 Fixo o prazo, e despótico a rotina.

O mais he, q'esse nome teu jucundo  
 Lá vi por tua mão recém-nascida,  
 Q' o termo assignas ao entrar do Mundo!

Condições forão, com que vens á vida,  
 Não á valer escusa ao ser chamada,  
 E não saberes a hora da partida.

O'nus funesto! citação pezada!  
 Q' á fatal Audiencia nos remonta,  
 Sem dizer: ,, á manhã farás jornada. ,,

Hum tinha a fomma liquidada e pronta;  
 Outro em meio, q' o dia mal presume:  
 Ha tal que nem cuidava de tal conta!

De tudo reza o rigido volume ;  
Onde os Decretos colubrina espada  
Lavrando andava com perpétuo gume : . . .

Voltei a ti, ó Lesbia, e já finada ;  
Misero ! em mais acerba mágoa eu gemo !  
Já de mim longe estavas sepultada.

Não me quiz permitir fado supremo ,  
Q'eu te enxugue essa lagrima da face ;  
Prova ultima talvez do nosso extremo.

Não quiz, teus olhos minha mão cerrasse ;  
E q' o sôpro gentil, que te fugia ,  
Minha boca a meu peito o trasladasse.

Sim longe, ó Lesbia !.. e quando me aprazia ;  
Do tempo avisinhar-me em suas azas  
De outra vez avistar-te o fausto dia :

Quando a imaginação, q'em fogo abrazas,  
Bebia em taças de hum dourado sonho  
A enchente de prazer que tu lhe vazas :

No meio do transporte meu risonho,  
Ah Lesbia ! á cabeceira do meu leito,  
Que báque ouvi, que báque tão medonho !

Nunca mais respirou livre meu peito ;  
 E dentro d'elle o coração prefago  
 Em negras sombras se sentio desfeito : ...

Eis a nova chegou do triste estrago ;  
 Remate da alegria , que se alheia ,  
 E principio do pranto em que me alago.

Papel molhado em fel por tinta feia ,  
 Com a penna de horrenda gralha escrito ,  
 A quem rude alacrão servio de obreia :

Forjado á hora , á hora de delito ,  
 Em q'huivando nocturna synagoga  
 Fôrma seu conciliábulo maldito :

A's mãos me chega , e o coração me affoga ,  
 A estas vozes : ,, Enterra-te , ó perdido ;  
 Lesbia morreo , já para ti não voga ,, ...

Voga , e ha de vogar no meu sentido ,  
 Se aos olhos ma roubou maligna estrella ;  
 Vogar ha de ao meu ultimo gemido.

Antes que chegue a hora de esquecella ,  
 A' propria morte em sua mesma casa  
 Irei bater , e dos covaes erguella :

Adiantar-lhe esse golpe, que me atraza,  
Enfinalla a matar; e ao cão ferino  
Enfartar na peçonha que me abraza : . . .

Ah! não quer, não quer barbaro destino,  
Q'inda eu me enterre; e a meus trabalhos nega  
O seu pregão de paz o grato fino!

De minha vida em vão lhe faço entrega;  
E julgando acabar-se a guerra forte,  
Outra vez o estandarte seu desprega.

Mas se fim não me impõe tyranna forte,  
E avante leva a rispida batalha,  
Eu nova espécie formarei de morte.

Sem precisar da via, que me atalha,  
De algóz me servirá o meu tormento;  
E do q'em roda eu vir, farei mortalha.

Chorando-me a mim proprio em meu lamento,  
Doença me será minha agonia,  
Morrendo, e a renovar o triste alento;  
A noute o funeral, sepulcro o dia.

## SEPULTURA

DE

## LESBIA.

## P R A N T O V.

**T**ão feia a noute desce e tão soturna,  
 Como se essa diáfana campina  
 Seus astros sumir fosse em triste furna.

Da antiga noute as trévas nos ensina;  
 As trévas q' arranjaras sem perder-te,  
 Tu sómente, ó Suprema Luz Divina!

Em frio gelo o sangue se converte;  
 Dentro em si mesma a alma se amadorna,  
 E aberto está dormindo o olho inerte.

O labio em sustos a palavra entorna;  
 Desgarrar-se receia a mão palpando,  
 E cuida q'a seu Dono mais não torna.

Painel vasto, q' ha pouco vi brilhando ;  
 Não sei por que maneira se supprima,  
 Q' até debalde o sitio lhe demando.

De mil cores, q' hum lapis fabio arrima,  
 Parece arrepende-se o Mestre annoso ;  
 E negra esponja lhe correo pot cima.

O insecto se enrodilha temeroso ;  
 E a cabeça escondeo debaixo d'aza  
 O inerte passarinho de medroso.

Mudos os montes, muda a selva raza,  
 O Orbe inteiro se mostra devoluto,  
 Nem que de sombras más se infeste a casa !

Não folha que susurre, ou voz de bruto ;  
 Tal o silencio, q' em meu proprio seio  
 Pulsar meu coração cá fóra escuto.

Q' o escuto, ó Lesbia, e que rebomba, eu creio,  
 Sobre essa lage ; a cujo som se ajusta  
 Do bicho, que te roe, o estrondo feio.

Tudo o mais cala, e em quanto o mais se assusta,  
 Sem q' outro a nossa conferencia fonde,  
 Grita o meu peito, e a praga barafusta.

Debalde a terra aos olhos meus te esconde;  
 Que pelo bicho ao teu Amante fallas,  
 E por seus ais o Amado te responde:...

Mas tu que d'esse modo não igualas  
 Aquelle antigo amor, amor não quedo,  
 Ardente amor em que teu folgo exhalas:

Casto amor, que da aranha tinha medo,  
 Da aranha que te escute, e que publique  
 De teus agrados o íntimo segredo:

Sem q' a morte nos passos teus se implique,  
 O açáimo quebras; e em pessoa mandas,  
 Quem melhor meus disvélos gratifique.

De alto abaixo examino, observo as bandas,  
 E não me engano; a minha fé te approva,  
 E's tu, Querida, q' a meus olhos andas:

He o teu larva, que da funda cova,  
 Onde vai consumir-se aos mais a vida,  
 Vem a mim fabricar-me vida nova.

He elle, és tu; em alvoroço, em lida,  
 Eu te conheço: és tu, gentil conforto,  
 Que com minha alma andavas de fugida.

O júbilo, em q' aos ares me transporto,  
 Me diz q' és tu; bem como sangue véte,  
 E á vista do affassino bole o morto.

Vigor teve o meu rôgo que te esperte;  
 Nem d'outro resplendor preciso agora,  
 Porq' o meu coração contigo acerte.

A luz me basta, a luz que me namora;  
 A grata luz dos ossos alvejando;  
 Qual nunca trouxe a purpurina aurora!

Assim era o teu passo, o passo brando;  
 Com esse ar mesmo tu buscar-me vinhas,  
 Sobre o meu hombro o meigo braço alçando.

Igual donaire, o mesmo garbo tinhas:  
 De novo eu recobrei o meu thesouro,  
 Roubadas graças outra vez são minhas.

Manchada a testa, e roto o fio louro,  
 Para mim não te pôz defeito a terra;  
 Fezes de Lesbia para mim são ouro.

Feitiços, perfeições, q' o Mundo encerra!  
 Esta a ventura, q' alegrar-me possa;  
 O meu desejo a nada mais se afferra.

Outro vosso convite não faz móça,  
 Na coltra em que me envolve o meu tormento;  
 E sua superficie apenas roça.

Em vão lh'escuta o armonioso accento  
 Falto o meu coração de hum seu pedaço;  
 E roto não se ajusta o instrumento.

Cifrava-se o meu Orbe em curto espaço,  
 Breve sepulcro o tinha, agora o gózo;  
 Sou Rei, sou tudo, quando a Lesbia abraço!.

Chega, meu Bem, meu Hospede gostoso;  
 Frio era, e mais q' asperrimo o teu leito,  
 Eu te quero offrecer melhor repôso.

He o meu lizo, o férvido meu peito;  
 A nóda que lhe vês, tu lha deixaste,  
 A cama he inda, que lhe tinhas feito.

Conta-me, porq' hum seculo tardaste;  
 E cada instante, que te viste ausente,  
 Por mil dias, como eu, o não julgaste?

Qual era d'esse Mundo a nova gente,  
 Como te foi na vasta romaria;  
 Não teve a minha Esposa hum gráo decente?

Quem?

Quem ? quem mais extremo te servia ?  
 Collóquios, que te fez, devo fabellos ;  
 E o que Lesbia tambem lhe respondia.

Sou o mesmo que fui nos meus desvélos ;  
 Que todos cobicarem-te presume ,  
 E q' até de mim proprio ardia em zelos.

Nem de affecto mudei, nem de costume ;  
 Amei-te intacta, e dos delidos ossos  
 Contas inda te pede o meu ciume:...

Mas ai de mim ! que miséros destrossos !  
 Não volvem olhos teus, e a lingua muda  
 A frase esquece dos requebros nossos.

Falla, ingrata ! não fiques tão fizuda,  
 Falla a verdade ; o que já mais fizeste,  
 Faze huma vez, hum fingimento estuda !

Falla, ah ! falla : .. ai de mim ! vibora em peste  
 Trocou talvez contigo vis entranhas,  
 E nem de Lesbia a pelle já te veste.

Desdentada caverna me arreganhas,  
 Subistue os teus olhos balsa escura ;  
 E os dedos são arpéos com que me apanhas.

Huma a outra a mirrada face fura ;  
 Sapos ornão a calva q' esfarelas ,  
 A calva q' une mal podre costura.

Armando no ar as lívidas costélas  
 Nada tem dentro ; e bambaleando trocas  
 As esbrugadas-putridas canélas.

A tédio , em vez de amor , tu me provocas ,  
 Nos malinos effluvios que te exhalão ;  
 E ortigas em ti palpo se me tocas.

De feu ligame os membros teus se abalão ;  
 E a voz , q' a meus desejos acarinha ,  
 O rumor he dos ossos que te estalão : . . .

Foge , fuge de mim , sombra mesquinha !  
 Vai recolher-te á tua sepultura ,  
 Ou deixa recolher-me em paz na minha.

Nem garbo tens de Lesbia , nem figura !  
 Outra era a condição de Lesbia linda ;  
 Lesbia inda morta mostrará doçura :

Lá nesse abyfmo , entre os horrores inda ,  
 A' morte , q' a destróe , a minha Amada  
 Hum affago escondeo com que me brinda.

De furia infame , a furias costumada ;  
De humana arpia , se não julgo errónio ,  
Q' á vida torna , debes ser a offada .

Não , contigo não era o matrimonio ;  
Não me toques , ó monstro ! he duro incésto ;  
De Lesbia eu sou , ó súcubo demonio !

Não , eu não te chamei , nem te requesto ,  
Lesbia chamei , minha melhor metade ,  
A quem busco entregar este seu resto : . . .

Ah ! q' hei dito ? a que feia extremidade  
Me arrojou hum fantasma lisongeiro ,  
Embuftes embrulhando co' a verdade ?

Perdeo a alma o brilhante seu luzeiro ;  
E a redeas-soltas meu cruel desgosto  
Contra a razão se armou em cavalleiro !

A' maneira q'em seu cançado encofto  
Sonha com a agua hydrópico abrazado ,  
E ao pé da fonte entende q'está posto :

Affim em sêde , em fome o meu cuidado  
Fingio nas ondas de seu vão martyrio  
Com o Bem , que suspira , ver-se ao lado .

Perdôa , ó Lesbia , lá do santo Empírio ,  
 Se ao mesmo espolio teu com lingua impura  
 Ultrajes fórma o louco meu delírio.

Eu da lei me esquecia , da lei dura ,  
 Que despir manda á borda do jazigo  
 Fasto altivo de uffana formosura.

Nesse vasto celleiro , nesse abrigo ,  
 A fouce varredora entulha a eito ,  
 E nem joeira de ervilhaca o trigo.

Isto q' o Mundo intitidou respeito ,  
 Moeda he sem valor que lá não corre ;  
 E o cunho , que lhe pôz , já vai desfeito.

Grato matiz , q' os camarins lhe forre ,  
 Engeita a morte , a fala quer escura ,  
 E praga envia , que primeiro o borre.

Ao mesmo panno inda estragar procura ;  
 E do quadro gentil o que conserva ,  
 Retalhos são apenas da moldura.

Louçãa Rainha , ou remendada ferva ;  
 O estado , que lhes deixa , estado nobre ,  
 He lodo , he ásko , he bixaria , he erva.

Assim vai o opulento, assim o pobre ;  
E o q' hoje lhes lamenta o podre ornato,  
De iguaes enfeites á manhã se cobre.

Tal, Lesbia, se tornou teu gesto grato ;  
Tal a meus olhos debuxar-se veio,  
E outra vez se apagou o teu retrato.

Foi cavar-se outra vez da terra ao feio ;  
E o mimo, que me fez por despedida,  
Foi da minha illusão hum riso feio.

Riste sim, Lesbia, da arrogante lida,  
Com q' imagens de gosto inda eu me traço  
No q' he só morte, e o nome tem de vida.

Nesse, onde jazes, nesse teu regaço,  
Immovel, fria, e muda, tronco horrendo,  
Respiras sem estrondo ; o q' eu não faço.

Ao contrario esta voz, q'em vão te rendo,  
O passo que se anima ao teu conforto,  
Bulindo o pulso, e o coração batendo,  
Sinaes são certos, provas são de morto.

SEPULTURA  
 DE  
 LESBIA.

---

P R A N T O VI.

**A** Esta hora, ó Lesbia, a hora semelhante,  
 Sobre jardim, q' em mausoléos se troca,  
 Te visitava o teu mimoso Amante.

Nas doces trévas, cujo auxilio invoca;  
 Da propria luz cioso, a ti corria;  
 A alma nos pés, e o coração na boca.

Que tua voz, que passos teus ouvia,  
 Hum vento rugidor me figurava;  
 E hia abraçar-me á folha que bulia.

Na antiga posse de teu riso estava;  
 E inda quando te busco, louco eu creio,  
 Ser a primeira vez que te buscava.

Até não ver-te , de faudades cheio ,  
 Em cada pulsação de arterias minhas  
 Hum seculo eu julgava de permeio.

Tu , que de igual desejo te mantinhas ,  
 Nas azas da affeição , que te desvêla ,  
 O balsamo a meus ais trazer-me vinhas.

Illudindo tyranna sentinela ,  
 Que teu fogo innocente mal reprime ,  
 Meu prazer te era a lei , gentil Donzela.

Suavissima lei , prazer sublime ;  
 Nunca infestados do maligno dente ,  
 Com que mordido se deslava o crime.

Sim , Lesbia ; em vão sondava escaça gente  
 Mysterios de hum amor , que bem sabia ,  
 Q' ao Ceo não cança o olho seu patente.

Mas tudo se acabou!... já cinza és fria ;  
 E ao desamparo em erma sepultura ,  
 Já preceitos não tens , não tens vigia.

Pasto a bichos excelsa formosura ,  
 Não ha quem lhes dispute a grata mêza ;  
 E a tua guarda he huma pedra dura.

Pedra não posta em guarda á gentileza ;  
 Sim posta ao rude insecto , que fugindo ,  
 Por acabar não deixe horrivel prêza.

Nisso parou o extremo , e o gesto lindo ,  
 Pararão nisso as sólidas promessas ,  
 Q' hum sopro as fórma , e outro as vai fumindo.

Thalamo encomendado a muitas peças ,  
 Onde hão-de reclinar fiéis Amantes ,  
 De feitio mudou trocado em eças : . . .

E onde , ó Lesbia , onde estão esses instantes ,  
 Esses mesmos instantes de alegria ,  
 Que tu julgaste , e q' eu julguei constantes ?

Desfeitos como nevoa ao quente dia ,  
 E arrancados de novo á nossa idade ,  
 Revoarão á fonte q' os envia.

Qual o globo em subtil velocidade ,  
 Sôlto ao cume de atroz desfiladeiro ,  
 Cahir forão na immensa eternidade !

Affim vôa o mais tudo lisongeiro ;  
 Affim o gosto momentaneo vôa ,  
 E se ha quem dure , o travo he seu grosseiro.

A nada a inexoravel lei perdôa ;  
A tudo , q' he do tempo , o tempo acaba ,  
E elle mesmo acabando em ar se escôa.

Traçado o gosto , eis torre lhe defaba ,  
Q' a mil varas sepulta pela terra  
Beição q' o prova , e coração q' o gaba.

Ditoso quem ao Mundo não se afferra ;  
E pronto sempre a proseguir viage ,  
O povôa em castigo q' o desterra.

Affavel q' o demore a hospedage ,  
Feliz quem a não toma por vivenda ;  
E da estrada a suppõe breve estalage !

Rijos trabalhos , misera contenda ,  
Veneno solapado em aurea fruta ,  
São d'este adulator a vil offrenda.

Do meu , e mais do teu a vã disputa ,  
De quem sou , de quem és a bulha porca ,  
He o que se ouve , e nada mais se escuta.

Seus effenciâes titulos enforca  
O Mortal louco ; e degradada a orige ,  
Por accidentes a substancia alborca.

Esta mania os corações lh'afflige ;  
 Esta a peçonha , que lhes lavra o peito ,  
 Este o contagio , e a circular vertige.

Carácter seu não goza algum respeito ,  
 Olhado em si ; e da nobreza sua ,  
 Sem comparar-se aos mais , não faz conceito.

Daqui sobre si mesmo se enfatúa ;  
 Daqui sómente odio-mortal se ganhão ,  
 E abaixo não ficar , ancia he commua.

Qual differente especie então se arranhão ,  
 Ah ! mordem , rasgão ; e da mão , q' o come ,  
 Huns a outros o bocado se arrepanhão !

A' fera então , que de improviso o tome ,  
 Engorda o Home ; e seu engenho apura  
 Na arte exquizita de pilhar ao Home.

Se a negaça falhou , d'elle murmura ;  
 E immune o sanctuario em que descança ,  
 Corso inda lhe vai dar na sepultura.

O Filho ao Pai , o Pai ao Filho avança ;  
 He laço o sangue , q' uniões não tece ,  
 E em aggravo se torna a similhaça !

Assim profegue o Mundo , assim fenece ;  
 Corrupto por herança transmittida  
 Das primeiras Estâcas do alicéce.

De paz o sobrescrito nos convida ;  
 E aberta a carta , o que se lh'acha dentro ,  
 He guerra , he peste , he fome , he pura lida ! . . .

Tu , Lesbia , que lh' andastes já no centro ,  
 E em fim do rol terrivel te riscaste ,  
 Onde inda a meu pezar na conta eu entro :

Quando ao fatal momento lá chegaste  
 De lhe dares a eterna despedida ,  
 Antes do novo rumo que tomaste :

No cume extremo da ingreme subida ,  
 Que de hum lado olha á Terra , e d'outro lado  
 As fundas vargens vê da immensa vida :

Da fastidiosa Scena o véo queimado  
 A' grata luz da agonizante véla ,  
 Que nas mãos te sustinha a mão do fado :

Nessa enfeitada perspectiva bella ,  
 Que vida o Mundo intitidou risonho ,  
 O que mais te agradou ? que viste nella ?

Miserias viste , hum turbilhão medonho ,  
 Hum valle triste , hum fardido atoleiro ;  
 Huma contínua farfa , hum mero sonho.

Fraco o enfermo , e fraco o enfermeiro ,  
 Fraca dos proprios Medicos a junta ;  
 Fraco abanando o hospital grosseiro.

Bronze , e ferro he qualquer que se pergunta ;  
 E aquelle com seu mesmo pão se affoga ,  
 Este indo esternutar se desconjunta.

Podre a materia , o siso assim não voga ;  
 Huma casa he de loucos rematados ,  
 Q' ao cêpo , q'os prendeo , mais laços roga.

Mentecaptos , e todos entrevados : ...  
 Se acaso , ó Lesbia , do q' estás mais certa ,  
 Reaes são elles , e não são pintados !

A fallaz sensitiva porta aberta ,  
 Quem sabe , se com-sigo até se engana ;  
 E então mais dorme , quando mais desperta ? ...

Mas invisivel monstro em fôrma uffana ,  
 Q' aturdida do Mundo então não viras ,  
 Nefs' hora o viste em torno á gente infana :

Monstro fovado em horridas mentiras;  
 Hermaphrodita, e que transforna a face,  
 Que já de infante, e já de ancião lh'admiras:

De toda a condição, de toda a clace;  
 Q' humas vezes se estende, outras se enrola,  
 E extinto acaso, subito renace:

Gyrando altivo de soberba cóla,  
 Onde apenas seu halito bafeja,  
 As veias enfartava, e a carne empóla:

De mortal, em mortal, a quem corteja,  
 Porque ninguem se palpe as mãos lh' atava,  
 E olhos vendava a que ninguem se veja.

O orgulho este era, orgulho se chamava;  
 Filho espurio, que contra os Pais se affoma,  
 A quem vaidade, e o proprio-amor gerava:

Antigo como o Mundo q' elle doma,  
 E unido o seu ovário ao nosso ovário,  
 Medra com-nosco, e nossa frase toma:

Menos suspeito assim seu gésto vário,  
 Cuidando q' a razão nos elogia,  
 Quem nos falla he o applauso seu falsario.

Ao toque infame da serpente impia,  
 O nescio se enfronhava em sabio summo,  
 E gigante o pygmeo se presumia.

Peito emproado, e de cabeça a prumo,  
 Ludibrio erão do vento, q' as arvora,  
 Essas ôccas pyramides de fumo.

Tonta da embriaguez, que não melhora;  
 Brindava a turba sobre seu jazigo;  
 Com o pé ora dentro, e ora fóra!

Tu tambem, rica Lesbia, cega ao prigo,  
 Te vias teu papel representando  
 No rizivel theatro! e a mim contigo.

Alheia gala em varia côr trajando,  
 Não nos lembrava a noute, a noute escura,  
 A noute de a despirmos ja chegando:...

Primeiro rematou tua figura;  
 E inda eu fiquei na deploravel scena,  
 Prêzo por hum arame, que não dura:

Arame fim, ou força mais pequena,  
 Q' á formiga sustem em curto estio,  
 E hum inverno sem fim depois lh' ordena:

Aérea teia, e semipôdre fio,  
A que se pega a cogitante aranha,  
Que do Mundo se arroga o senhorio!

A hum canto do seu reino se emmaranha: . . .  
Até q' a morte, a destra caçadora,  
Obreiro e obra em nova rede apanha.

Affim, ó Lesbia, Lesbia encantadora,  
'Apanhada tu foste, affim colhida;  
Nem ha vestigio de quem Lesbia fôra!

Em doce primavera flor luzida,  
Conta fazias com alegre outono;  
Mas errada era a conta, e foi perdida.

Fausto verniz não te fervio de abono;  
Q' a Planta se murchou a hum ar nocivo,  
E eu com ella enfezado seu colono:

Della, e de mim, sem outro lenitivo,  
São minhas tristes lagrimas o fruto;  
Lagrimas em que só te sobrevivo,  
E que te verto em misero tributo.

SEPULTURA  
DE  
LESBIA.

---

P R A N T O VII.

**Q**' Estranha condição he esta minha ?  
Quando o Sol para os mais desaparece ;  
Grata aurora a meus olhos se avifinha.

Hum Pólo , hum Orizzonte igual me aquece ;  
E o Ceo , que prostra os mais , me faz q' acorde ;  
Hum antípoda eu sou de nova espécie !

Tu , minha Lesbia , lh' inverteste a orde ;  
Motivo és de q' a noute em luz me cinja ,  
E q' em trévas o dia me trasborde.

Basta q' o pensamento meu te finja ,  
Para eu ver a manhã ; e se te aparto ,  
Sobra porque de horror tudo se tinja.

Sêcco de te fallar , e nunca farto ,  
 Por nossa conferencia eu meço as horas ;  
 E a claridade , ou sombra assim reparto.

Do mesmo teu sepulcro , onde já moras ,  
 A meus olhos brotando em alegria ,  
 A noute matas , e seu manto córas.

Apenas te não pinta a fantasia ,  
 E te recolho á tua sepultura ,  
 Debaixo dessa pedra morre o dia.

Sim , ó Lesbia ; de tua cova escura  
 Novõ relógio de outro Sol maquino ,  
 Onde he o monstrador minha amargura.

Faz meu pranto o meu gallo matutino ,  
 Meu jantar o meu pranto estogueado ,  
 E meu pranto o meu leito , em que reclino : ...

Mas se á luz natural me vês calado ,  
 Que sem ti minha lingua então se esfria ,  
 Ao menos hoje não fiquei parado.

Qual o enfermo de pessima ophthalmia ,  
 Que de sustos cercado , e de desmaios ,  
 Da alma lucerna ha muito se escondia :

Que fuster não podendo os vivos raios,  
 Entre hum troxo clarão, cessando o prigo,  
 Entra a fazer da antiga vista enfaios:

Affim eu ferrolhado em teu jazigo,  
 Deixando a melancolica espessura,  
 De hum tibio resplendor busquei o abrigo:

Perto o achei, que perto se procura;  
 Vasto, como he, da Terra o hemisferio,  
 O chão, que sei, he tua sepultura.

Em roda andei teu domicilio ferio,  
 Salas corri do alvergue teu soturno,  
 Teu palacio, teu amplo cemiterio:...

A' maneira de hum phósphoro nocturno,  
 Podres effluvios pelo sitio opaco  
 Voltejando se vião por seu turno:

A's sombras misturando hum fulgor fraco,  
 Manavão do cadaver disoluto,  
 A través do envoltorio negro sacro.

Inda allí, minha Lesbia, o pó corruto,  
 Em fileiras accezo, figurava  
 Nossas medonhas procissões de luto!

Agonizante alampada espalhava  
Sobre os mudos 'covaes mobil reflexo,  
Q' ondeando parece me accenava:...

Arripiei-me, estremeci perplexo;  
E essa vez meu espirito encolhido  
Com a vida suppôz findar seu nexo!

Da funda terra hum lúgubre gemido,  
Como a quem façanhosa pedra esmaga,  
Veio então figurar-se a meu ouvido.

Bambaleei, morno suor me alaga;  
E a cada passo meu, q' o chão facode,  
Quasi q' a rouca abobada se estraga.

Ou fosse q' em mim tanto o susto póde,  
Ou q' avulsa trabalha a lingua fria;  
O' Lesbia, eu proferí, ó Lesbia acode:

Mortal écco inda ao nome teu partia,  
Pelas rijas colunas embaçado;  
E até rota a palavra alli morria!...

Mil vezes no almo Templo eu tinha entrado,  
Visto eu tinha a tragedia lastimosa;  
E a teu sepulcro eu hia costumado:

Mas talvez assembléa numerosa,  
 Ou tua image aos olhos meus presente,  
 A Scena punhão menos pavorosa.

Sem piza agora, e sem rumor de gente,  
 Sem teu rosto gentil que me conforte;  
 Meus animos cahirão de repente.

Então do lodo eu vi o estrago forte,  
 Vi da miseria os rigidos insultos;  
 Vi quanto he feia a habitação da morte!...

Além d'esses milhões na terra occultos,  
 Nem q' estreita ella fosse! lá jazião  
 Alguns finados corpos insepultos:

Insepultos sim, Lesbia, inda se vião;  
 Que curto o tempo ao fordido Coveiro,  
 Huma sobre outra as victimas se envião!

Tenro-pulcro Menino era o primeiro,  
 Que do berço passou á sepultura;  
 Primário seu caminho, e derradeiro:

O choro, em que nasceo, inda lhe dura;  
 E a esse riso atalhou a feia estancia,  
 Que lh'enfinava a maternal doçura:

Ornada estava a innocente infancia  
De alvo palmito, e candida capélla ;  
Symbolos da feliz sua ignorancia :

Sem remorso inda ouvia atroz procella ,  
Tocava sem receios vivo lume ,  
E ao azebre chupava sem cautela :

Quando a morte aleivosa por costume ,  
Sendo o gerado ser o seu delito ,  
Lhe apertou da tifoura o ímpio gume !

Era a segunda no fatal distrito  
Grata Donzella em horrida mortalha ,  
Que teve nos seus quinze igual conflito :

De pura neve fulgida toalha  
Lhe estendeo pelo feio a natureza ,  
Que cegueira a hum tempo e luz espalha :

Convidão ao prazer na franca meza  
Pulando em viço os pomos tentadores ,  
A que não basta natural defeza :

Ladrão o labio , e os olhos roubadores ,  
Doce emboscada a corações escaços  
Forjado tinhão em covil de amores :

Settas para ferir a cem mil passos  
Formado em arcos o sobr'olho expede;  
Loura trança estendia furdos laços:

A boca apenas abre, tudo cede;  
Com dentes de marfim por sua escolta,  
Q' á estrada sahe, e bolsa, ou vida pede:

Era outra Lesbia ao resplendor que sólta;  
A ti fería em tudo semelhante,  
Se acaso fosse menos desenvólta:

Mas a mão do Pintor, a mão possante,  
A sua obra desfez n'um só minuto;  
E trancou pelo pé a flor brilhante!

Seguia-se hum Mancebo resolutto,  
Q' os deleites, q' offrece a mocidade,  
Poucos julgava para seu tributo:

Sinco lustros contava só de idade;  
E para inda exceder-se além de velho,  
Não conhece mais lei do q' a vontade:

Outro amigo fiel, outro conselho  
Aos bem fornidos membros não escuta,  
Mais q' a falsaria-furda voz do espelho:

A mão correndo pela barba hirsuta,  
Por suas forças seu durar media,  
E n'um cabello hum seculo reputa:

Novos planos traçando, noute, e dia,  
A' ambição não-farta, q' o devora,  
Estreito o largo Mundo parecia:

Tudo se lhe fumio n'uma só hora,  
Nevoeiro terrivel varreo tudo;  
Nem a dizer-lhe adeos achou demora!

Grave Matrona de hum olhar sizudo  
Sobre o theatro do salão quieto  
De quarto actor servia; porém mudo:

Renunciára ha muito o seu projeto  
Todo esse trem de frivolo transporte,  
Que moda chama hum libertino affeto:

Diante lhe levára a crua morte,  
Para ensinar-lhe o funebre caminho,  
Seus unicos enlêvos, seu Conforte:

Qual a pomba-viuva, q'em carinho  
Ora o papo aos borraços tenros vaza,  
Ora os óvcs visita ao novo ninho:

Assim a triste Mãe na triste casa  
Consolava inda ha-pouco a orfa Prole;  
E de amor abrazada, mais se abraza:

Porém já fria está, e já não bole;  
Rude filhinho pela cama inteira  
Palpa em vão, e só lágrimas engole!

Velho insulso, alvejando co' a poeira  
Da traba'hosa asperrima jornada;  
E re-folgando apenas da carreira:

Q' á carga de seus dias prolongada  
Curva no espreque; e já do chão, q' o trilha,  
A custo arranca a trémula pègada:

Que da proveçta idade, a que se humilha,  
Debalde se esquecêra por incuria,  
Co' a certidão na face q' encarquilha:

Que não farto talvez de tanta injuria,  
Inda aos Ceos se rogava mais annofo,  
A fim de accumular maior penuria:

Fechava alli o rancho tenèbroso;  
O rancho q' em vapor se communica,  
E que se trava em misero repôso!...

Eu, Lesbia, que tal vi, ó Lesbia rica,  
 Disse comigo: „a morte em q' he molesta,  
 „ Se por officio nossa estrada fica?

„ Longa-estrada-real, sem noute, ou fésta;  
 „ Que de quantas o humano passo cruza,  
 „ Em todo o Orbe a mais seguida he esta!

„ Dado q' a descançar nos não conduza,  
 „ O costume a fizera menos ágre,  
 „ E huma certeza a que não vale escusa.

„ Quem nasce, he porq' á morte se confagre;  
 „ Em nosso leito, em nosso pão nos cerca;  
 „ Viver-se hum dia só, he q' he milagre.

„ E q' ha na stulta vida que se perca?  
 „ Sómente apôs da morte a vida atura;  
 „ Barata compra, que n'um ai se merca! „

Disse-o: e corri á tua sepultura,  
 Onde se me enterrou o Mundo infano;  
 Para melhor sondar-lhe a vã loucura,  
 E confirmar com tigo o desengano.

SEPULTURA  
DE  
LESBIA.

---

P R A N T O VIII.

**T**ornei, ó Lesbia, aos miseros destroffos,  
Ao meu passeio, meu pomar ufano,  
Instructivo Museo, cascata de ossos.

Lá tornei onde ao presumido Humano,  
Tornado em cinzas, a feu salvo insulta  
Feio gorgulho, e fetido guzano.

Naquella escola he q' o proveito avulta;  
Nas mais se ouve a estolida vaidade,  
E alli o defengano se consulta.

Vira eu hontem morrer de toda a idade;  
E hoje saber eu quiz, se á morte véda  
Raro attributo, ou nobre qualidade.

A meus olhos fumida a noute leda  
Em seu carro estrellado ; e o dia horrivel  
Refurgindo em medonha labareda :

Em quanto o debil Animal passivel ,  
Q' em desconto a desastres , que só sente ,  
A graça obteve só de ser risivel :

Em vez de que mais triste se lamente ,  
De hum novo Sol os parabens se dava ,  
Para hum prazer que no melhor lhe mente :

Eu , minha Lesbia , os tumulos buscava ;  
E em gyro á tua opáca sepultura  
Teus fizudos Collegas visitava.

Em soturno silencio a Aula escura  
Ao Mestre inculca universal respeito ;  
A' morte que de mestre alli figura.

Em alta ruma , a canto mais estreito ,  
Alveja a esbrugada livraria ,  
A cuja capa o tempo tem desfeito.

A' funesta profunda anatomia ,  
Já na terra os da vespera ensinados ,  
Nova ordem de Discipulos corria.

Porq' os preceitos fiquem mais lembrados,  
Tentada em si a analyse primeiro,  
Com-figo aprendem, mesmo em si cortados.

Estava, ó Lesbia, usurpador Mineiro,  
Q' ha dias hido, agora he que chegára,  
Inda afferrado ao fordido dinheiro:

Da areia, q' adorou na burra avara,  
A reliquia fingio, que contra a morte  
Novo-não-visto antidoto formára:

Antidoto abafado q' o conforto;  
Q' a necessario ser q' lhe mechesse,  
Pelos dobrões não commutára o corte:

Seu Deos o ouro, Decálogo o interesse,  
O mais era fantasma, em que não cria;  
E antes hum olho, q' hum real perdesse:

Ao escravo hediondo, q' o servia,  
Nem q' o clima perverta a similhaça,  
Como a potro feroz, marcado havia:

Mas a hum e a outro já forte igual descança;  
A cinza de hum não mais q' a d'outro péza,  
Huma e outra levadas á balança!

Crime infiel de magestade léza  
 Era tocar nest'Outro, quando vivo;  
 Nest'outro q' o seu Rei sentava á meza:

Humilde em seu estado primitivo,  
 Fortuna, q' huns sublima, outros arrasta,  
 Aos degráos o hobreou do Trono altivo:

Na volumosa chapeada pasta  
 De huma Provincia em pranto, que lhe roga,  
 A causa enterra, e com os pés a affasta:

Decretos lavra, antigas leis deroga;  
 E segundo lhe appraz, nega, ou promete  
 Vermelha Banda, e roçagante Toga:

Dessa escoria fervil, q' á luz o mete,  
 Já se não lembra, della apenas visto;  
 Ministro immediato ao Gabinete:

Porém a si rizonho, e aos Ceos malquistro,  
 A Parca o arrancou de seu sacrario;  
 E em praça o pôe o féretro imprevisto!

De alta empreza Guerreiro temerario,  
 Curtido a fumo, e pó, viera ha pouco,  
 Apôs hum louro, que lhe foi falsario:

Co' as vidas , que roubou , pensava o louco  
 Comprar a vida ; ou q' essa morte o teme ,  
 A morte lenta , q' affrontara amouco :

Bruto enfima de bruto , rincha , freme ;  
 Na testa de impavida phalange ,  
 Musica lhe era grata a voz que geme :

Mas o que rio do açacalado alfange ,  
 Q' affeito encara ao arcabuz acceso ,  
 Não sólta a febre , que seu pulso abrange !

N'um espinho de tropas indefeso ,  
 Cativo acaba o Salteador bisarro ;  
 De pés atado , e rijas mãos já prêso :

Trocado em tumba o triunfante Carro ,  
 Tarde annuio , q' o barro quebradiço ,  
 Do modo q' o envernizem , sempre he barro !

Ah Lesbia ! julgava eu , que se ha feitiço ,  
 Que da morte suspenda o defacato ,  
 Para a Sciencia ; e enganei-me nisso :

Affrontada do Mundo , Mundo ingrato ,  
 De hum Ministro dos Ceos , juiz sizudo ,  
 Entendi que tivesse melhor trato !

De Annelinda , e de Bólra , vasto Estudo  
Lá jazia ; e talvez por mais tormento ,  
A' sua cabeceira tinha hum rudo :

Onde póde hir mortal conhecimento ,  
Fôra o feu ; a vigílias não se escusa ,  
Gosto raro , rarissimo talento :

Por crôa da doutrina quasi infusa ,  
Parecia nos braços embalado  
Da encantadora , da divina Musa :

Mas cedeo de igual sorte ao duro fado ;  
Toda a differença foi n'um ar de riso ,  
Com q' o trago bebeo do cópo ervado !

O que mais perto , Lesbia , lhe diviso ,  
Hum d'Esses he , que de hum mirrado Tronco  
Formar usáo seu grato paraíso :

Mais pago então de si , quando mais bronco  
Ao Pobre humilde , da veloz berlinda ,  
Soltava por esmola altivo ronco :

Nas lautas mêzas , em q' impando brinda  
Se julga a seus Avós satisfazendo ;  
E q' a mais não fez cá a inutil vinda :

Diz, q' ao faltar fará hum vácuo horrendo ;  
 E o vácuo he para o urco, que lh' engorda,  
 Em fome ás portas Orfãos mil gemendo.

Sentindo em vão, q' o coração lhe morda,  
 Arrostando-o co' a fouce, que não tarda,  
 O vicio o adormece, em vicio acorda :

Ella porém, q' a pompas não resguarda,  
 Entre os faustos banquetes o procura,  
 E o suffoca engafgado co' a mostarda !

Lá mais dentro soberba architectura  
 Espanto novo aos olhos meus fulmina  
 No risco não-vulgar de sepultura :

Empollado epitafio alli me ensina,  
 Ser o defunto de mais alto porte ;  
 Posto que padecesse ignal ruina :

De Monarca era, de Monarca forte,  
 Q' avezado a palacios por morada,  
 Hum teve em vida, e outro quiz na morte :

Caia a martello a máquina elevada ;  
 A vaidade alli mesmo evita em pejo,  
 Que se examine o tudo do seu nada !

Ceos ! busco , indago , e o Principe não vejo ;  
 Se era esse esbranquiçado podre embrulho ,  
 Poucos palmos lhe torão de sobejo :

Mas vingando aos direitos seus o esbulho ,  
 Sua herança recobra a terra avara ,  
 E lhe deixa essa côdea vá do orgulho ! . . .

C'os sceptros vi a Mitra ; e se a Tiara  
 Alli não se encontrava de mistura ,  
 He porq' o Mundo a produzio mais rara.

Breve pausa então fez minha amargura ;  
 Então reconheci , Lesbia querida ,  
 Não ter mais privilegio a formosura :

Esta a tua profapia esclarecida ,  
 Esta era o teu estado , e o teu thesouro ,  
 Q' em carvão se mudou na despedida :

Carvão , quando talvez sonhavas ouro ;  
 Que pára nisso tudo o mais sonhado ,  
 E nisso o troca o vasto forvedouro.

De porta em porta , com o pé calado ,  
 Ladrão q' a rodo pega , e nunca escolhe ,  
 Gyra a morte de aspecto rebuçado :

Estanho e prata ao mesmo furto colhe;  
 E de armazem o proprio mar lhe serve,  
 Por acanhada a terra, em q' o ferrolhe.

Onde quer q' a mão palpe, o olho observe,  
 Tudo são da catástrofe resquícios;  
 A carne se apóstema, o sangue ferve.

Inda-ha pouco o obelisco dava indícios  
 De fincar entre os Ceos o collo alçado;  
 E nem memoria ha já dos edificios!...

Se ha quem o rijo ferro embote ao fado,  
 Quem immune dos tiros seus se esconda,  
 He tão sómente hum Proceder honrado:

Esta a prancha he, que sobrenada á onda;  
 Para encontrar do pélago sabida,  
 Este o sabio quadrante, e esta a sonda.

Pelo tempo contar-se amarga vida,  
 He erro, he o requinte dos enganos;  
 He confundir hum bem com pura lida.

Se he ventura o durar entre os Humanos,  
 Deve fazer-lhe o cálculo a Virtude,  
 Q' os dias só baliza, e data os annos.

Quem marca de outro modo, affáz se illude ;  
 Numeras instantes de fugace vento,  
 E horas despreza que nada-ha q' as muda.

Horas cada huma com valor de hum cento ;  
 Quando ociosa-estupida velhice  
 Se não póde prezar de hum só momento.

Virtude obsta q' o tempo se espedice ;  
 E cozida com nosco, entranha nova,  
 De seu uso depende o ser felice.

Depois inda q' o corpo envia á cová,  
 Ella sobre os vestigios seus gabados  
 Outra especie de vida nos renova.

Affim, Lesbia, aos teus vinte bem logrados,  
 Como se fosse hum seculo jucundo,  
 Teus meritos croaste rematados:

E oxalá, q' entre as máguas, de q' abundo,  
 Nos meus trinta se achasse igual valia!  
 Para melhor soltar-me ao falso Mundo,  
 E beijar minha carta de alforria.

SEPULTURA  
DE  
LESBIA.

---

PRANTO IX.

**S**eu doce orvalho a fresca madrugada  
Inda em desgrenho bocejando vinha ;  
Como Lesbia algum dia trefnoitada.

A espreguiçar-se tremula caminha ,  
De neve e de escarlata tinto o rosto ;  
Méscla igual á q' a tua face tinha.

De ramo em ramo , seu temor deposto ,  
Já se ouvia a republica das aves  
Com terna voz cumprimentar-se em gosto.

Levado ao Ceo dos zéfyros suaves ,  
Pagava a flor seu voluntario incenso ;  
Vergonha eterna a corações ignaves !

Nas entranhas da terra , no mar denso ;  
Lendo-se estava o titulo brilhante ,  
Que por tudo lavrou a Mão do Immenso.

Elle mesmo , Omnipræsens Viajante ,  
A ver prodigios feus de si sahia ;  
O Sol por tocha , que lhe vai diante.

Eu porém , Lesbia , a quem rejeita o dia ,  
Como esses myopes passaros da noite ,  
Me embrulhava co' a tua campa fria.

Olhos fechando ao refulgente açoitte ;  
De huma caveira , que me deo o acafo ,  
Fiz mimosa almofada , a que me acoite.

De magua sobre magua o peito raso ,  
Potencias affogava de seu Dono ,  
E a pique hia a razão no cheio vaso.

Eis-que grata mixtão , q' em meu abono  
De succosos meimendros se extrahira ,  
Borrifou sobre mim affavel fomno.

Encalmado bisfouro , que sahira  
Do molle encofio meu , zunindo em roda ,  
Novo acalanto ás palpebras me inspira.

DE SANTOS, E SILVA. 83

Dormi: . . . mas não dormio a minha noda,  
Não a afflicção, que, sem a mim juntar-te,  
Não pôde descansar, não se accomoda.

Douo por ver-te, e douo por fallar-te,  
Sobre as azas de aéria fantasia  
Estreito o Orbe foi para eu buscar-te.

Certo do teu cadaver, que jazia;  
Ah! do cadaver teu, que só jazendo,  
He q' então a par delle eu dormeria!

Pelo hospede liberto ao valle horrendo,  
Por tua alma gentil, que solta estava,  
De astro em astro andei tudo revolvendo.

Genios do ar habitantes, q' encontrava,  
Santos Nuncios ao misero degredo,  
Onde he Lesbia? por Lesbia eu perguntava.

Todos me punhão sobre a boca o dedo;  
E o joelho diáfano curvando,  
Lombro encolhião ao fatal segredo.

N'um côro de clarins escaço bando,  
Mais alvo q' o puro ar, q' o puro arminho,  
Pela fluida expansão eu vi nadando:

Suppuz logo seu rapido caminho  
 Ao suspirado, ao venturoso Assento;  
 E a esteira eu lhe sigo mais visinho :

Mas o rasto lhe apaga subtil vento,  
 E de improviso aos olhos meus se escôa;  
 Mais veloz do q' o proprio pensamento.

Eis mudo turbilhão os Ceos povôa,  
 Que de branco e de negro a cor mistura;  
 E mór pêzo inculcando, menos vôa:

Julguei, q' ao rijo Tribunal procura,  
 Onde a mesma esperança, que conforta,  
 Da grave expiação o fogo apura.

A acompanhar-te novo amor me exhorta  
 De me adorares no unico teu crime;  
 Porém mais que gyrei, não acho a porta.

Assim por toda a região sublime  
 Apôs de teu espirito eu vagava;  
 Sem matar a saudade que me opprime.

Quando:...ah Lesbia! inda agora o chão se aggrava  
 Da feia historia de meu triste sonho,  
 E de horror teu sepulcro mais se cava!

Quando aos fragores de hum fuzil medonho  
 Rasgada a nuvem, em q' andava prêza,  
 Sobre horrenda avejão meus olhos ponho.

Não produzio a vasta natureza,  
 Fingir não soube a fabula em patranhas,  
 Monstro mais feio, ou de maior torpeza.

Feições comidas, pés, e mãos grifanhas;  
 Putrida cária os ossos bolorece,  
 E livido esfacelo por entranhas:

Sangue empastado as veias ennegrece;  
 Vermes os nervos são em corda unida,  
 E immunda caspa os musculos lhe tece.

„Mortal „.. me diz com parda voz fumida;  
 E a cada huma palavra, lingua e dentes  
 Fétida lasca expulsão já delida:...

„Mortal nascido de mortaes Parentes,  
 „Q' ha seculos em pó, soberba tua  
 „Inda os anima, e inda os faz viventes!

„Sujeita á mesma lei, á lei commua,  
 „Esta Lesbia, que buscas, Lesbia inteira,  
 „Toda qual era, jaz na cova sua!

„ Finda que foi a misera carreira ,  
 „ A' victima engulio avara morte ;  
 „ Fatal baliza , e ultima barreira.

„ Em ar desfeita a luz ao sôpro forte ,  
 „ O fragil castiçal se torna areia ;  
 „ Outro rumo não ha , não ha mais norte.

„ Porém do orgulho teu a louca ideia ,  
 „ Pois q' exceder não podes hum só dia ,  
 „ De melhor vida então se vangloreia.

„ Como se te allucina a fantasia ,  
 „ Que do que nunca vio assim se gabe ,  
 „ Quem até do que palpa desconfia ?

„ Tua classe na Terra se não sabe ;  
 „ E a differença á tua propria Espece  
 „ Se ignora onde comece , ou onde acabe !

„ Petrificada a ôstra hum folgo tece ,  
 „ Como tu ; como tu , a Sensitiva  
 „ Sobre sua raiz o mal conhece.

„ Se a materia em ti obra mais activa ,  
 „ Negar inda não podes , q' esse effeito  
 „ De hum principio homogêneo se deriva.

„Essá razão, q' aviva o teu conceito,  
 Quem te diz, que não deva sua origem  
 A atomos de hum calibre mais perfeito?

„Quem te diz, q' o fulgor, que te dirige;  
 Do automato hum só habito não seja;  
 Pois no berço era tudo em ti vertige?

„Teu ideado espirito deseja  
 Saber tudo; e a seus raios perspicazes  
 Por mostrar-se a si proprio em vão forceja.

„Dentro em ti mesmo ignoras onde o trazes;  
 E já mais amplo Abrigo, além do dia,  
 Novo arquiteto sobre o ar lhe fazes.

„O mais he, q' animal sem mais valia,  
 Com exclusiva aos mais, da nova Estancia  
 Te attribues tão sómente a regalia.

„Onde fundas, Vaidoso, a arrogancia?  
 Tua industria he talvez quem te habilita  
 Dessa excepção á tumida jaçtancia?

„Vai no campo á abelha de visita;  
 E em toda a tua Quimica segura,  
 Hum favo seu com tuas mãos imita:

„ Esse mysterio ao menos conjectura ;  
 „ Baldado o curioso teu projecto ,  
 „ Sequer a ferramenta lhe procura !

„ Mas basta que só pafmes d'esse insecto ,  
 „ Sem que de tua casa longe faias ,  
 „ Que loja abriu a hum canto do teu tecto :

„ Porque de tua presunção decaias ,  
 „ Com seu fio subtil coteja embora  
 „ Tuas mais finas célebres cambraias !

„ Teu esperto sentido te namora ?  
 „ Ou esse fraco instincto , q' ajuiza  
 „ Quasi sempre o peor , por ti se adora ?

„ Dessa aguia imperial rasteja a piza ,  
 „ Sonda com ella ao Sol a luz dourada ;  
 „ E vê se os telefcópios teus precisa !

„ Segue de est'outro peregrino a estrada ,  
 „ Q' ao seu Paíz já proxima a tormenta ,  
 „ Vem buscar melhor clima de arribada !

„ Céga-te a estatura corpulenta ?  
 „ E nos robustos membros he que fias  
 „ O raro privilegio que te isenta ?

„ Mede com o elefante symmetrias ;  
 „ E calculado com teu mesmo estôjo ,  
 „ Confessa que na tromba lhe cabias !

„ Forças aposta , gemerás de rôjo ,  
 „ Com o vivo-baixel , q' os mares cruza ;  
 „ Vêlas as barbatanas , quilha o bôjo !

„ He tua duração a que te abuza ?  
 „ Cala , basofiator ! que noute , e dia ,  
 „ Teu frequente gemido affaz te accuza !

„ Cala ; e na contumaz tua agonia  
 „ Elles vai consultar , porque melhores ,  
 „ A quem julgas levar a primazia :

„ Hum , a fim de poupar-te acerbos dores ,  
 „ Te ensinou a sangrar ; d'outro aprendeste  
 „ A evacuar superfluos teus humores !

„ A favor seu te nutre o campo agreste ,  
 „ E devorallos he depois teu brio ;  
 „ Vives de sua vida , e até te veste :

„ Lagarta vil te dá no quente estío  
 „ A seda , que te adorna ; e vas ao urso  
 „ A capa despojar no inverno frio.

„ Deixa a teus Pais o abuso , e vão discurso ;  
 „ Se eu , a anniquilação , a tudo abismo ,  
 „ O Homem fica na mesma pena incurso.

„ Tua virtude , e célebre heroísmo ,  
 „ Tua celestial-nova morada ,  
 „ Teu alto premio , he tudo fanatismo.

„ Esse Facho , effa abobada estrellada ,  
 „ Inteiros findaráõ ; e tu primeiro ,  
 „ Tu risível particula do nada ! , , . . .

Avante hia o sacrilego embusteiro ;  
 Demonio infausito , que talvez , penando ,  
 Contra o que soffre , me tentou matreiro.

Mas feio baque no meu peito dando  
 De horror o coração com tal assunto ,  
 Desperto não vi mais o algoz nefando :

E em quanto alma com alma não ajunto ,  
 E esse Reino , em q' estás , não subo a tello ,  
 Com tigo , ó Lesbia , charo meu defunto ,  
 Vim consolar meu triste pezadello.

SEPULTURA  
DE  
LESBIA.

---

P R A N T O X.

**A** Ti, Sabio Young, unico meu norte,  
Cifne immortal da candida virtude,  
Mestre da vida, oraculo da morte:

A ti, sem q' outro invóque a que me ajude,  
Porq' a desfalecida voz se apronte,  
Volve de novo o meu engenho rude.

Para haver de subir meu agre monte,  
Onde a alma eu refresque fatigada,  
O rio és que busquei; nem sei mais fonte.

Na minha historia, historia mal rimada,  
E's tu, sou eu, sómente os que figurão,  
He minha dor, he Lesbia sepultada.

Musas, que de alugar chorar procurão,  
 A fim de q' o seu pranto não se véde,  
 Resfolguem co' as novellas que misturão.

Erudições minha afflicção não pede;  
 Como carpir não finjo em falsa gloria,  
 Nada acho q' os suspiros meus arrede:...

Sim, ó Lesbla! Inoticia transitoria  
 Foi toda a minha, apenas te sumiste;  
 E só tu me ficaste na memoria!

Com o prazer sciencia me aboliste;  
 Desfez-se o fal, varreo-se-me o conceito,  
 A ultima vez que para mim te riste.

Tudo trocaste a maguas no meu peito,  
 Fundas maguas; a cujo desaffogo  
 He curto o labio, e o gorgomilo estreito.

Socorro aos olhos meus debalde eu rogo;  
 Volve a seu centro a dor, que me deixaste,  
 E em vez de allivio em lagrimas me affogo.

Esta a minha instrucção, que não se affaste;  
 Q' ao tempo, que te rõe terra inimiga,  
 A vida com roedores ais me gaste.

Até que d'ambos terminada a briga,

E superflua esta minha sentinella,  
 Nossa alma se una onde não mais se príga.

Onde em triunfo essa rainha bella,

Gratuita emanção da Divindade,  
 Diga ao barro, que nada tem com ella:

Q' era só por emprestimo a amizade;

Que preciso lhe foi esse desgosto,  
 Para melhor saber-lhe a eternidade:

Que lá dentro o seu throno tinha posto;

Patrimonio alto seu, em que descança,  
 Sem mais a bafejar da intriga o rosto:

Que sendo alli de seus Avós a herança,

O Livre Instituidor depois quizera  
 Com seu Sangue estreitallos na alliança:...

Lá, minha Lesbia, o teu amor me espera;

Com tigo lá irei zombar hum dia  
 D'este paiz da estolida quimera.

Deixa embora q' estulta rebeldia

A fôlgo seu no vicio se concentre,  
 E ao coração desminta boca impia:

Que de appetite em appetites entre ;  
 Frase tomando aos erros seus conforme ;  
 Seu despotismo a lei , seu Jove o ventre.

Longe de mim , arrazoado enorme !  
 A indomitos fertões , ao Cafre horrendo ,  
 Que não sabe se esperta , ou se he que dorme :

Cafre , que seu sepulcro em si fazendo ,  
 Com os raios da propria luz se abisma ,  
 Nem mais orbe suppõe do q' está vendo !

A mim , ó Lesbia , gárrulo fofisma  
 Não me aturde , ou fallacia excogitada  
 De atroz vicio ; que vicio he sempre o scisma : . . .

Essa impalpavel mónade sonhada ,  
 Esse átomo subtil de acrio invento ,  
 Ha. de ter propria dimensão marcada :

Se he q' a não tem , se não occupa assento ,  
 A questão he do nome variavel ;  
 E huma a cousa , o incorpóreo pensamento :

Se acaso a tem , será impenetravel ,  
 De inércia opposta ao simultaneo moto ,  
 Q' he para o raciocinio indispensavel.

Affim' discurso da materia ignoto,  
Menos pôde em seu habito volver-se;  
Q' habito hum acto já suppõe remoto.

Não sentir onde está, não conhecer-se,  
Em nada á alma argúe; ou dado arguisse,  
Não tira o certo o que restou saber-se:

Erro seu não será, mas estultice  
D'esse interprete seu; onde o fermento,  
Doença, e morte, infancia, e mais velhice.

He logo espirital, novo elemento,  
Que só cessára por superior Vontade;  
E a que cesse, não mostra fundamento.

De annel fervindo ao Mundo, e á Divindade;  
Apenas facudio o lodo impuro,  
Vai sôta respirar na eternidade: ...

Sim, Lesbia! por demais hum Deos seguro  
Por boca, que não mente, nos ensina  
Q' outra vida reserva, e q' ha futuro.

Trefabundante graça foi Divina!  
Que dentro em nós escrita ha-muito estava  
Com sangue e carne a sólida doutrina.

Esse desejo innato nos sobrava ;  
 Esse fogo subtil , q' em nós enxuga  
 Pranto em fio , que nossas faces lava.

Mal das mantilhas a razão madruga ,  
 He sua voz primeira a que suspira  
 Da ascarosa prizão a doce fuga.

Sem ser hum Deos feroz , hũ Deos só de ira ,  
 Como he possível , q' entre nós gerasse  
 Falso amigo q' aleive nos mentira ?

Se desconto não ha , q' ao bem traspassse ,  
 Que Providencia he essa , q' huns sublime ,  
 E a outros o pão com lagrimas amasse ?

Se com a morte a punição se exime ,  
 O Justo a que baixou ? superfluo apaga  
 Resgate Eterno hum terminante crime !

E tu , cruel remorso , interna chaga ;  
 Rijo fiscal , q' aos corações de assento ,  
 Escusas que de longe o réo se traga :

Surda mola real , q' a teu contento  
 Da Maquina infiel o gyro atalhas ,  
 Ou lhe largas affouta o movimento :

A que fim teus terrores nos espalhas ;  
 E ameaçando hum golpe sem effeito ,  
 A noute e o dia á nossa mêza ralhas ?

Porque fazes tremer o nosso leito ;  
 E a brida , que lhes tens , da mão não sóltas  
 A' prepotencia , ao dolo , ao furto , ao pleito ?

Como o vivo murrão , de que te escoltas ,  
 Vás de novo accender sôbre o passado ;  
 E o q' inda está por vir , já tu revoltas ? ...

Ah , Lesbia ! o defengano tens provado ;  
 Mas tua experiencia não careço ,  
 Pela minha razão certificado.

Nem busque em vão insipido tropêço  
 Parallelos formar , com que destrua  
 Do immortal Homem o immortal seu preço.

Sua nobreza embora o louco argua ;  
 E a vis brutos conceda de barato ,  
 O q' havia negar por honra sua !

Quando inerte eu lhe chamo , e mentecáto  
 Mais q' a lêsma , e q' a ósiga da parede ;  
 He confrontado ao Deos , q' insulta ingrato :

Se a tudo o mais creado Elle se mede ;  
 Dada lhe foi palavra , e dado o riso ,  
 Porque louve e admire quanto excede.

Se então no Homem, no Mundo mais conciso,  
 Nesses mysterioso livro eu leio ,  
 Tudo he celestial o que diviso !

Fóra d'elle , o q' encontro , tudo he feio ;  
 Sem mais valia tudo , q' a d'escravos ,  
 A q' o sabio Senhor legislar veio.

Elle o doce Animal , e os mais só bravos ,  
 Cada hum com sua prenda , Elle com todas ;  
 Que mimos péza , e que combina agravos.

Póde ser que nos mais as subtis rodas  
 Lei necessaria empreguem de continuo ;  
 Seu arbitrio Elle rege de mil modas.

Sendo inda intellectual dos mais o tino ,  
 Que proporção com as idéas do Home ?  
 Seja qual for dos brutos o destino.

Porque saiba que via depois tome ,  
 Só a Elle foi erguida aos Ceos a vista ;  
 E aos astros , em que viva , impôz já nome.

Elle conhece quanto o Sol lhe dista,  
É o caminho lhe mede passo a passo;  
Seu d'estro espéctador, e seu Chronista:...

Ergue-te, ó Lesbia, do sepulcro escaço;  
Vê se inda ajuntas na poeira sua  
Teu compaçado pé, teu curvo braço:

A teus olhos a luz se restituá,  
Onde como em crystal reverberava  
O fino resplendor desta alma tua:

Torna á face o carmin, q' a matizava;  
Refuscita da cova as graças frias,  
E pede á morte o riso que matava:

Vem tocar-te das flores que tecias;  
E prova logo á singular cintura  
Lindas roupas que mesmo tu cozias:

Teu cravo angelical depois procura;  
E ao dedo teu de magica destreza  
A voz ajusta, a voz divina, e pura:

Então chamar eu vou a natureza,  
Seus chefes d'obra eu vou desafiar-te,  
Comtigo a virem apostar belleza:

A fazer, se nos Ceos não tinhas parte;  
 Se para tudo rematar n'um hora,  
 Elles te derão tal feitiço e arte:...

Não, Lesbia! perfeição, q' assim namora,  
 He mais q' os olhos vem, os olhos rudes;  
 E no alto Empyrio em doce paz já mora.

Sem que jámais de excelsa gloria mudes,  
 Lá recebeste immarcescivel crôa;  
 Premio devido a tuas mil virtudes.

Em quanto, ah! de infeliz se maldiçôa  
 Chusma a milhões, q' em ferros se espedaça,  
 E em perpétuos gemidos o ar atrôa:

Esbrazeada chusma, q' a desgraça  
 Evitar poderia a leve custo;  
 Não furda ao raciocinio, á Lei, á Graça:

Q' em vão mordendo enorme cepo adusto  
 Entre blasfemias ao Monarca Eterno,  
 Com huivo horrivel, que só ouve o justo,  
 Gritando ao Mundo está, q' ha Ceos e Inferno.

SEPULTURA  
DE  
LESBIA.

---

PRANTO XI.

**I**lluminando o funebre retiro,  
Sobre as azas de hum baso lifonjeiro,  
Volve a noute a ouvir o meu suspiro.

Senhor ella o deixou do campo inteiro;  
E ao longe apenas lhe murmura a magua  
A rouca voz do limpido ribeiro.

Pronto o Mundo a folgar da antiga frágua,  
Ella em vigia d'olhos mil se veste;  
E outros mil lhe retrata o lume d'agua.

Vencido o turvo-rigido sueste,  
Q' o resplendor lhe tinha mareado,  
Como em triunfo de gala se reveste.

Depois de hum luto, hum luto porfiado,  
 He qual Moça-Viuva, q' hida a pena,  
 Concerta outravez-Noiva o seu toucado.

Parece q' em despique mais ferena,  
 Vem luzes apostar o azul seu manto  
 Co' verde esmalte da campina amena.

Alardo fez de seu mimoso encanto  
 Primeiro o dia; e o cofre a seus fulgores  
 Logo abre a noute sem temer quebranto.

Astros gentís em competencia a flores,  
 Folga em terceiro o Homê da disputa,  
 E d'ambos aptoveita os sãos primores.

Só por mim o prazer se não desfruta;  
 Proscrito eu, Lesbia, e teu amor meu fado,  
 Terra e Ceo suas graças me refuta:

A' maneira de hum réo homiziado,  
 A quem nas brenhas sepultou seu crime,  
 Tal me vio espreitando o Sol dourado:

E agora mesmo, q' o painel sublime  
 Sombra não soffie, q' o matiz lhe offenda,  
 Não rasga a nuvem, que minha alma opprime.

Tudo o mais se alvoroça da contenda;  
 E quem no vicio não estraga o voto,  
 Da noute estima em dôbro a linda offrenda.

A' similhaça de hum subtil Piloto,  
 Q' a nautica celeuma adormecida,  
 Melhor calcula o seu caminho ignoto:

O Justo então, sopita do Orbe a lida,  
 Sua viagem ás estrellas ousa;  
 E ao rumo, q' ha de ter, se avéza em vida.

Então o Sabio, pois q' a mesma cousa  
 O Sabio e o Justo são, vôar deixando  
 Seu engolfado Espirito, lá poufa.

Nesse instructivo Mappa folheando,  
 Dirige ao Paraíso o seu roteiro,  
 Baixos e altos do novo mar sondando.

He o Empyrio o Objecto seu primeiro;  
 Nem mais nos conta em sua Astrologia  
 Do q' escalas do ethéreo Passageiro.

Como hum ruço Pastor, q' aos campos guia  
 Grosso rebanho, e q' a notoria estrada  
 Aponta ao Caminhante q' a perdia:

Assim por entre a fulgida manada  
A alva Lua de seu eburneo throno  
Farol accende á nitida morada.

De extreme luz o alígero Colono,  
E de filtrado orvalho se utiliza;  
Em quanto o nescio se amortalha em somno.

Trilho, q' o Sol deixou, affouto piza;  
Observa de outros Sões o movimento,  
Outros costumes, e outras leis diviza.

Lá sobre o marchetado firmamento,  
Ao Porto chega enfim do seu destino,  
Onde o trovão não fôa, e cala o vento.

Vasto Portal: . . . mas que fulgor divino  
Chofrar veio a meus olhos de repente,  
E faz q' eu perca de mim mesmo o tino?

Aturdido n'um yágado frequente,  
E o cérebro querendo saltar fóra,  
Ferve a cachões meu enthusiasmo ardente.

Nas veias o meu fangue se diffora,  
Defusal moto o coração me ensina,  
Minha alma inteira aos ares se evapóra! . . .

E tu, meiga-alva Pomba crystallina,  
 Cujo vôo, acenando-me contente,  
 Ora a mim desce, e ora mais se empina:

Onde me levas, dize; a q' outra Gente  
 De remoto Paíz em novo encanto  
 Via me abre tua aza transparente?

Ah! Lesbia és, que doída do meu pranto,  
 Do pranto, em que me affogo ao teu jazigo,  
 A salvo me vens pôr n'um rapto santo.

Eu vou, alma gentil, eu já te figo;  
 Quem contigo descêra ao lago horrendo,  
 Melhor á Gloria subirá contigo:...

Porta de diamante remoendo  
 Nos gonzos de ouro, subita doçura  
 De incognita fragrancia estou bebendo:

Esta fôra talvez essa aura pura,  
 Q' antes do lapso conservar havia  
 Seu perfeito equilíbrio á Creatura.

Cercado da risónha Jerarquia,  
 Sem refolhos de infulso cumprimento,  
 Nos Paços entro do perpétuo Dia.

Safiras são do tecto o ornamento,  
 Paredes fórma do topazio a maça,  
 E inteiriça esmeralda o pavimento.

Cadeiras não consenté a rica praça;  
 Q' esse invento no Mundo só melquinho,  
 Auxílio foi da podre carne escaça.

Amplo jardim á sala está visinho,  
 Onde a flor de hum Abril eterno goza,  
 Sem a defeza do molesto espinho.

Alveja em dôbro angelica mimosa,  
 Realça amor-perfeito na belleza,  
 E recende a perpétua já cheirosa.

Deliciosas frutas grata mêza  
 Compondo estão, de cuja casca expulsa  
 Formou çumo á laranja a Natureza.

Vai per si mesma ao labio taça avulsa  
 De almo licor, q' eterno fôlgo presta;  
 E libado á geléa torna insulsa.

Retumba em roda armoniosa Orquestra,  
 De q' incumbidas metricas Deidades,  
 Somno desvião, q' interrompa a Festa.

Antes das Gerações, e das Idades,  
Perenne era o louvor, perenne a trova,  
De Thronos, Querubins, e Potestades:

Perenne inda; mas do Orbe em si reprova  
Essa monotonia enfastiada:  
Sempre hum mesmo o Louvado, e a letra nova.

Irmã da solfa a Musa delicada  
Se esmera tanto mais na voz divina,  
Quanto mais foi do Mundo abandonada:

Não essa Musa esteril, que refina  
Effeminados sons, q' hum vento os some;  
Sim est'outra succosa, e masculina:

A q' impavida ás cousas deo seu nome;  
Não a que prostituta se desfralda,  
Lasciva por hum pão q' em pejo come:

Ornada a frente de immortal grinalda,  
Onde não trepa insipida censura,  
Nem frio a géla, nem calor a escalda.

Variada diáfana figura  
Tomando sobre si, modesta dança  
Bellas virtudes entreter procura.

O liso Affago, a nédea Temperança,  
A Castidade em sua branca estóla,  
E a rubra Devoção que jámais cança:

A Rival da soberba que se empóla,  
A Emula activa da brutal preguiça,  
A cordeal Franqueza, e a muda Esmola:

De venda já rasgada a sã Justiça,  
A Honra, o Brio, e a encolhida Paciencia,  
Os Pares são, q' hum zelo proprio atiaça.

Dois Córos fazem; candida Innocencia  
He de hum a guia; o outro vai guiado  
Pela exemplar-contrita Penitencia:

Aqui, ó Lesbia, o teu lugar te he dado;  
Brincando aqui, inda o final te te olha,  
Q' a dor austerá te lavrou no lado.

Anciãos esbeltos, sem q' idade os tólha,  
Por passatempo sobre a vida humana  
Jogo tração, co' Bem e o Mal na pôlha:

Lançada a forte, Força (1) Soberana  
Lhe fixa o gyro; e desce logo á Terra  
Ou crestador nordeste, ou chuva ufana:

Pa-

(1) *Ludens in Orbe terrarum: & delicia mea esse cum filiis hominum.*

Parece acafo, e he Mente que não erra;  
 Lei precisa, e despotico Destino,  
 Q' aos meritos reparte ou paz ou guerra.

Prefide a tudo o Indivisivel Trino,  
 A tudo conduzindo, e sem transporte;  
 Sem ajuda, sem regra, sem ensino:

Balança ao lado, e o formidavel córte;  
 Na Boca o riso, e no Sobrôlho o medo;  
 Em montão a seus Pés a vida e a morte:

Terrivel d'uma Face, e d'outra ledo;  
 N'uma das Mãos o paternal indulto,  
 E n'outra o raio escorregando ao Dedo.

Curvado eu: . . . ai de mim! onde, onde estulto,  
 Me remontava hum extasi insolente,  
 Accumulando insulto sobre insulto!

Mesmo em sua substancia já doente,  
 Fingio minha alma descançar intrusa  
 Lá onde o seu remedio está sómente: . . .

Tu, Lesbia, que me ouviste a voz confusa,  
 Perdão alcança á temeraria veia;  
 E a sacrílega lingua minha escusa:

Costumada á materia , q' a rodeia ,  
Por frageis bens talhou hum Bem constante ,  
A q' abranger não póde humana ideia :

Hum Bem , que meditado hum breve instante ,  
Recuar manda ao solapado peito  
A lepra q' o queimava devorante :

Hum Bem , que do Mortal quer só respeito ;  
Para cuja expressão não he seguro ,  
Nem o orgão da palavra lhe foi feito !

Q' em desconto me fique o golpe duro  
De inda arrastar-me sobre o teu jazigo ,  
Onde menos já vivo do q' aturo :

Q' em vez do ameno sacrosanto abrigo ,  
Onde livre a miserias te recreias ,  
Eu me escute gemer por meu castigo :

Q' eu só palpe martyrios , chagas feias ,  
Roxas faudades , rigidos abrolhos ,  
Azáres , e ortigães , com q' ás mãos cheias  
Quebrando teu sepulcro está meus olhos.

SEPULTURA  
DE  
LESBIA.

---

P R A N T O XII.

**D**O meu culpado, meu rebelde enôjo,  
Santa Religião, tu has triunfado;  
E minha acerba dor he teu despôjo.

O cancro, q' afferrava no meu lado,  
Depois que lhe buli, quebrado o freio,  
A rédeas soltas hia desbocado.

Suppurou; e ulcerado já meu feio,  
As lividas entranhas o mal forte  
Nuas mostrava por seu labio feio.

Cavadas huma a huma, a fim q' as corte,  
Surdas raizes onde prende a vida,  
Em cada membro me rosnava a morte.

Eis q' a triága á fordida ferida  
Em teu calix gentil tu me trouxeste,  
Dóse esmoler de angelical bebida.

Crise fez logo a grassadora peste;  
E ás rotas fibras seu refforte antigo  
Volveo de novo o balçamo celeste: . . .

Santa Religião! qual he o prigo,  
Que por ti não se acalme em ar sereno  
Ou guerra que não seja paz contigo?

Ao repizado-misero Terreno  
O Iris tu és da impávida bonança;  
Tu o Oleo de virtude a seu veneno.

Seu debil coração em ti descança;  
Seu coração, onde atracada moras,  
Porque o não defanime a confiança.

Tu lh'espias paixões devoradoras;  
Doce illusão lhe deixas destroçada,  
E o mal, que lhe he ventura, em bem lhe córas

No golfo da procella encapellada  
O naufrago baixel varára ao fundo,  
A tu não feres, âncora sagrada.

N'um leito de amargura a rir jucundo,  
Sem tingir-se-lhe a face de amarello,  
Com tigo o Justo se despede ao Mundo.

Abençoando a mão do seu flagello,  
Com tigo o réo, sem que pragueje o laço;  
Garganta offrece ao rigido cutello.

Lá nesse proprio abyfmo, abyfmo escasso;  
Consolação de inconsolaveis fôras;  
Se lá te fosse permittido o passo.

A fragil condição tu nos melhoras;  
Tu nos fazes prestar sincera ajuda,  
E a commum Sociedade condecóras.

Outro amigo não ha que nos acuda,  
E q' enchugue o suor da nossa testa,  
Em q' a lava perpétua dor aguda.

Sem ti não pôde haver jantar, nem fésta;  
Marido e esposa, filho e pai tu ligas,  
Tu curvas o Vassallo á Crôa infesta.

Tu mesmo interiores furdas brigas  
Da carne e seu espirito discordes  
Mettes a bem, e seu furor mitigas.

Pleito estranho, domesticas desordes,  
Tudo a ti cede; a ti, alma segunda,  
Que rejas a primeira, e nos concordes.

Soçobrada hia a minha em dor profunda;  
E entregue ás garras de hum penoso ensaio,  
Morria em sombras essa luz fecunda:

Tu a mandas volver de seu desfmaio;  
E agonizando quasi a labareda,  
De novo esperta com teu vivo raio:...

Sim, Lesbia! ó venturosa Lesbia leda!  
A pura Fé, que pura tu guardaste,  
He quem me surge, e ao teu coval me arreda

Outro forças não tinha a que me affaste;  
A propria morte, a morte q' eu pedia,  
Era porq' ossos a ossos teus engaste.

Mas lá da inesgotavel Fonte pia  
A espadana despedes que me toca,  
E da noute outravez me leva ao dia.

Ella roubar-te vem da minha boca;  
Da minha boca, e não do meu conceito,  
Que por outros cuidados te não troca.

Esse, q' eu tinha, em lagrimas desfeito,  
 E huma a outra acamando a tua image,  
 Della fez novo coração meu peito.

Dentro de mim perpétua vassalaje  
 Lhe renderei; meu passo ella dirija,  
 Ella me ensine a não mudar linguaaje: . . .

E agora que obedeço a voz mais rija,  
 A voz que sobre a tua sepultura  
 Não quer que por mais tempo em vão me affija:

Agora que da excelsa formosura  
 Não resta mais talvez q' o chão q' a teve;  
 O chão q' inda me nega a forte escura:

Adeos, ó Lesbia: . . . ah! como a falla he breve!  
 Quizera arrepender-me da voz fôlta,  
 E a palavra roubar ao vento leve.

Porém dita huma vez, atraz não volta;  
 Oxalá q' algum Anjo ta encaminhe,  
 E te entregue hum dos ais de que se escolta:

Hum ai q' inda lá quente se avifinhe;  
 Que seja memorial de me alcançares,  
 Que pouco tempo a Terra me apesfinhe:

A seus revezes , seus cruéis azares ,  
Eu já lhe levo em mim fraco inimigo ,  
Fraco troféo achando em meus pezares.

Pallido e frio de habitar contigo ,  
Julgarão q' outravez desenterrado  
Penar eu venho ao Mundo por castigo.

Fazer-me-ha roda circulo apinhado ,  
Porque de ess'outra Vida escute e rogue  
Novas certas por boca de hum finado.

Adeos , ó Lesbia ! . . . pranto não me affogue  
Essa resignação , que tu juraste ,  
Minha Musa Christã , não se derogue !

Porque tua obstinada dor se gaste ,  
Por demais Santa Lei te recommenda ;  
Se até Lesbia se offende , e isso baste.

Não , minha Alma ditosa , não te offenda  
Meu choro , q' a chorar te ensinaria ,  
Chorar sabendo a placida Vivenda !

Não , eu não choro mais ; a gota fria ,  
Que rebelde em meu rosto se congela ,  
He já costume , e não minha agonia :

Caso q' inda pertenda amor vertella,  
 Hei de ao nascer formar-lhe a sepultura,  
 E com minha mão-propria atraz volvella.

De fopear a dor, a dor mais dura,  
 Erguerei meu padrão; a arder soffrido,  
 E eu mesmo a minha estatua na amargura.

Adeos: ... qual freixo, á rastos conduzido,  
 A quem defarraigou funda alavanca,  
 Coftas já dou ao tumulto querido.

Em sua orige o sangue se me estanca;  
 E a cada passo, nem q' ao chão prendesse,  
 De sua base o coração se arranca.

Adeos: ... depois que já não te appareço,  
 Ha de deixar-te o teu queixoso Amante  
 Penhor seguro de que não te esquece:

He seu magoado ai, seu ai constante,  
 De q' o triste sepulcro te semeia;  
 Ai sobre ai que vegéte a cada instante.

Adeos inda: ... a palavra titubeia;  
 E nem que sua morte elles profirão,  
 Dizer teu nome o labio já receia.

De pedra são os pés que me retirão ;  
 E como est'outra pedra q' attráe ferro ,  
 A' tua' pedra os olhos meus revirão.

Adeos em fim ! . . . da cega forte o êro  
 Não me alegrou do esplendido thesouro ,  
 Q' occulto cava em sôfrego destêro :

A dar-mo , não jazêras em desdouro ;  
 Preenhe de aromas o amplo teu jazigo ,  
 Prata fôra o leteiro em tarjas d'ouro.

Sabes , que sem Patrono , e sem abrigo ,  
 O léso pé seu pêzo mal supporta ;  
 O pé com que de lar em lar mendígo :

A noticia cruel de q' eras morta ,  
 Como em presagio seu , me achou batendo  
 Do rico avaro á ferrolhada porta.

Eis porq' outras exéquias te não rendo ;  
 E em vez de inerte pranto , que se implica ,  
 Não ouves terna solfa o ar rompendo.

A minha unica joia , joia rica ,  
 Unica prenda , que julguei segura ,  
 Tornada em cinzas já atraz me fica : . . .

Esta mesma tristíssima escritura,

Q' a fim q' a rouca voz não mais se opprima,  
Lavrei em roda á tua sepultura:

Infeliz metro, e malfadada rima,

A quem traçada n'um alvêgue alheio,

O compaço faltou, nem teve lima:

Sem methodo, sem ordem, sem esteio;

A' bulha de meu peito parecida,

E feia como o seu assumpto feio:

Assumpto de Heroína mal sabida,

Que retumbar não ouve sobre a cova

Todo esse estrondo vão que fez na vida:

Rima sem mais respeito q' a promova;

Do que minha sincera fé jurada,

E de meu puro amor a ardente prova:

Talvez que sem Leitor desestimada

Durma em silencio; sem gravura fina,

Sem attractiva-tumida fachada.

Em tudo a forte me encarou malina;

Mofina ao nome teu, e por seu turno

Ao teu Elogiador também mofina.

Estampar-me não quiz carão forurno,  
 Funebre gésto, com q' a gente espanco,  
 Intonfa grenha, e fordido coturno.

A quanto desejei, me oppõe barranco;  
 Negra a tua urna, em negro tinje a Obra,  
 E até lhe pêza do papel ser branco:...

Não, Lesbia, não importa; a ti me sobra  
 Patente a minha dor! meus ais geraste,  
 Meus ais em reverbéro a ti recobra.

Versos, que não pensei, tu m'inspiraste;  
 Se gratos lá te são no excelso Mundo,  
 O gozto a este ha-muito me tiraste.

Embora d'outros o Estro mais fecundo,  
 E harmonioso estilo, q' eu não tinha,  
 O esteril envernizem co' jucundo:

Eu, doce Lesbia, em frase só mesquinha,  
 Defunta frase sem algum recreio,  
 Serei contente, se na historia minha  
 Com o util sube abrilhantar o feio.

F I M.



Na morte, &c.

## SONETO I.

**A** Guarda, ó Caminhante, aguarda ao porto;  
 Ao commum porto, em q' entrarás hum dia;  
 Quem te demora nesta campa fria,  
 Não he qualquer, não he hum simples morto:

Sou Laura, ou isso fui no meu conforto,  
 Quando incensos o Mundo me rendia;  
 E agora: . . . mas a pedra tu desvia,  
 Examina tu mesmo, e fica absorto:

Nesta, e n'outra qualquer tua jornada,  
 A' que vires uffana, e mais illeza,  
 Em voz celeste, e níveas mãos fiada;

Dá-lhe este meu recado, e vê se o préza:  
 ,, Laura encontrei, palpei, não achei nada,  
 Mostrou-ma o seu Letreiro;, . . . Vai-te, e reza.

SO-

## SONETO II.

**Q**ue dor he esta? q' improvisa calma  
 Se derrama por todos meus sentidos?  
 Cerrão por si os olhos opprimidos,  
 E em densa nuvem a razão se (1) abalma:

Desde o joelho á planta, do hombro á palma,  
 Mellifluo formigueiro os pões tolhidos,  
 E involta entre dulcissimos gemidos,  
 Filtrar-se busca em seu deliquio a alma:

Passou porém:... de novo a luz dardeja;  
 E elástico surgindo ao pêzo forte,  
 Meu coração segunda vez lateja:...

Ah! se nos chega assim o extremo córte,  
 A q' o Mundo malévolu pragueja,  
 Que gostosa he, que tão suave a morte!

S O-

(1) *Abalma por abáfa; Ceos abalmados por nublados com calmaria, e' a são expressões que communmente eu ouço nesta Miritima: se não agrada'r ta'vez por falta de authoridade, seja este o meu Patavinismo.*

## SONETO III.

V Ai hindo em paz , Amigo , e meu Visinho ,  
 Q' eu hindo vou tambem , ou pouco resta ;  
 Em nossos passos a differença he esta ,  
 Leváo-te a ti , e eu por meus pés caminho :

Ambos vôámos a enterrar do ninho ,  
 Para ambos rematou a amarga festa ;  
 Ella apenas durou manhã e fésta ,  
 E á noute em pranto o riso deo mesquinho :

Corra , ou não corra a funeral (1) berlinda ;  
 Porq' a pé , como eu vou , ver-me-has ligeiro  
 Chegar a hum tempo , e dar-te a fausta vinda :

Sim aviaсте o teu fardel primeiro ,  
 E algumas encommendas tenho eu inda ;  
 Mas depressa vou ser-te companheiro .

S O-

(1) Era levado em andas.

## SONETO IV.

A Huma parte , nas cores iracundo ,  
 Do Orador tanto os quadros me aterravão ;  
 A outra parte , de Jonia me animavão  
 As faces tintas em carmim jucundo :

„ Ao Ceo , ao Ceo „ com hum fervor profundo,  
 Do Ministro os conselhos me bradavão ;  
 De Jonia os olhos , que tambem prégavão ,  
 Me dizião depois „ ao Mundo , ao Mundo : „

O' meu Deos ! tua foi , tua a conquista ;  
 Mas porque déste á tua creatura  
 Imperio tal , se queres q' eu resista ?

Troca , ó Deos , troca aquella formosura ;  
 Q' em tua Casa , á tua mesma Vista ,  
 Huma alma não está inda segura.

## SONETO V.

O U já de podre a máquina enfraqueça,  
 Ou rota mola o círculo lhe empate,  
 Treme a mão, cança a vista, o queixo bate,  
 E calejado o tardo pé tropeça:

Não sabe infulsa a lingua o q' appetiteça,  
 E porque mais inculque o seu remate,  
 O cabelo ruçou; falso quilate,  
 Honra indigna de minha vá cabeça!

Seis lustros inda agora; e de acabado  
 O gyro infauſto me intimidá o espelho,  
 Voz mais fiel de quantas me hão fallado:

Ah! para q' esperar melhor conselho?  
 Renuncie-se embora o Mundo errado,  
 E bem morrendo morrerei de velho.

## SONETO VI.

Que Marcia ha de acabar, bem que formosa,  
Mil vezes o disse eu; mas sem trabalho,  
Qual pouco a pouco, se lhe falta orvalho,  
Murchar-se vemos hum botão de rosa;

Em tudo eu me enganei; Parca aleivosa,  
Inda mais fera em seu cruel retalho,  
Que raio atroz contra brutal carvalho,  
Assalta a Marcia, e de a matar se goza:

Que sóltas, lingua minha? tu blasfemas!  
He agora que Marcia tem saude;  
Acredita seu bem, seu mal não temas:

Morre em Marcia o que via o olho rude;  
E triunfante a dores tão extremas,  
Fica illeso o melhor, vive a Virtude.

## SONETO VII.

**Q**ue vezes essa Campa de amargura  
 Eu tenho ouvido? e punha-me a escutalla,  
 Como escutei, sem ter razão, sem falla,  
 Meus repiques recente creatura!

Que vezes hum bilhete me procura  
 Lacrado em preto? e me vesti de gala,  
 Nem que fosse o convite a fausta iaia,  
 Para levar o Amigo á sepultura!

Campa, bilhete, q' a pensar me obrigão,  
 Mestre terrivel, conselheiro forte: ...  
 Basta: ... mais lições-vollas me não digão:

Já creio, e temo, q' antes q' igual forte  
 Junte a effe o meu cadaver, a elle sigão  
 A noticia e os finaes da minha morte.

## SONETO VIII.

**N**ão, Tirce, mais não chores! nem eu creio,  
Q' allivies, chorando, ao morto, ou vivo;  
Em vez de aos dous trazeres lenitivo,  
Aggravas o teu mal, e o mal alheio!

Mas que disse eu? em celestial recreio,  
Do amor, a que teus olhos dão motivo,  
Já goza Maxilino o premio altivo,  
A teu amor o premio inda não veio:

Com pura fé, que tempo algoz não gasta,  
Amaste, e foste amada; em fé tão pura  
Pago elle está, e o pago a ti se affasta:

Durou-te pouco? emenda a sorte escura;  
Honra-lhe os ossos, jura-lhe ser casta,  
Seja teu leito a sua sepultura.

Em dia de todos os Santos , &c.

## SONETO IX.

**S**uspende o riso teu , que não te he dado ;  
 Hoje o suspende , ó Clori ; fogo , e Terra  
 A hum riso , como o teu , fazendo guerra ,  
 Em dia igual foi tudo destroçado :

Escusas sobre hum seculo affastado  
 A Historia consultar , q' ás vezes erra ;  
 Tudo em roda to diz , a Villa , a Serra ,  
 E até o diz teu berço escalavrado :

Tanta vez no anno o Sol nascido , e posto ,  
 Renovando o prazer e a romaria ;  
 Sirva este de lembrar-nos o desgosto :

Rege , ó Clori , melhor tua alegria ;  
 Se ao pranto não se tórta hum lindo rosto ,  
 Chora ao menos comigo neste Dia.

O Mateiro e a Morte,  
Fabula de Esopo:

## SONETO X.

**S**Uando com a lenha, que lhe amarga,  
Encurvado Mateiro de annos cento,  
Seu caminho seguia a passo lento,  
E o corpo retorcido a huma illarga:

Fatigado por fim o pêzo larga,  
E sobre elle fazendo triste assento,  
A morte chama em misero lamento,  
Resoluto a não mais tomar a carga:

A morte, importunada ao seu gemido,  
Lhe apparece, e o encontra de mãos postas,  
Orando aos Ceos da vida aborrecido:

Que me queres (lhe diz) vê de que gostas?  
Quem, eu! (responde o Velho arrependido)  
Que me ajudes a pôr o feixe ás costas.

Affistindo o A. á Mutilação de huma perna a  
hum miseravel, &c.

## SONETO XI.

**P** Or mais q' affouto ao golpe assim te rias,  
E o julgue hum Bem Carnifice sem susto,  
Chóro-te eu, e do ferro barafusto,  
Que te revôa a morte que já vias:

Para encurtar o laço a tristes dias,  
Todo eu me gangrenára, sendo justo;  
E tu deixas cortar-te a tanto custo,  
Para miserias que de novo enfias:

De rojo agora lézo, e pouco firme,  
A' porta do avarento ou canta, ou rézes;  
E com a esmola vem tambem remir-me!

Ah louco! contra o Mundo, e seus revezes,  
De chofre quizera-eu no chão sumir-me;  
Tu folgas de enterraes-te por vezes.

Em Domingo da Ressurreição, &c.

## SONETO XII.

**A** Foçra iniqua de rebelde feita,  
 Bebendo fel, cortado de alta lança,  
 A morte, aos filhos d'Eva propria herança,  
 O proprio Author da vida não rejeita:

Mas não bem inda os raios seus enfeita  
 Em luto o Sol pela horrida vingança,  
 Que logo o Justo sobre os Ceos descança,  
 A Obra immortal da Redempção já feita:

O' Caso grande! q' expressões decentes  
 Louvar-te poderão? o inferno trilhas,  
 Divinizas de Adão os Descendentes;

Mesmo á raiz da eternidade brilhas,  
 E êrmo o Mundo hão-de ouvir-te as novas Gentes,  
 Como o chefe das chefes Maravilhas.

## SONETO XIII.

**I**nvencível Monarca, e só vencido  
 Da q' ao mesmo Deos-Homem não perdôa;  
 Vivestê o que quizeste! e salva a crôa,  
 Do prazo (1) até zombaste em vão temido!

Letras, e armas estendes; submergido  
 Poés o vicio; a Virtude se pregôa;  
 Abates monstros vís, ergues Lisboa;  
 O Commercio propagas impedido:

Succesores por fim, co' Mundo em festa;  
 Nos dás retratos teus; porq' a faudade  
 Fosse (se o pode ser!) menos molesta:

Q' intentas mais, ó rara Magestade?  
 Vai ter o Premio; vai, q' isso te resta,  
 No Templo descansar da Eternidade.

SO:

(1) Viveo o Senhor D. José I. quasi 63 annos.

Na immatura morte do Serenissimo Senhor D. JOSÉ  
Principe do Brasil.

## S O N E T O XIV.

**S**ilva (1) honrador! se mesmo assim te encanta  
Da Musa enferma ouvires a dor crua;  
Mal q' ella as azas prova, e sahe á rua,  
Humilde ao teu preccito a voz levanta:

O raio, que chofrou, a tudo espanta,  
E não houve valor, que não destrua;  
Perdêrão almas a razão commua,  
E hum nó sentio a lingua na garganta.

Tu, Senhor, sabes a teu proprio custo,  
Quanto amargou, quão triste foi o azebre,  
Q' a todos fez tragar o golpe injusto!

Se pois a Musa os éccos mal requébre,  
Dá-lhe perdão; que fraca está do susto,  
E inda não despedio de todo a febre.

SO-

(1) Cavalheiro que ao A. então molesto pedia algumas  
obras a este respeito.

Ao mesmo.

## SONETO XV.

Quando, ó Lisboa, quando viste a prumo  
 De enferma luz o Sol embaciar-se,  
 Romper ossos o arado, o mar seccar-se,  
 E á peste unir-se a fome em teu consumo:

Quando a Terra, ameaçando vago rumo;  
 Viste sobre seu eixo embalançar-se,  
 Galgar montes aqui, além rasgar-se,  
 Teus Palacios em pó, teu ouro em fumo:

Não foi então a magua que te impelle;  
 Não o horror, não o lugubre alvorosso: . . .  
 O' caso infausito, a nem pensar-se nelle!

Qual foi hoje teu susto, e o pranto nosso;  
 Vendo cortar-se em flor Aquelle, Aquelle: . . .  
 Nomeia-o tu, Lisboa, q' eu não posso!

Ao mesmo.

SONETO XVI.

**N**ão és tu, Lyfia, não és só quem sente  
De nojo o Ceo, hum Astro amortalhado;  
Teu destino infeliz, teu rijo fado,  
De Terra em Terra vai, de Gente em Gente!

Contagio feito o teu suspiro ardente,  
Nem mesmo irrationaes já tem poupado;  
E onde a rouca trombeta espalha o brado,  
O Mundo com teu mal cahio doente!

Mal quebra a Quina ao Tejo o golpe bruto,  
Seus Leopardos erríça a Grám-Bretanha,  
E ás Lyzes murcha o Senna flor e fruto;

Revôáo negras Aguias da Alemanha,  
O Tybre as fantas Chaves sóme em luto,  
E a cezão malinou aos Leões de Espanha.

Ao mesmo.

## SONETO XVII.

**H**E Cafre Portugal, he tigre duro ;  
 Monstro sem lei, Furia que Ceos não teme !  
 Se as veias não estoura quando geme,  
 Se dos olhos não vérté sangue puro :

Praça a quem mina desmantéla o muro,  
 Entre ondas empolladas Não sem leme,  
 Tal nuta Portugal; na calma treme,  
 E nas mãos lhe apodrece o grão maduro :

Rebenta, ó Lyfia ! além do Sol suspira ;  
 Cava as barreiras do sulfúreo pôço : ...  
 Onde pranto não foi, teu pranto fira ;

Mas como lamentares teu destrôço ? ...  
 Em Lyfia enferma a pelle só respira,  
 E jaz-lhe em S. Vicente (1) a carne e ôsso.

SO-

(1) Jazigo de S. Alteza.

Ao mesmo.

## SONETO XVIII.

**T** Arde, ó Parca, do golpe atroz te pêza,  
A fouce hum dia d'antes tu quebráras!  
Vai depressa, e com tuas mãos avaras  
Na terra esconde a façanhosa Prêza:

Se ao fio do aço, se á metralha acceza,  
Huma Provincia, hum Reino devastáras,  
Tão funda chaga no Orbe não lavráras,  
Não viera mór vácuo á Natureza!

Esfria aos Pais prolífera cobiça,  
Negão Máis aos filhinhos terno peito;  
Olhando-te ao bom Principe a injustiça:

Brame o ar, treme o chão; e a seu respeito,  
Se o Sol de pura magua não se eclixa,  
He q' ao Morto-Creador tão só o ha feito.

Ao mesmo.

## SONETO XIX.

Mundo estragado, a cinzas lisongeiro,  
 Longe de mim! ás cousas dou seu nome:  
 José caduca, febricita o Home,  
 E sóta em ais o arranco derradeiro:

Os pés lhe liga e as mãos cordel grosseiro,  
 Espuma a boca, o dia se lhe some,  
 Consente q' entre bichos terra o tome,  
 E do cadaver nauseava o cheiro:

Mas isso o q' he? desfez-se-lhe a alliança;  
 Sem que mais d'hum ou d'outro a forte mudes,  
 Varrido o pó, o Espírito descança:

Côrte d'Anjos prefere a votos rudes;  
 Entronca aos Ceos a Rama de Bragança,  
 E quem lhe cinge a Crôa são Virtudes.

Ao mesmo.

SONETO XX.

**Q**'Avanço á Patria, ao Mundo que ruinas,  
 Intentáras, Heróe? q' estranhos feitos?  
 Lyfia os ultimos Pólos vio sujeitos,  
 E tanta de ouro se enjôou de minas!

Que maximas de Paz, que leis, doutrinas,  
 De que não tire a Mãe e o Irmão proveitos?  
 Q' inculto audaz orgulho q' em respeitos  
 Não prostrassem teus Pais ás santas Quinas?

Hum prodigio restava só fazeres,  
 ( Bem teus dias, Senhor, cortasse o prigo )  
 E a praga não vencida tu venceres:

Era abrilhantar o horrído jazigo,  
 Era invejar-se a morte, era morreres,  
 Para tudo querer findar contigo.

Ao mesmo.

## SONETO XXI.

**T**U, que d'entro o embalsamas, porque tomas  
 Penoso estudo em óleos mal fundado?  
 Ao Prêzo, q' esse carcere ha deixado,  
 Alta virtude perfumou de aromas:

A favor feu da idade em vão tu domas  
 O voraz dente em sceptros afiado;  
 Se os corações, que dentro o tem gravado,  
 São contra o tempo mais fiéis redomas:

Pois vôa a gentil Pomba a glorias tantas,  
 A' terra tu permite, qual fortuna,  
 O espolio, q' enfeitando-o, mais espantas:

Mas que digo?... Embalsama...e incensa a urna;  
 Q' inda podem reliquias taes ser fantas,  
 E acceso Altar a habitação foturna.

Ao mesmo.

Despede-se da Augustíssima Rainha o Principe moribundo.

## S O N E T O XXII.

**N**ão mais, ó Mãi! nem lagrima derrames,  
Que da falta do Filho os Ceos argua;  
Crise fez Lyfia! e a aurea Idade sua  
Perpétua se lhe fixa em teus dictames:

Superfluo aqui, sem uso a que me chames,  
Pizando o Sol, e atraveçando a Lua,  
Hostia vou da fiel grat'Alma tua,  
E penhor de que mais teu zelo inflammes:

Esse dó, q'outras vezes luto explica,  
Metaes que trôem, que dobrando roquem,  
Do estilo he tudo; e que já parto, indica:

Em júbilo a faudade os Povos troquem,  
Quanto se perde em mim, em ti lhes fica;  
Viva te imitem! Morta que te invoquem!

Ao mesmo.

Falla com o Virtuosiſſimo Infante.

## SONETO XXIII.

**D**igno Irmão! eſta Crôa, rica peça,  
Manda o q' as tira, e dá, nas Mãos ta ponha;  
A Elle o mandar, beijando-as ſem vergonha,  
Das Mãos eu ta cingira na cabeça:

Mas entre joias mil, de que ſe adreça,  
Huma que vês, Monarca hontem riſonha,  
Hoje Vaſſalla que Dominios ſonha,  
Eu ſó te recomendo! não te eſqueça:

Dous Filhos tinha a Mãi, dous Pais o Povo;  
Da Orfa e Viuva eu Filho, Pai, Marido: . . .  
Adeos! . . . melhora tudo o mais de novo;

Pois bem q' Hereditario-Rei nacido,  
Eſperanças quaesquer q' a Lyſia movo,  
Em poſſe as troca o Principe Eſcolhido.

Ao mesmo.

## S O N E T O XXIV.

**A** Leive! não morreo; Povo insensato,  
Que do Justo blasfemas nesse insulto!  
Por isso mesmo, que tibio he teu culto,  
Te foje o Santo em funebre apparato:

Porém inda extremo ao Reino ingrato,  
Apenas lhe enterraste o sacro vulto,  
Surge immortal! e em nuvem densa occulto  
Seu Oraculo faz do seu Retrato:

A muda boca, a Face que descora,  
A Mão, que lhe beijaste, a Mão já fria,  
Castigo são do incredulo q' o chora:

E qual vago Israel, q' á Patria envia,  
Pondo-lhe á testa o recto Irmão q' adora,  
Sóbe a fer Astro, que na marcha o guia.

Ao mesmo.

## SONETO XXV.

**N**inguem o vio, ninguem!... q' em tresvario,  
 A impulsos da catastrophe notoria,  
 Os sentidos perdeo, perdeo memoria,  
 E ficou Portugal cadaver ftio:

Vi-o eu só, eu q' ao Sabio, Forte, e Pio,  
 A vida não julgava transitoria!...  
 Inda agora ao narrar a amarga historia,  
 Gélo o fangue, e dos olhos desconfio:

Mal q' o joven Pastor se ferra em somno,  
 Do lobo huyvárão rispidas phalanges,  
 E seus frutos sumio o prenhe Outono;

Ao lavrar-se brotou a terra alfanges,  
 As rêzes derramárão-se sem dono,  
 E o Téjo hum ronco deo q' estruge ao Ganges;

Na morte do Excellentíssimo Senhor D. José Thomaz de Menezes, affogado no Têjo.

## S O N E T O XXVI.

**M**Orrer, Senhor, morrer em brando leito,  
E se ha regalo em morte, regalado,  
Assim morre o poltrão, assim palmado  
Morre inerte o q' inerte se tem feito:

Mas tu, Menezes, de incansavel Peito,  
Cujo Nome he maior q' o mesmo brado,  
Como huma vida nova te has formado,  
Nova especie de morte tens eleito:

Já prostráras Altivo, e mais q' astuto,  
Feras e aves q' em terra e ar domavas;  
Só restava renderes maior bruto:

Era elle o bravo mar, no mar lutavas,  
Onde pagaste o rigido tributo;  
Se este vencias, immortal ficavas.

Ao mesmo.

## SONETO XXVII.

Que competentes lagrimas nos rogas,  
 Morto excelso, q' aos astros te levantas;  
 Que lagrimas por ti, não sendo tantas,  
 Como as gotas do mar em que te affogas?

Mas essa petição tu a derogas,  
 Sem forças vendo ao Reino que quebrantas;  
 Vendo que meio Portugal espantas,  
 E a pique o mettes, quando já não vogas!

Cheias eu fim observo as mesmas ruas,  
 Fantasmas são porém; q' ao teu jazigo  
 A vida se lhes foi nas prendas tuas:

Expirão Artes por faltar-lhe abrigo,  
 Clama o Póvo q' o Pai lhe restituas,  
 E da Nobreza a flor morreo contigo.

Ao mesmo.

Não apparecendo ainda o Cavader de S. Excel-  
lencia, &c.

## SONETO XXVIII.

**E**M vão o insigne Conde á véla, e remos,  
Repete, ó Charo Amigo, inuteis fondas;  
He em vão que por ti revolve as ondas,  
Se a furto em nossos corações te temos:

Riso e affago dentro em nós te vemos,  
Prestimo, e compaixão, sem que te escondas;  
Nem precisas chamado que respondas,  
Basta q' aos beneficios te palpemos:

Esse espólio, a quem só o tempo mata,  
Embora guarde o mar como thesouro,  
Delle talvez indigna a Terra ingrata!

Ah! n'outra Urna dormíras com desdouro:  
Formão-te estrellas sobreceo de prata,  
E o Téjo te acamou areias de ouro.

A feu Pai , o Excellentissimo Marquez de Mar-  
rialva.

## SONETO XXIX.

**Q**' Indifferente , que neutral discorres ,  
Serenos Pai , na dor que nos maltrata !  
Se xávena tão feia te não mata ,  
Pareces immortal , e já nao morres :

Preciso foi , que d'aço o peito forres ,  
Porque digiras a peçonha ingrata ;  
E se he mais q' Home o que paixões rebata ,  
Paixões não tens , e a endeofár-te corres !

Esta só era a derradeira prova ,  
Para vermos , se a rija lei commua  
As dignas cáas te exima , ou não , da cova :

Busto a outros o marmore construa ;  
Q' em vida embalsamado apôs tal nova ,  
Tu mesmo ficas por Estatua tua.

Na desastrosa morte do Illustrissimo Senhor José de Mello Brayner a bordo da Esquadra na sua expedição para Africa, &c.

## SONETO XXX.

**S**E na frente do barbaro inimigo,  
 Q' affouto hias buscar por mar, e vento,  
 Acabáras, Senhor; não te lamento,  
 Pois tu mesmo gostavas d'esse prigo:

Se lá na adusta praia sem jazigo  
 Teus ossos espargisse o santo intento;  
 A Patria te daria monumento  
 Nos corações q' á véla fez contigo:

Mas fado, que tiveste, Lyfia o chora  
 Com tão acerba dor q' os peitos cala,  
 E em pranto os deita pelos olhos fóra:

Vê tu, que feio golpe ao teu se iguala?  
 Quando quem extremo mais te adora,  
 Morto antes te queria de huma bala!

Achando-se o A. no Terreiro do Paço em Lisboa:

## SONETO XXXI.

**P** Artos felizes de hum Pincel fecundo,  
 Que da Arte e Natureza as leis combina,  
 Eu vos saúdo; e a ti, Mente heroína,  
 Q' uniste nelles o util ao jucundo:

Embora o voraz tempo, q' iracundo  
 Mausoléos, e Pyramides termina,  
 Conspire contra vós; q' inda em ruina  
 Por maravilhas passareis no Mundo:

Immortal Alma! em vão fugir esperes;  
 Dias de outro a teus dias não igualão,  
 Vives e vivirás quanto quizeres:

Ingratos corações de mais te callão;  
 Se escrito em indeleveis caracteres,  
 As mesmas pedras de teu Nome fallão!

## SONETO (I) XXXII.

**L** Adrão astuto do caixão quebrado  
 Levar pôde os dinheiros mal seguros ;  
 Póde , Béça , a mão ímpia de perjuros  
 Deixar-te o lar em chammas abrazado :

Devedor a calumnias costumado  
 Negar-te pôde o principal e juros ;  
 Em terra esteril sobre cardos duros  
 Póde o grão suffocar-se espediçado :

Pôr-te-hão em paga fordidas Mulheres  
 Rôto , e nu ; de hir a pique estão em prigo  
 Soberbas frotas , que no mar trouxeres :

Só , Béça , no que dês ao grato Amigo ,  
 Poder não tem fortuna ; bens que deres ,  
 São os bens q' has de sempre achar contigo .

S O.

(1) *Imitando o Epigrama de Martial :*

Callidus effracta, &amp;c.

Ministrando o Excellentissimo Principal \*\*\* o Bap-  
tismo a hum Pagão de 15 annos :

## S O N E T O XXXIII.

Quando a Parteira ao ledo Pai deo parte ,  
E alviçaras pedio dizendo o sexo ,  
Inda não começou , José , teu nexo  
Co' a vida q' em seus dias via entrar te :

Tres lustros , que sentiste pendurar-te  
Em os braços da Mái com doce amplexo ,  
Nascido inda não eras ; que perplexo  
Servio todo esse tempo de gerar-te :

Cheio fôras de cáas , e nem menino  
Te pudéras chamar ! quando não seja  
A Agua em q' hoje te lustra o Nome-Trino !

Agora he que tens Mái , adora a Igreja ;  
Honra o Dia-natal do teu Destino ,  
E ao Principal , teu Pai , a Palma beja.

Recolhendo-se a Senhora D. \*\*\* a certo Mosteiro  
na flor de seus annos :

## S O N E T O XXXIV.

**C**rescei , rofas , disponde lhe a capella ,  
Onde lustro obtereis mais exquisito ;  
Vós , jasmins , esmerai-vos no palmito ,  
Q' em dôbro esmalte a singular Donzella :

A pompa , que lhe dêste já por Bella ,  
Jonia a desdenha ; e com valor perito ,  
Vencedora hoje em desigual conflito ,  
Por crôas de triumpho se desvella :

Não foi ao duro arnez , cu crua espada ,  
Contra unhas do inimigo furibundo ,  
Q' a victoria deveo , não briga armada :

O laurel , de que se órna , he mais jucundo ;  
E Jonia , de alfinetes só pregada ,  
Vence o maior dos monstros , vence o Mundo.

Ao mesmo, &amp;c.

## SONETO XXXV.

Não, Filis, não te pêze do contrato,  
 Q' o cambio, que fizeste, he de hum por cento;  
 Tomas no illustre Ceo festivo assento,  
 A esteira deixas vil do Mundo ingrato:

Não, Filis, não te pêze; q' he barato,  
 A trôco de tal baixa, tanto aumento;  
 Cercada de illusões fó perdes vento,  
 Entre Anjos vás ganhar eterno ornato:

Blasfeme o erro: „ que cruel contigo  
 Ao fio de teus dias a navalha  
 Tu mesma impões, buscando o santo Abrigo: „

Despreza éccos do engano, que te ralha!  
 Tu no berço encontraste o teu jazigo,  
 E as mantilhas recobras na mortalha!

Ao mesmo, &c.

S O N E T O XXXVI.

**E** Sfa que viste corações ferindo,  
 Beleza rara, ó Mundo naufragante,  
 Nunca mais a verás; que triunfante,  
 De hum dia inda a venceres se está rindo:

Sim te prostrou mil vezes, resistindo  
 Aos golpes que lhe forjas cada instante;  
 Mas soube q' a victoria he mais constante,  
 Ou não brigando, ou só brigar fugindo:

Palmas, troféos, de que se ornou vez tanta,  
 Tudo quebrou; se obtellas foi ventura,  
 Nem mesmo dessa gloria já se encanta:

Grita, ameaça-a; Tirse está segura,  
 Se prigo corre, he prigo de ser Santa,  
 No Sacro Azylo, na immortal Clausura.

Por occasião de Cirio na Senhora do Cábo :

## S O N E T O XXXVII.

**O** Nde o Sol ergue a viva face ardente,  
 Tu, Virgem de Bethlem, honraſte o Mundo;  
 Onde o Sol morre, o Vulto teu jucundo  
 Honra, Virgem do Cábo, eſtranha Gente:

Mas não no Occaſo, ou férvido Nacente,  
 Só te adorão; q' és Aſtro ſem ſegundo  
 Ao Norte, ao Sul, nos Ceos, Terra, Ar, Mar fundo,  
 E até na cova da infernal ſerpente:

Mái, q' ao Filho fó cedez em grandeza!  
 Os noſſos labios com teu Dedo toca,  
 Porque figão a voz da Natureza;

Perto, ou longe, em Lisboa, ou neſta roca,  
 Primeiro expire a laſſa redondeza,  
 Que finde o teu Louvor em noſſa boca!

Na Senhora da Atalaia :

## S O N E T O XXXVIII.

**M**ãi do Eterno! he annual, he do costume  
 Hoje a teus Pés o nosso acatamento;  
 Sôa como outras vezes o instrumento,  
 Como outras vezes queima o são perfume:

Mas quanto não se engana quem presume,  
 Q' em nada melhorou o rendimento?  
 Se limpas mãos, e justo pensamento,  
 São nova offrenda, Immaculado Nume!

Pungido coração, q' a Ti se dobra,  
 Te trazemos de mais, com terno pranto,  
 Q' á tua Image o riso teu recobra:

Recebe pois, Senhora, o Culto Santo;  
 E impureza inda havendo, expia a obra,  
 Deixando-nos beijar teu pulcro Manto.

Morte.

## SONETO XXXIX.

A Nda comnosco em nosso pé trilhado,  
 Comnosco ella resfolga na cadeira,  
 Depois se inclina em nossa cabeceira,  
 E o ronco he della no olho já fechado:

Para ella he q' engulimos o bocado,  
 Q' a nutre, ou q' a affoga na carreira,  
 E em nossa lingua ao Mundo lisongeira  
 Ella he quem tece o fio do recado:

Cégo Mortal! de fóra conjectura  
 Q' o damno lhe ha de vir ao pulso forte,  
 E chama vida instantes de amargura;

Vigia em roda porq' evite o corte,  
 E menos de cahir na sepultura,  
 Não sabe que do berço trouxe a morte!

## SONETO XL.

**S**E impio ha tão nefcio, que negar se atreve  
Haver Anjos, e nelles harmonia,  
Venha, ó Jonio, escutar-te a melodia,  
Que na terra hum final dos Ceos transcreve:

Faze q' aos olhos palpe em lição breve,  
O que de fé acreditar devia,  
E o depravado Atheo, q' ás cegas hia,  
Volva ao rumo outravez que tomar deve:

Tão pathetica letra, e tão conforme,  
Milagre inda obrará mais peregrino;  
Que Jonio prega em solfa ao vicio enorme!

Sim te ouça; e pondo as coufas no gráo dino,  
Pelo Homem do seu Deos conceito forme,  
De hum Ceo humano idêe hum Ceo divino!

Nos tenros annos do Senhor, &c!

## SONETO XLI.

**C**ontar annos, Senhor, e ter faude,  
 Proêza não he, de que se jacte o Home;  
 Livres de tanta angustia, q' o consome,  
 Mais annos conta a pedra, e o tronco rude;

Suster-se em braços da gentil Virtude;  
 Vestir os nús, fartar ao q' anda em fome,  
 Fazer que do banido o mal se dome,  
 He a façanha, a que louvor se allude:

Taes são, Senhor, teus titulos ufanos;  
 O que delles carece amortecido,  
 Não vive hum dia ao cabo de cem annos:

Ao que te imita, o tempo ha só corrido;  
 Esse o seu nome alista entre os Humanos,  
 E inda imberbe tem seculos vivido.

Nos avançados annos do Senhor, &c.

## SONETO XLII.

**P**Or mais q' em ruças cáas, Senhor, tu sobres,  
Que somma de annos, de annos avultados,  
Eu te devo augurar, que limitados  
Não sejão inda a meritos tão nobres?

Cem, duzentos, ou mil, inda q' os dobres?  
Todos são poucos: . . . porq' enfim passados,  
Para serem por ti remedeados,  
Hão de afditos ficar, hão de haver Pobres:

Debalde á conta a minha testa fúa,  
E ignora a lingua numeros capazes,  
Com q' o devido cálculo te instrua;

Falta idoneo algarifmo, nem ha frases: . . .  
Qual tua Alma he, tão larga a Vida tua!  
Tantos teus Dias, como os Bens que fazes!

## SONETO XLIII.

**N**ão quando com a escolta átraz correndo ;  
 Entre os crystaes da troante carruaje,  
 Te via Portugal, que na passaje  
 Inclitava a cerviz, o pó bebendo :

Não quando te estivemos, Marquez, vendo  
 Dos soberbos Palacios a equipaje,  
 Onde Europa te rende vassalaje,  
 Tuas leis em Oraculo temendo :

Tão alto nome então não mereceste ;  
 Nunca subiste a gráo mais elevado,  
 Nem brilhar a tua alma assim fizeste ;

Como agora, q' aos Santos pés prostrado  
 Do virtuoso Bispo, q' offendeste,  
 Homem te crês, e choras teu peccado.

Os seis Sonetos , que se seguem , com a Canção  
3. serão repetidos no arraial da Senhora do Cá-  
bo perante Suas Magestades , sendo Juiz do Cirio  
o Serenissimo Senhor Infante D. João.

## S O N E T O XLIV. (1)

**V**enceste , Infante , em fim ! triunfa , gosta  
De huma victoria de rival tão nobre ;  
Quem porfiará contigo , sem que dobre ,  
Quando apostando o Ceo , perde a aposta ?

Quiz parte na Função , contigo enrosta ,  
Fuzila , trôa , os ares tolda , e cobre ;  
Mas tu que não precisas , q' o Ceo obre ,  
A opulencia por ti só queres posta :

Já Roma vio , ou presumio que via ,  
Reinar a hum tempo em menos alta Festa  
Jove de nocte , e o Cesar seu de dia ;

Mas o teu Deos de Mão mais manifesta  
Faz-te á pompa dous dias companhia ,  
E deixa a teu arbitrio o mais que resta.

S O-

(1) *Alludindo á subita mudança de tempo , e recordando o celebre dilico de Virg. a Augusto :*

Mote.

Fartando os Pobres, e imitando a Christo.

## SONETO XLV.

Cante o de Smyrna Achilles em estrago ;  
 A'yax, Ulyffe, Hectôr ; cante diversos  
 D'esses que chama Heróes, e q' em meus versos  
 De os chamar brutos não me dou por pago :

Cante o de Mantua Enéas em affago,  
 Salvando o Pai dos Batalhões dispersos ;  
 Inda q'esse eu ajunto aos mais perversos,  
 Ladrão no Lacio, adultero em Carthago :

Malditos nomes taes, quando eu estude  
 Rimallos, sem ficar aos Ceos malquistos,  
 Sem que logo em carvão a mão se mude!

Só de cantar-te, Infante, eu não desisto ;  
 A ti, e aos que te seguem na Virtude,  
 Fartando os Pobres, e imitando a Christo!

Mote.

Santo orando, sem culpa a Deos temendo.

## S O I N E T O XLVI.

**P**eregrino, q' ao Mundo atravessando ;  
 A lição buscas de Varões subidos,  
 Vem comigo ; ou teus passos vão perdidos ;  
 E louco itinerario estas formando :

Hum campo de cadaveres juncando,  
 O meu Heróe não vive de gemidos ;  
 Nem em fátuas questões perde os sentidos,  
 O que não serve á vida em vão tentando :

Triunfo a fangue ; estudo vacillante,  
 Vulgar he isso ! e dar-te eu só pertendo  
 Novo Heróe de mais fundo, e mais Gigante :

O meu Gama outros mares vai correndo,  
 Outros Sóes o meu Newton ; e he o Infante,  
 Santo orando, sem culpa a Deos temendo !

Mote.

O teu Nome nos Ceos será gravado.

## SONETO XLVII.

Fomos, Senhor, orar, foltando aos ares,  
 Devotas nuvens de enrolado incenso;  
 Sacrificámos com prazer intenso,  
 Erguendo as mãos á face dos Altares:

Derão os olhos lagrimas a mares,  
 Hymnos foarão, porq' o Deos Immenso,  
 Como o dos mesmos Orbes, torne extenso  
 O volume dos annos que contares:

O Dom pedimos da Virtude bella,  
 Q' estudando te ceda a mão do fado,  
 Q' armado o raio imites da procella:

Jove a tudo annuo; e que trocado  
 O Astro de Cesar em melhor Estrella,  
 O teu Nome nos Ceos será gravado.

Note.

Com João a mais Casa de Bragança.

## SONETO XLVIII.

**V**irgem-Mái! ouve todos teus Devotos,  
 Dos Cherubins, q' alçando estão teu Manto,  
 Hum me empresta, q' ao Forte, Eterno, e Santo,  
 Em suas azas leve, nossos votos:

Deos de Israel! se crimes inda ignotos  
 Hajão de defaiar estrago tanto,  
 Desça esse fogo do final quebranto,  
 N'outro diluvio os Ceos se veção rotos:

Pestifero ar suffoque a redondeza,  
 A Terra estoure o eixo em que descança,  
 Novo cáhos embrulhe a Natureza;

Eu acabe o primeiro na vingança,  
 Pereça o Mundo, o Sol; mas fique illéza  
 Com João a mais Casa de Bragança.

Mote.

Tua a Ara, teu Nome o invocado.

## SONETO XLIX.

Vive, ó Rainha, e segue no projeto  
 Das austeras virtudes, com q' espantas;  
 Pois inda Lyfia de Princezas Santas  
 Não tem todo o seu número completo:

Já milhões de Anjos por preceito, e affeto,  
 Crôa te enfeitão de immurchaveis plantas;  
 E Ifabel com Joanna, as quaes encantas,  
 Lugar te fazem com risonho aspeto:

Mas inda não! precisa te contemplo,  
 Porq' o teu Povo fique edificado,  
 Aprendendo a orar no teu exemplo;

Depois aos Ceos teu Spirito levado,  
 De scena mudarás; teu sendo o Templo,  
 Tua a Ara, teu Nome o invocado!

Jurado Principe do Brasil o Serenissimo  
 Senhor D. João.

## SONETO L.

**P** Arabens, Portugal! eterno os goza,  
 Qual foste já, tal inda fer te atreves;  
 O fausto NOME em teus annaes escreves,  
 Sempre a teus dias época ditosa:

Na doce Paz, ou Guerra trabalhosa,  
 Gloria q' adquiras, fama em que te eleves,  
 JOÃOS ta' derão, a JOÃOS a debes,  
 Parabens, Portugal! eterno os goza:

Sabe manter Justiças o Primeiro,  
 As Armas o Segundo joga em brinco,  
 Vai Mares não sulcados o Terceiro;

De enorme Jugo o Quarto expelle o vinco,  
 O Quinto em Honra a Deos não tem Parceiro;  
 E o SEXTO o que fará? inveja aos Sinco!



Na sentida morte de D. Maria Matilde Lenox , quando pelo Tejo se transportava da Villa da Mouta para a Cidade de Lisboa :

## N E N I A .

**E**M roda ao patrio Sadõ , que de magua  
As enrugadas faces arrepela ;  
Co' a gotejante barba fóra d'agua :

Q' em pranto copioso se desvella ;  
Pranto , que mal dos olhos borbuhlava ,  
Logo em sal crystallino se congela :

Alva-juvenil chufma se ajuntava ,  
Co' a ruiva trança invôlta em limo , e lodo ;  
Em prova q' igual dor as lastimava :

Huma então , a maior do rancho todo ,  
Ao som do ebúrneo plectro , que tangia ,  
Cantou , por consolallo , d'este modo :

Jaz em fim morta a singular Maria ?  
 Não jaz ; fugindo aos valles tenebrosos ,  
 Foi beber face a face a luz do dia !

Inda entôão os Ceos harmoniosos  
 Os hymnos com q' alegres receberão  
 Dous astros mais nos olhos seus formosos.

Nella os nossos prazeres só morrerão ,  
 Morreo nossa alegria , pasmo , e gosto ,  
 Que de igual modo nella só viverão.

Dava-nos vida , e mata-nos seu rosto ;  
 Vida nos influía com seus raios ,  
 E mata-nos depois em sombras posto.

Não forão seus , mas nossos os desmaios ;  
 Hum sobre outro Dezembro nos espera ,  
 Ella se goza de huns sobre outros Maios.

Essa flor , como nós , mortal não era ;  
 Nós em caduco inverno murcharemos ,  
 Ella cresce em perpétua Primavera.

Cruel Téjo ( motivo que choremos ,  
 E causa q' ella ria ) tuas aguas ,  
 Não sepulcro , seu berço chamaremos.

Tu novo fer lhe déste em tuas fraguas,  
 Seus dias deve a ti; pois não he vida,  
 Esta vida onde só se vive em maguas.

De estranho lar á patria Sião subida,  
 Conhece os primos Pais, e a lingua falla  
 Em Babel por mil linguas dividida.

Trajando, sem romper, de gala em gala,  
 Conversa co' as Judiths entre carinhos,  
 E brinca co' as Raquéis de fala em fala.

Santo ambar defumando-lhe os caminhos,  
 Cardo não ha q' a planta lhe importune,  
 E colhe a rosa sem temer-lhe espinhos.

De sonhos não se affusta; os dias une;  
 Lodoso copo o sangue não lhe impede,  
 Nem acha prato q' ao padar repune.

Em depurado nectar farta a sede,  
 Em mimoso manná facia a fome;  
 Anjo de Anjos servida, apenas pede.

Perdoa-nos Lenox! se inda o teu nome  
 Os corações nos rasga; se deseja  
 Inda ver-te a saudade q' os consome!

Não julgues q' esta dor desígnio seja  
De roubarmos-te á forte de que gozas ;  
Julga-a de tanto Bem sómente inveja.

Se taes queixas reputas odiosas ,  
Ou nos tira a lembrança q' inda excitas ,  
Ou nos sóbe ás moradas luminosas.

Mas quem recordará as infinitas  
Bellezas tuas , que não chore as penas ;  
Desgraças para nós , para ti Ditas ?

Folgue o Ceo das delicias que lh' ordenas ;  
Q' em nós , para sentirmos tanto dano ,  
Inda as maiores maguas são pequenas.

Onde ha de achar-se hum gésto soberano ,  
Que possa ao teu supprir ? Quando veremos ,  
Sem vermos-te outra vez , teu garbo ufano ?

Em que prática doce enganaremos  
Arrebatadas horas ? Perda tanta  
Com q' arte , com que graça cobraremos ?

Q' he das nevadas mãos , q' he da garganta ,  
Q' á tua se comparem ? q' he do riso  
Q' o mar serena , e furacões quebranta ?

Ah Lenox! que dormisses foi preciso;  
 Callava a boca, os olhos teus fechárão,  
 Para assaltar-te a morte de improvizo.

Os Numes, que de prendas taes te ornárão,  
 Observáo-te depois, e que com ellas  
 Contra elles conspirasses, receárão:

Descórão-te n'um somno as faces bellas;  
 E desarmada então, pois te querião,  
 Por ti mandáo as horridas procellas.

Já angustiadas vozes o ar feriáo,  
 Rompe o masto, abre a véla; e nada escutas,  
 Se acamadas papoulas te cobriáo.

Tufões rebentáo de cavadas grutas,  
 Ondas sobre ondas logo encapellárão,  
 E usáo contigo defusadas lutas:

Ah, se Matilde acorda!... então mudárão  
 Em lisonjeiro bafo irosos ventos,  
 Crespas vagas em leite se tornárão!

Tyranna tempestade! a que lamentos  
 Principio não vás dar na triste Terra,  
 Se no festivo Ceo contentamentos?

Mais do q' a Ella , ao Esposo moves guerra ,  
Quando dentro em Matilde Elle embarcado ,  
Te vê erguendo ferra sobre ferra.

Monstro de haveres nunca faciado !  
Rouba-lhe embora as joias , (1) que lá levas ;  
Vem-lhe buscar o resto , ser-te-ha dado :

Pranto he ! mas vê no Sogro (2) se te cevas ,  
Leva o q' em pouco os annos levarião ;  
Só contra a tenra Esposa não te atrevas ! . . .

Rogos contra Destino em vão porfião !  
A-pique vai a misera Senhora ;  
Se morressem , virtudes mil morrião.

Mas não morrem ; que a alma vôadora  
Sobre as azas a salvo as torna e cede  
Ao Ceo , d'onde são filhas , e onde mora.

Tanto Bem tuas lagrimas arrede ,  
Confolta-te , Viuvo ; e se chorares ,  
Chora o barro , que vôo igual te impede.

E

(1) Levava consigo todas as suas peças a fim de as fazer alimpar.

(2) Pereceo com seu idoso Pai , e toda a mais companhia , &c.

E em quanto as alvas Tágides aos ares,  
Sem supporem q' insultão sua gloria,  
Por exequias lhe soltão vãos pezares:

De outro modo lhe honremos a memoria;  
E sobre esse penedo sobranceiro,  
Tornando em util a amargosa historia,  
De epitáfio lhe sirva este letreiro:

## SONETO.

**N**Avegante, que vás por esta altura,  
Péza bem ao que vás; como instrumento  
Da ira de Deos, respeita ao elemento,  
Que a ouro não respeita ou formosura:

Se injustos fins teu coração procura,  
Esperando te sirvão mar e vento;  
Arriba, volta atraz, muda de intento,  
Q' em si leva o naufragio huma alma impura:

Pura a tinha Lenox; e em sacrificio  
Foi dada a innocencia, porq' ajude  
A desviar ao crime o precipicio:

Só de o pensar, vê q' erro se te allude!  
Pois já, por corrigir-te, foi teu vicio  
Causa de soçobrar huma Virtude!

Ao mesmo.

Apparecendo o Corpo na Praia de Oeiras 24 horas  
depois que naufragára , e conservando ainda aper-  
tada na mão huma Imagem de N. S. da  
Conceição.

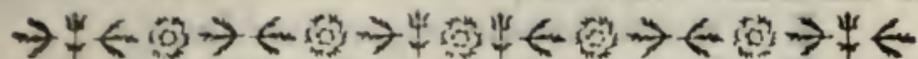
## S O N E T O .

**C**Alai , calai , ternissimas Donzellas ,  
Não lamenteis a Esposa affortunada ;  
Esta que vedes pelo mar lançada ,  
Do mar se ri , e de horridas procellas :

O estrago não choreis das tranças bellas ,  
A roupa immunda , a face macerada ;  
Q' aportou n'outras Praias mais rosada ,  
Onde traja de Sol , e touca Estrellas :

Quem a leva a gozar tanta ventura ,  
He Essa q' inda aperta na mão fria ,  
A Santa-Virgem he tres-vezes Pura :

Q' injusto suspirar ! que vá porfia !  
Carpirdes sobre humilde sepultura  
A quem pula entre os Anjos de alegria.



## A' SEQUENCIA,

*Dies ira, dies illa, &c.*

## P A R A F R A S E.

**O**' Dia de horror profundo,  
 Dia q' em fogo anniquila,  
 (Qual diz David, e segundo  
 A Profetica Sibylla)  
 Quanto se contém no Mundo!

Que susto haverá, q' espanto,  
 Em vindo o Juiz fizudo,  
 Mão e bom, injusto e santo  
 Examinar por miudo,  
 Sem que valha chôro ou pranto!

Sôando a trombeta dura  
 Sobre as Nações, do alto fono  
 De huma e outra sepultura  
 Chamará ante o seu Throno  
 A tudo o q' he Creatura.

A natureza redonda ,  
E a morte hão-de espaventar-se ,  
Do sepulcro , em que se esconda ,  
Vendo o morto levantar-se ,  
Para q' ao Juiz responda.

Eis-que virá a Obra extensa  
Do volume tremebundo ,  
Onde layrou Mão Immenfa  
Quanto foi feito no Mundo ,  
Para ouvir-se-lhe a sentença.

De artigo então em artigo ,  
Depois do Juiz sentado ,  
Ver-se-ha o occulto , e antigo ;  
Não havendo hum só peccado ,  
Que lh' escape sem castigo.

Que desculpa alli procuro ?  
Quem terei por meu patrono  
Contra o estrago futuro ;  
Se inda o justo em seu abono  
Mal dirá q' está seguro ?

Rei , tremenda Magestade ,  
Q' ao que de salvar-se he digno  
Salvais por livre vontade ;  
Salvai-me , Senhor Benigno ,  
Fonte de excelsa Piedade.

Lembrai-vos, Deos compassivo,  
 Que de Vós do Ceo descerdes,  
 Eu fui a causa e o motivo;  
 A fim de me não perderdes  
 Nesse dia vingativo.

Cançastes de me buscardes,  
 E morte na Cruz soffrestes,  
 Para Vida me alcançardes;  
 O trabalho, que tivestes,  
 Não he digno de o frustardes.

Juiz de vingança pronta,  
 Perdôai-me a culpa minha,  
 Esquecendo a vossa affronta;  
 Em quanto não se avifinha  
 O fatal dia da conta.

Como réo em ais me affogo,  
 E envergonhado do crime  
 Córa o meu semblante em fogo;  
 Humilde eu, Jesus sublime,  
 Dai-me o perdão que vos rogo.

Se o Ladrão em paz descança,  
 E absolveis a Magdalena,  
 Segundo a sua mudança;  
 Para q' eu livre da pena,  
 Tambem me dais esperança.

Indigno he meu rōgo terno ;  
 Mas vossa Misericordia  
 He maior que todo o Inferno!  
 Fazei pois , Deos de concordia ,  
 Q' eu não arda em fogo eterno.

Qual Ovelhinha perfeita ,  
 Apartai-me , como estranho ,  
 Do Chibo que se rejeita ;  
 Ao separar do rebanho ,  
 Pondo-me á vossa Direita.

Aos réprobos convencidos  
 Eterno seja o tormento  
 Entre flammas e bramidos ;  
 E a mim ao placido Assento  
 Me chamai co's escolhidos.

Ante os vossos Pés prostrado ,  
 E o meu coração contrito ,  
 De dor em cinza tornado ;  
 Vos rogo , Jesus Bemdito ,  
 Me não deis fim desgraçado.

Dia de ira , e lastimoso ,  
 Em que das chammas no meio  
 Vai julgar-se o criminoso !  
 Ah ! por quem sois , focorrei-o ,  
 O' Summo Senhor Piedoso.



# À DOENÇA:

## H Y M N O.

**M**Imo dos Ceos, que vens dos Ceos baixando,  
 Sôlto da Mão Potente,  
 Que seu trabalho annoso abençoando,  
 Vê q' he *Bom*, e o manda hir continuando;  
 Tu, q' então cahes, consente,  
 Bem que rasteiro meu louvor te fique,  
 Q' eu de tantos ingratos te despique.

Rubicunda, pulcherrima Doença,  
 Tu não és hum castigo,  
 Q' ao Mundo entorna hum Deos gritando offença;  
 Novo Iris és paz, és a presença  
 De hum carinhoso Amigo!  
 Honra-te o Sabio; o nescio he quem te aggrava,  
 E te imputa o horror que nelle estava.

Exactos fluido e maça em seus officios,  
 De riço e firme passo  
 Corre o culpado a galopar nos vicios;  
 E de huns travando em outros precipicios  
 Com seu nervoso braço,  
 Pensa q' elle se fez, q' elle manter-se  
 Ha-de a seu gosto, e a gosto desfazer-se.

Tu, esmoler Doença, ao teu gemido:  
 Fazes se raigue a venda,  
 Com que se vidra o barro presumido;  
 Tu lhe quebras o orgulho mal havido,  
 E és causa que se entenda  
 A Obra do Sôpro quasi em ar tornada,  
 De novo o pó em vésperas do nada!

Logo q' allucinado o Pai-primeiro  
 Prova o vedado pomo,  
 O Deos, que se aguardava Justiceiro,  
 Presente fez de ti ao Mundo inteiro;  
 Como antídoto, como  
 Santificado balsamo, que vinha  
 Confortar o Homem, q' ultrajado o tinha.

Dom excelso, que cortas pelos ares,  
 Mais grato que o orvalho,  
 Q' os campos farta, e que povôa os mares!  
 Quando hum dia te dignes de hospedares  
 No meu rude agasalho,  
 Faze-me prévio aviso; pois importa,  
 Q' atme janellas, e te junque a porta.

Não torça duro chão tuas pizadas,  
 Nem visinhança afflita,  
 Nem Irmâas te condôão lastimadas:  
 Q' hei de eu mesmo, co' as vozes já cançadas,  
 Celebrar-te a visita,  
 E mirrada da febre ao Deos Immenso  
 Ha de a tremula mão queimar o incenso.

O' manná Santo que dos Ceos nos chove,  
 Precursora do Eterno,  
 Sacra estrella polar, lingua de Jove!...  
 Não sabe a alma q' expressões renove,  
 E a tanto Bem superno  
 Por toda a natureza em vão mendiga  
 Nome idóneo que delle huns longes diga!

Socéga , enfermo ! ostenta mais doçura  
 Em teus ais , tuas dores ,  
 Que tal prazer te offrecem de mistura ;  
 Mais te amima essa esteira de amargura ,  
 Q' hum canapé de flores !  
 Se o não julgas assim , dá-me o teu prigo ,  
 Minha indolencia eu trocarei contigo.

Não foi sobre pestifero terreno  
 Espirito malino  
 O que te fez tragar de hum tom sereno  
 Por tuas loucas mãos subtil veneno ;  
 Foi sim Anjo divino ,  
 Que do Universo abrindo o mór thesouro ,  
 A' boca te applicou seu Calix d'ouro.

Que sorvo amigo ! o corpo rebellado  
 He quem delle se queixa ,  
 Que delle a alma se exaltou dobrado ;  
 Então no fundo gôlfo do passado  
 Ella entranhar se deixa ,  
 Té que tudo examine , e do futuro  
 Então sonda ella o nevoeiro escuro.

Nunca mais vélas, como em teu lethargo,  
 Quando álferta o remorso  
 Os crimes purga, que te fazem cargo!  
 Mais o teu paladar não fica amargo,  
 Tudo então he esforço: . . .  
 Enfermo! sustentar meu dito espero,  
 Vem tu farar, q' adoecer eu quero.

Bizarro o Ceo ao generoso iguala,  
 Que seu favor descóra,  
 E a mão affeia, a mão com que regala;  
 Teu Deos mil vezes no trovão te fala,  
 E ao som do raio agora  
 Da podre scena rebentando o panno,  
 Sem mascára huma vez te mostra o engano.

O' Doença! dirme-has, por que segredo  
 Só allim são bem pagos  
 Cesar e Deos, quando intervem teu dedo?  
 He q' o Nome, que tinhas em degredo,  
 Nunca exhausto de affagos  
 Volve a teu peito; e q' o Jesus Bemdito  
 Retoca a Lei, que nelle havia escrito.

Menfura igual ! rectissima Balança ,  
 Onde de novo tomas ,  
 Servo , e Senhor , teu pacto de Alliança !  
 Tu , Doença ! . . . o thuríbulo não lança  
 Mais do q' a Hum seus aromas ,  
 Q' a lançallos , faude não teria ,  
 Nem a fortuna altar , mas teu sería.

Mimo dos Ceos ! se nunca em alta Musa  
 Ouviste tu cantar-te ,  
 Oh se pelo Orbe a minha voz diffusa  
 Te pudesse vingar de quem te accusa !  
 Esta a frase , esta a arte ,  
 Este o tributo , e a melodia ufana ,  
 Que te deve de jus a Espece humana.



Reedificada a Parroquial de S. Julião da Villa de Setubal, que o terremoto de 1755. havia demolido; no dia em que para ella se trasladou solemnemente o SS. Sacramento.

## CANÇÃO I.

**V**ós, illusões, enganos,  
 Belleza, engenho, invicto Heróe que seja,  
 Não me toqueis, profanos!  
 Minha arpa affino aos Querubins da Igreja,  
 Fallo do Eterno, q' em meu Estro layra,  
 Author do labio, arrímo da palavra.

Lingua balbuciente,  
 Que de Deos Nuncia, quando mais se arrisca;  
 Salvas a escrava Gente!  
 Dá-me d'esse teu fogo huma faisca,  
 Empresta-me o furor, com q' entoaste,  
 Quando a pé sêcco o Rubro mar passaste.

Do mesmo Deos eu canto  
 Por boca d'outro seu eleito Povo ;  
 Q' em soluços , em pranto ,  
 A antiga Mão conhece ao fruto novo ;  
 Q' alto manná prefere já contrito  
 A's cebolas crueis do algoz Egito.

Bramando aos Ceos torpe erro ,  
 Que , Jehovah deserto , o rasto estima  
 A's patas do Bezerra ;  
 Anjo desce , q' a Terra iníqua opprima ,  
 Q' abraze o Templo , e q' á espada corra  
 Sodoma ingrata , e a desleal Gomorra.

Tabernaculo summo ,  
 Q' azylo foi , theatro he já sinistro ,  
 O Candelabro he fumo ,  
 Cinza he o Altar , he victima o Ministro ;  
 A morte substitúe ao Ente Immenso ,  
 Vapora o sangue no lugar do incenso.

Essa nuvem , que alveja  
 Sobre a infiel , arruinada Casa ,  
 Q' antes Baal deseja ,  
 Cozidos Anjos são aza com aza ;  
 Que buscão nova Tenda , onde se aloje  
 O Deos que levão , o Senhor que foje.

Inveja vos não pique,  
 Tornai-mo, ó Anjos! A que parte adeja,  
 Que d'onde sahe, não fique,  
 E q' onde o conduzís, lá não esteja?  
 Hum Estranho não he q' ao Mundo veio,  
 O Mundo está a hum canto do seu Seio.

Porque má vassalajem  
 Os Servos rendem, o Senhor, q' he Pio,  
 Não lhe inverte a Imajem,  
 Retocada a seu proprio Sangue em fio;  
 Ao barro tosco, a q' Elle quiz unir-se,  
 Póde costas virar, mas não sumir-se.

Quizereis, rivães do Home,  
 Folgáreis, Anjos, q' a possivel maça,  
 E o nada outravez tome  
 O lodo feito abençoada Raça: . . .  
 Anjos! se eu pécco, e réo se me contemplo;  
 Foi da vossa Ordem quem me deo o exemplo!

Se fôra seu desejo,  
 Bastára acêno, porque tudo alague,  
 D'Esse, q' a seu bafejo  
 Tolhe q' o mar se gele, e o Sol se apague;  
 Outros mil Orbes, geração mais justa,  
 Tarefa erão, q' hum *Fiat* só lhe custa.

Mas , para mór ciume ,  
 Do Homem a duração está lançada  
 No infallivel Volume ,  
 Com sello eterno , em Pagina dourada ;  
 Tres o fizerão , Vida em Morte Hum troca ,  
 E os Dous respeitão a Obra que lhe toca .

Anjos , baixai , volvei-o : ...  
 Elle porém revôa , Elle já poufa ,  
 Não em terreno alheio ,  
 E a quem mais o ultrajou deixar não oufa ;  
 Qual Abelhinha , que , sentindo aggravos ,  
 Defronte (1) muda os innocentes Favos .

Os teus gemidos sólta ,  
 Chora , Israel , e reedifica a Ara ,  
 Que , se te escuta , volta !  
 Benze a Arca , os thuribulos prepara ,  
 Aspérge os conciliábulos do vicio ,  
 E Christo acode em Hostia ao Sacrificio !

Podéis , lagrimas , tanto ?  
 Elle que vem , o Sabaóth , o Trino ,  
 O Santo , Santo , Santo ;  
 Tocai-lhe a marcha , Exercito Divino ! ...  
 De novas settas Asmodêo se crive ,  
 Surge Sião , Jerusalem revive .

Me-

(1) Havia-se transferido para a Igreja de N. Senhora do Socorro , annexa á mesma Freguezia .

Meninos , Virgens bellas ,

( Q' aos Pais os sobmergio maldade sua ! )

Destoucai as capellas ,

E de jasmims alcatifai-lhe a rua ;

He quem vos esmaltou , quem vos conforta ,

He Deos-Vivo em Triunfo á vossa porta !

O Véo , de que se cobre ,

Nova offrenda he de amor , he mais carinho ;

Pois esplendor tão nobre

Cegar pudéra o vosso tenro olhinho ;

Despido coração , pura vontade ,

Sabem só vello em toda a Magestade.

Deixa , meu Deos , meu Tudo ,

Q' á Vara d'esse Pállio eu me guarneça ,

Que della eu faça escudo ,

E motivo a fugir não mais te offreça ;

Tira-nos Lua ! o Sol a trevas passe !

Lua nos fica , e Sol na tua Face.

Potestades Celestes ,

Q' em armas viste hum Deos , vêde-o enfeitado

De pacificas Vestes ;

O Leão de Judá , Leão croado ,

Que rugindo affustou o valle inteiro ,

Volve ao Rebanho em placido Cordeiro.

Medianeiro Cajado

De escolhido Pastor, nunca tu vergues!

Vai pollo enthronizado

No Solio excelso, que de novo lhe ergues;

Ao Povo em sede, em fome, nunca trôce

A portentosa Vara dom tão doce.

Consola-te, ó Esposa,

E o rosto, q' arrastavas, alça enxuto,

Teu thalamo o Bem goza,

Por quem ha tanto suspiraste em luto;

Rico foi, Rico vem; e entre os Filhinhos,

Visita offrece a Amigos, e Visinhos.

Eu vou, eu me resigno: . . .

Mas primeiro me lave da impureza,

Q' hospede me ha indigno

Para sentar-me a tão Augusta Mesa! . . .

Quem ao Convite não hirá d'Aquelle,

Q' aos que chama, o MANJAR, que põe, he Elle?

O estrago mais não dure,

Familia enferma, e ao Pai-commum dai parte,

Balsamo, que vos cure,

Elle traz, e sustento que vos farte;

Aqui se amassa, aqui he já servida

Agua da sã Piscina, e o Pão da Vida.

Papel! delido o bronze,  
Teu assumpto immortal fará precizo,  
Porque pereças, o final Juizo!



Á

PURÍSSIMA CONCEIÇÃO

DA

VIRGEM SANTÍSSIMA  
NOSSA SENHORA.

## CANÇÃO II.

**L**Onge, longe de mim, Gente indecisa!  
 Illuminada a Musa,  
 Humanas (1) congruências não precisa,  
 E á fonte vai beber doutrina infusa!  
 Depois que no ar peneira,  
 E aos ventos sólta a terreal poeira,  
 Coando pelos Ceos, filha de casa,  
 Alto segredo, dos Mortaes não visto,  
 Seu níveo côto d'aza  
 Sóbe a folhear no archétypo Registo.

Lá

(1) Pelo silencio dos Sagrados Livros a este respeito.

Lá vòo o Estro meu , he lá q' adejo ,  
 E em santa miniatura  
 A Arvore de Jessé brotando eu vejo ,  
 E sobre ella poufar a Pomba pura :  
 Mal que poufa ( ó prodigio ! )  
 Do vicio antigo não ha mais vestigio ,  
 He nova a seve ! e ao toque milagroso ,  
 Purgado o tronco , em a raiz corruto ,  
 Reverdece formoso ,  
 Illesa a Vara , Immaculado o Fruto.

Inda em seu embrião o dia , e a hora ,  
 O excelso Vaso eleito  
 Já cheio da Palavra alli se adora ,  
 Elle sem mancha , e Ella sem defeito :  
 Natureza se espanta  
 Da invicta Voz , q' a série lhe quebranta !  
 Intacto , como o Pai , o Concebido ,  
 E limpa , como o Filho , a Mãi jucunda ,  
 Ao tempo appetecido ,  
 Pare a Virgem , e a Esteril (1) foi Fecunda.

Em

(1) A *Santissima Anna.*

Em si não cabe a tresbordante Graça ,  
E seu Preço bemdito  
Além das gerações , além repassa ,  
Estreito o Orbe ao Merito infinito :  
Expiado o futuro ,  
Seus raios volve no passado escuro ;  
E o Mesmo , que profusa luz entorna  
No opaco Seio , q' a visita almeja ,  
A Habitação adorna ,  
Que de Hóspede tão digno digna seja.

Duas vezes trilhada a vil serpente ,  
Sibíla , erriça , assanha ,  
E mais que vibra a cauda , ou range o dente ,  
He ar que morde , ou a si mesma apanha :  
Quando prezas procura ,  
Nas garras lh'entra a morte mal segura ;  
Huma com outra em carcere tostado  
Seus duplices grilhões a huivar supporta ,  
E o Emyreo dilatado  
Abrio primeira , abrio segunda Porta.

Inda depois os rigidos ferrolhos  
 Força o Espirito immundo,  
 A espuma alimpa, defatèa os olhos,  
 Manso huma vez se torna, e trepa ao Mundo:  
 Do sulfúreo brazido  
 O halito encobre, encobre o denegrado;  
 As conchas despe, ao modo humano traja,  
 Hum pio zelo finge então ferver-lhe,  
 E diz: „ q' ao Filho ultraja,  
 Igual no Privilegio a Mái fazer-lhe. „

Disfarça o impostor, porque se irrita  
 Com seu fatal desdouro,  
 Prematura a resposta ler escrita  
 No eterno Archivo em caracteres d'ouro:  
 Que, para mais segura  
 Da chaga, q' elle rasga, ser a cura,  
 E porque ao virus grassador derrote,  
 Quiz o Decreto: „ q' o Senhor, e a Serva  
 Se enfeitem de igual dote,  
 Puro o que Sára, e Pura a que Preserva. „

Se porq' ao Padre irmana em attributo  
 O Mediador implora ,  
 Livre tambem do crime dissoluto  
 Orar só deve ao Filho a Mediadora :  
 Negar-lhe tal ornato ,  
 He roubo ao Filho , e ao Padre defacato ;  
 Os Dous consubstanciaes na Divindade ,  
 Consubstanciaes na carne a Mãi , e o Ungido ,  
 Resulta afinidade ,  
 E á Essencia se enlaça o Dom cedido.

Mas ao Monstro infiel , manha , e mentira ,  
 Q' escrupulos femeia ,  
 Fervoroso (1) Leão , que fé respira ,  
 O doló desfiou , e a frase fêia :  
 Em despeito da cobra ,  
 Erige Altares , o joelho dobra ;  
 Elle faz q' emmudeça , elle a circula  
 Entre novas prizões , e á doce Planta  
 Da Estrella , a quem macúla ,  
 Lhe prostra em pena a tumida garganta.

A

(1) *Allude-se á Igreja de Leão , a primeira entre os Latinos que celebrou culto á Immaculada Conceição ; ainda que já antiquissimo na Grega.*

A grata Offerta em precioso aroma,  
 Da Terra aos Ceos erguida,  
 Sobre os Córos Angelicos affoma,  
 E metade lá deixa recebida:  
 Desce a outra metade  
 Em perfume de mór suavidade;  
 E onde quer q' exhalou, em riso, e fausto;  
 Huma a vontade, unânime o consenfo,  
 Aceito o holocausto,  
 A myrrha dobra, e multiplica o incenso.

Rasteira choça, ou tecto sublimado,  
 Provincia, ou vasto Imperio,  
 Do quente Pólo ao Pólo enregelado,  
 Cabeça curvão ao gentil Mysterio:  
 Blasfemo, q' o refuta,  
 Hereje da razão já se reputa;  
 Onde o bom Senfo está, onde a Sciencia,  
 De defendêllo o Voto ahi reside,  
 E, morto á evidencia,  
 Fica apenas o Cafre q' o duvide.

Se aciso no meu sangue gota a gota  
Huma vida, q' a jura,  
Eu perdesse, ao alfange, q' as esgota,  
De morte em morte gritarei q' he Pura:  
Ou se entre meus desmaios,  
Sentado no trovão, e envolto em raios,  
O Deos Zeloso, q' ao Sinai bramia,  
De Face mesmo a face me differa,  
Q' apôs hum erro eu hia:..  
Assim, ó Mái!... mas impossivel era.

Canção! em toda, ou parte,  
Se áspera alguém te vir, e sem preceito,  
Não foi falta de engenho, ou falta d'arte;  
Foi terror, foi respeito!

Achando-se o Serenissimo Infante Senhor D. João  
em o Arrayal da Senhora do Cáo, como Juiz  
daquelle Cirio :

## CANÇÃO III.

Sobre o sangue de tépidas entranhas  
Sondar vedados mares não procuro ;  
As emperradas portas do futuro  
Não quebro ao vôo, ao som d'aves estranhas :  
O q' expendo, o q' eu fallo,  
E o muito mais q' eu callo,  
A Vida o vio, do Original segredo  
Dado á luz pelo Eterno com seu Dedo.

Vistos já forão os Heróes immensos,  
Prototypos do Heróe q' he minha empreza ;  
Heróes que quando os fórma a Natureza,  
Folga depois por seculos extensos :  
Inda agora cançada  
Arqueja, não faz nada,  
Porque fez, porque deo o excelfo, o santo,  
O Infante, o chefe d'obra, Heróe q' eu canto.

Febo, Musas, deidades fois sonhadas,  
 Mais valho eu de que vós! não vos invoco;  
 A Lyra de ouro, e de marfim, que eu toco,  
 Não precisa de vozes emprestadas:

Os Principes do Tejo

Efcusão mais cortejo,

Q' o da nua verdade; em sua gloria  
 A Profa he Verso, e Epopéa a Historia.

Virgem Celestial, lá da Morada,  
 Onde vestes de Sol, calças de Lua,  
 Tu me lembra, eu te chamo, a causa he tua;  
 A Alma, q' eu canto, a votos teus foi dada:

Ao Templo do Heroísmo,

A servir-lhe de abismo,

Pelo teu Templo o meu Heróe caminha,  
 E o pó beijando, aos Astros se avizinha.

Senhor, bem hajas! só affim propenso  
 Estarás ao saber, apto á victória;  
 Sem benta agua he em vão forçar memoria,  
 Não corta o ferro sem cheirar a incenso:

Fundições, Livrarias,

Sobre as Academias

Não crôão, não triunfão na peleja;  
 O auxilio fim, as armas fim da Igreja.

Os arduos rumos, q' os Colões abrirão,  
 Gente, a q' os Gamas a razão leváráo,  
 Já da face do Altar se lhes mostrarão,  
 Como o Ceo lho promete, assim o virão:  
 Lyfia assim forte, e sábia  
 Deo Leis na Ethiopia, e Arabia,  
 Vio circumcidar-se a Asia, e rio da teima  
 Com q' o Perfa ajôelha ao Sol q' o queima.

Vê tu, Senhor, vê tu, que Jerarquia,  
 Q' ordem nos teus pertendes que te aponte,  
 Porque no exemplo te confirme, e conte,  
 Quanto discorro em sã Filosofia?

Por tudo onde me volto,  
 Onde eu a vista solto,  
 São de Avós teus prodigios a milhares,  
 Troféos, Sciencias, por mimo dos Altares.

Sem fahir do teu Titulo, alto Infante,  
 Sem fahir do teu Nome, João famoso,  
 Em delicada penna, em braço iroso,  
 Lyfia te offrece o q' ha de mais brilhante:  
 Teu Nome ou Mundos toma,  
 Ou dá lições a Roma;  
 Reis teu Titulo aos Duartes põe de rastros,  
 E aos Luizes norma dá q' emende os astros.

Bronze fosse o meu peito , de aço a lingua ,  
 E a dizer quantos , porq' aos Ceos honraráo ,  
 Dos teus em letras e armas se affamárão ,  
 Havia o aço e bronze achar-se em mingua :

Da interrupta excellencia

Da tua alta Ascendencia

Bastará q' eu a Origem , para espantos ,  
 Mostre em tres Homens não , mas em tres Santos.

Se he que na tua stirpe eu cavo , e a figo ,  
 Erguella eu vejo em dilatada copa ,  
 Entrelaçando a si a flor de Europa ,  
 Até no fructo se apurar comtigo :

Mas onde o Beato-Home ,

Q' eu busco ? quem seu Nome

Rouba a meus labios ?.. Anjos são por certo ,  
 Anjos profirão o immortal Roberto !

Eis o Sceptro , e o primeiro logo avisto  
 Nas mãos do Primogenito de Henrique ;  
 Vê trocallo em Sinái o sacro Ourique ,  
 Vê pactear com Elle o proprio Christo :  
 Se no Altar lumiado

O não vês collocado ,

He que para Altar seu falta o thesouro ,  
 Q' he tosco o Cedro , o jaspe , a prata , o ouro.

Quem he este Varão semidivino ,  
 Terva a vista , indomavel , Pai da guerra ,  
 Ameaçando o Mundo , o Mar , e a Terra ,  
 Como hum Deos que nas mãos tem o Destino ?

Tão caracterizado

Não será diffrençado ?

Ah ! he quem Crôas dá , fiel Aluno ,  
 Teu novo excelso Tronco , o grande Nuno !

He o Campeão , o extirpador dos vicios ,  
 Q' as vêias esgotando não socega  
 Em serviço da Patria , e o resto entrega  
 Ao espinhoso ferro dos cilícios :  
 Na Tunica , ou na Farda ,  
 Não dorme , nada aguarda ;  
 Briga , reza , ora sahe , ora se encerra ,  
 N'um braço ampara o Ceo , e n'outro a Terra !

O' douto Infante , pio , resoluto ,  
 Q' Original , que Mestre se te offrece ,  
 Se para ti mais q' aprender houvesse ?  
 Mas arvore és , que nasce já com fruto :  
 Completo te divisas ,  
 De exemplos não precisas ;  
 Os q' eu digo ; e o volume de Acções suas ,  
 O index só forão das Idéas tuas.

Já da Carreira os planos tens traçados,  
 E se esperas hum tempo q' os abone,  
 Não he porq' elle as produções fazone,  
 He para mais ficares confirmado:

Sim, por ti mesmo estuda,  
 De systema não muda,

E a Virtude, entre os Homens quasi exangue,  
 Resurja em ti formada em carne e sangue.

Tu inda ao lado a vês, inda te encanta,  
 Nos affagos do Pai, da Mãi no riso;  
 Do Pai q' outro mais recto não diviso,  
 Da Mãi que não descubro outra mais santa:

Elle Justo, Ella Pia,  
 Impossivel seria,

Pois da propria Virtude assim te cercas,  
 Errar-lhe a pisa, ou q' as feições lhe percas.

Musa! falla de manso,  
 Q' atrevida de mais já te contemplo!  
 E o teu Heróe precisa de descanso,  
 Porque madrugue ao Templo.

Professando no Mosteiro da Nafareth de Setubal, Ordem de S. Bernardo, a Rda Soror \*\* do Sacramento; sobre-nome em que trocou o de Aguiar da sua Familia:

## CANÇÃO IV.

**S**eculo errado, vãs architecturas,  
 Fantasmas de ar nutridos,  
 Q' a tenros peitos pregoais doçuras,  
 Para depois vender lhes só gemidos!  
 Hoje cahistes, hoje faz jazer-vos,  
 Hoje a cerviz vos piza  
 Virgineo Pé, por nunca mais erguer-vos.

Almas offudas, de razão sem lume  
 Perdidas por officio,  
 Para quem, deslavado no costume,  
 Insipido se torna o mesmo vicio!  
 Silencio, nem rugir! . . . de impuro canto  
 Não maculeis meus versos,  
 Co' vosso não affina hum Estro Santo.

Córos do Empyreo , engano onde não lavra ,  
 Q' huns dentro em outros lendo ,  
 Sem o implicado auxilio da palavra ,  
 Vos-perguntais , vcs-hides respondendo ;  
 Da tofca frase humana honrai o artigo ,  
 Despique-fe a Virtude ,  
 Vingue-fe o Ceo , e falmeai comigo .

De fortuita victoria , e nescio arrôjo ,  
 Não canto o vituperio ,  
 Com que de vil cobiça foi despôjo  
 Huma Provincia , hum Reino , ou vasto Imperio :  
 Do Orbe inteiro , de terra , e mar profundo ,  
 Triunfo incruento eu canto ,  
 Q' he conquistallo desprezar o Mundo .

Hercúleos corações , forrados de aço ,  
 Que de coragem cheios  
 Domando andastes com marmóreo braço  
 Erriçados leões , javardos feios ;  
 Pouco , ou nada fizestes ! . . . q' atropela ,  
 De hum agulheiro armada ,  
 Monstros em dôbro impávida Donzela .

Ditosa Aguiar! a arte em ti se exalta  
 De vencer d'esse geito,  
 Vencer fugindo; a q' o brazão só falta  
 De a primeira não ser q' o tenhas feito!  
 Mas entre milhões d'outras, que vão hoje  
 Voando ao precipicio,  
 Unica he quem do precipicio foge.

Na vasta Villa a noite já derrama  
 O seu balsamo amigo,  
 Tudo o que pennas veste, ou veste escama,  
 Fera, Homem, se refaz do excessso antigo:  
 Sómente a juvenil idade bella,  
 Nessas horas furtivas,  
 Se suppõe em descanso porque véla.

Tal accusa, a ausencia lamentando,  
 Da faudade o verdugo,  
 Qual com douradas letras vai lavrando  
 O authenticico instrumento do seu jugo:  
 Renhida huma carpindo está ciofa,  
 Pulsando-lhe outra o peito,  
 Ouvido applica á senha criminosa.

Tu, formosa Aguiar, também velavas,  
 Mas quanto erão diversos  
 Esses dignos projectos, que traçavas,  
 De est'outros recatados fins perversos...  
 Anjo Custodio, que lhe dêste o aviso  
 Da Vocaçáo Sagrada,  
 O alvoroço dizei, dizei feu riso!

Vigía, exulta, pensa, e em hora estranha  
 Sôffrega continúa,  
 Temendo em fim, que tão gentil façanha  
 Perca o valor, se toda não for sua!  
 Só d'esse modo a avareza rude  
 Ser discreta podia,  
 E de vicio passar a ser Virtude.

Já sóbe o fiel Nuncio co' a certeza;  
 E a candida Heroína,  
 Dando por consummada a ardua empreza,  
 N'um raptó santo então ao somno inclina:  
 Fizeste bem! a boca abençoada,  
 Que deu tal fim, não deve  
 Nem disputar, nem proferir mais nada.

Eis-que na cova do perpétuo fumo  
 Sôa ao Dragão tismado  
 O Nupcial Canto; e quer ao Noivo summo  
 Hum thalamo usurpar, q' elle ha formado:  
 Huyva, blasfema, e corre, empola os mares;  
 Atraz torna a Aurora,  
 Queima as seâras, e inficiona os ares.

Ricas alfaias, lindas copas tece,  
 Cofres, joias avança,  
 E tudo em sonhos a Aguiar offrece,  
 De tudo lhe promete farta herança:  
 ,, Eu firme estou; da Mão, com que me espóso,  
 ,, Esses bens só vierão,  
 ,, De todos gosarei, se della eu góso. ,,

Mil brazões, honras, titulos lhe affina,  
 E porque o fel esgote,  
 A outra parte, aguçada disciplina,  
 Cilicios, grossa lâ, lh'expõe por dote:  
 ,, Eu este escolho; ,, e co' a nevada mão,  
 Calando desdenhosa,  
 Aponta para o mais, e diz que não.

Espuma o monstro , e tres volções de fogo  
 Da trilingua exhalárão ,  
 Os cabellos arranca , de que logo  
 Outras tantas serpentes se gerárão :  
 Ria em tanto Aguiar do infame sonho ,  
 Q' hum semblante innocente  
 Entre navalhas inda está risonho.

Imberbe Moço esbelto depois olha ,  
 Q' a furia finge em breve ,  
 Vivas rosas nas faces lhe desfolha ,  
 Que soube matizar de viva neve :  
 De feição em feição a graça pula ,  
 Fino ambar respirava ,  
 E são de mel as vozes que articula.

- „ Moço incauto ( real , ou não , que seja ,  
 „ Essa tua figura )  
 „ Caduca extrioridade em vão forceja ,  
 „ Q' ao Creador prefira a creatura !  
 „ As tuas prendas findaráõ , e as minhas ,  
 „ Sem que reste memoria  
 „ Das q' havião em mim , das que tu tinhas.

„ Jure embora grandiloquos extremos  
 „ Teu peito nunca escaço ,  
 „ Q' a rija condição , com que nascemos ,  
 „ Fará depressa tedioso o laço :  
 „ Sempre grato hyminêo , jámais acerbo ,  
 „ Qual Esse a q' eu aspiro ,  
 „ Dallo só póde o Immutavel Verbo ! „

Tremeo do Sacro Nome , apenas dito ,  
 Seu inimigo eterno ,  
 A Elle , a si maldiçôa , e sólta hum grito ,  
 Que do caso avisou a todo o Inferno :  
 Negro alçapão se lhe abre , e foi de xôfre  
 Mergulhar-se confuso  
 N'um lago immenso de ateado enxôfre.

Acorda , que já ferem nas janellas  
 Os rayos matutinos ,  
 O prado para ti dobra as capellas ,  
 Por ti renova o rouxinol seus hymnos :  
 Acorda , ó Aguiar ! ... e vai de rastros  
 Alistar te no Livro ,  
 De q' ha de a copia transferir-se aos astros.

Ella que sahe : . . . pessoa se lhe atreva ,  
 Se a vir sem companhia ,  
 Seu Proposito he todo o trem que leva ,  
 O Anjo do Claraval a escolta , e guia :  
 Já chegou : . . . rematou-se essa aventura ,  
 Bateo na flor dos annos  
 Por suas mãos á sua (1) sepultura !

Recebêi-a , Mosteiro illuminado ,  
 Que parâ-bem vos seja ,  
 E vindo lá o dia abalizado ,  
 Dessa pedra esmaltai a vossa Igreja :  
 Hoje he : . . . ah ! não a insteis , para que diga ,  
 Se gostosa professa ,  
 Q' outros a ellas , mas esta aos seus obriga.

Não vereis desta o vinculo ser roto ,  
 Pois tanto ao nó se humilha !  
 Não he a victima huma , e outro o voto ,  
 Porq' o Pai prometteo , não paga a Filha :  
 Não levais ao Altar , como outras vezes ,  
 (Pollúto o sacrificio )  
 Por hostias livres , violentas rêzes.

Não ,

(1) De madrugada havia sahido da casa de seus Pais para o dito Mosteiro.

Não, Aguiar, não grites, q' he frustrado,  
 Teu fim he sem remorso,  
 E o Corpo, das Vigílias macerado,  
 De ti não pede tão crescido esforço:  
 As lagrimas, q' o rosto acceso sulcão,  
 Esse Christo que apertas,  
 Fallão por ti, e teu prazer inculcão.

Ah sublime Aguiar!... porém que digo!  
 Tal nome inda te he dado?  
 Deita-o fóra, não queiras ter contigo  
 Pompa alguma, que preze o vulgo errado:  
 Já Parentes não tens, foi Mundo hum vento,  
 Do Esposo te appellida,  
 Conquista tua, Augusto Sacramento.

Canção; espedido  
 O incenso ao vicio rude,  
 Roubemos-lhe hum bocado  
 Para seu Dono, a candida Virtude.

Por occasião de Novo Capitulo entre os Religio-  
fos do Carmo calçado.

## C A N Ç Ã O V.

**F**oge, incrível Turba! tu não deves  
Ter parte nos prodigios q' estou vendo!  
Celeste Mão, que sobre os ares leves  
Meu vôo arrebatou, me está sustendo:  
Descubro outros Paizes,  
Que talvez nunca pizes;  
Toco o Sol com o dedo, o labyrintho  
Das chuvas e trovões abaixo sinto.

Ganimedes em aguia transformado,  
Correio de deidades fabulosas,  
Não me conduz; Mercurio, o sonho alado,  
Não me sóbe ás moradas radiosas:  
Quiméras não me acodem,  
Fazer tanto não podem: . . .  
Delirios de huma vá ociosidade,  
Ou jogos pueris da Antiguidade.

Dous excelfos Amigos eu diviso,  
 Q' encaminhar-me pela mão vierão ;  
 Estes não são Euryalo, nem Niso,  
 Não são Cástor, nem Póllux, se os houverão !  
 Paganismo fallaz

Taes milagres não faz :

Em dous corpos hum' alma achar só pude  
 Na sã Religião, na sã Virtude.

O Filho de Sobac divino e forte,  
 O Filho de Japhat forte e divino,  
 Hum vivo áquem, vivo Outro álem da morte,  
 São os que se encárregão meu destino :

Da Terra onde hia a rastros,

Vou topetar c'os astros!

Eu me explico melhor ; as minhas Guias  
 São o Santo Eliseo, e o Santo Elias.

Eu os conheço ; e n'um inda se vião  
 Da Penitencia as cores maceradas ;  
 Os Córvos de Caríth inda o seguião,  
 Trazendo as carnes pelo Ceo mandadas :

O Outro inda alli faz caso

Do portentoso vaso ;

Inda mostrava o sal com que de impuras  
 Tornou em Jericó as aguas puras,

De hum oleo , que , constante sendo o rôgo ,  
 (Bemdito oleo ! ) a mil cegos foi jucundo ,  
 As pálpebras me tocão ; e eis-que logo  
 Em roda eu descortino o largo Mundo :

A fria Thule , e o quente

Fusco Guiné presente

Eu vejo ; e vejo , no eixo seu virando ,  
 Outras Testas a Terra vir mostrando .

Pois já ( então lh' ouvi ) te não engana  
 Os olhos essa fordida poeira ,  
 De que se usa turvar a vista humana ,  
 Do que buscas saber aqui te inteira :

Se te deixa pasmado

Tanto sábio Prelado

Entre esses q' inspirâmos ; olha , admira ,  
 De hum acerto os acertos q' o Ceo tira .

A' temperada Europa olhei depressa ,  
 E busco alegre a Fundação de Ulysses ;  
 Lá onde a Terra acaba , e o Mar começa ,  
 Cidade encontro de Padrões felices :

Os seus ares propicios ,

Os vastos edificios ,

Na Praça o Busto da Real Pessoa ,  
 Me obrigão que corteje á grã Lisboa .

Em alto Monte a minha vista pára ,  
 E pelo honrado pêzo , q' em si toma  
 O digno Monte , inveja lhe tomára  
 Qualquer dos sete da Opulenta Roma :

Alli está de assento

Illustrado Convento ;

He Monte , e d'outro Monte o nome clege  
 A Immaculada Virgem q' o protege.

Alli tudo suspenso se mostrava ,  
 E os rostos de huma sorte estão pendentés ;  
 Materia grave em si deliberava  
 Conclave douto de Varões prudentes :

A' face dos Altares

Os Hymnos a milhares

Refoavão ; subtil pivête ardia ,  
 Que puros Votos para os Ceos erguia.

Chefe insigne de corpos infinitos  
 Deve o Prelado ser que se apresente ,  
 E d'elle devem ser os requisitos ,  
 Vigilante , Discreto , Independentê :

Por suas mãos ao gremio ,

Virão castigo , ou premio ;

E deve a ouro-fio na balança  
 Não viciar os pêzos que lhe lança.

Tenros pimpolhos, q' huma austéa vida  
 Vem abraçar, furtando-se a regalos,  
 Elle os ha de tratar com tal medida,  
 Que torcellos pareça, e não quebrallos:  
     Hum verde voto feito,  
     Mil vezes por preceito,  
 Só pôde amadurar-se c' o a doçura,  
 Que dá por arte o que negou natura.

Mas pessima cultura faz q' o prado  
 Venenos por antidoto produza;  
 E sendo o erro de quem rege o arado,  
 Lamenta as estações, e a terra accuza:  
     Os faudaveis caminhos  
     Se enchem então de espinhos;  
 E a Cruz, que tão suave foi primeiro,  
 Mais não traz do q' o pêzo do Madeiro.

Deste modo difficil se julgava  
 Achar tisoura, que tão liza corte;  
 Este era o Justo que David buscava,  
 De Salomão fôra este o Varão forte: ...  
     Move-se a Urna, e tirão  
     O Nome que suspirão;  
 Desce hum Anjo a reger a mão medrosa,  
 E sahe Provincial o Santa-Rosa.

Vive, sagrado Chefe, eternos dias,  
 Pois inda eterno eu fico em que não mudes!..:  
 Logo para encher outras Prelaziás  
 Entra elle a escolher entre as Virtudes:  
 E á de melhor esteio,  
 Que mais observa o meio,  
 Na pomposa Setubal faz Prelado,  
 Em premio digno de ella o ter criado.

Mais portentos espero, que ver possa,  
 Mas os Santos me ordenão descer logo :...:  
 Sóbe Elias na célebre carroça,  
 Por dentro e fóra esbrazeada em fogo,  
 E a capa cahir deixa:  
 Eliseo se lhe queixa,  
 Toma a capa, e sobre ella o ar sepára,  
 Da mesma forte q' o Jordão passara.

Musa, extinguiu-se a vêa;  
 Vou de rojo outra vez fossar na arêa.

Passando pelo 84 anno de sua Idade o Preclarissimo Desembargador Thomaz da Costa de Almeida Castel-Branco ; em cuja Casa o A. seu Afilhado nasceu, e se criou :

## C A N Ç Ã O VI.

**M**usa, ha tanto extraviada,  
 Degradando tu mesma (1) o teu direito,  
 Deixa do lucro a perigosa estrada,  
     Sabe ter-te respeito!  
 Convalescendo de horrida vertigem,  
 Cobra o teu vôo, e monta á tua origem.

Desapparece, fuge,  
 Forja hedionda, mecânica Officina;  
 Entre oleos ranços não convém se aloje  
     Respiração divina! . . .  
 Foi-se: . . e eis-q' a Musa sobre o Sado á aza  
 Já o baso expiou da immunda Caza.

Q'

(1) Applicava-se o A. á Pharmacia na Botica do Hospital de Setubal.

Q' estranho Mundo novo  
 Vejo erguer-se do Cáos onde eu hia!  
 Outro Clima, outros ares, outro Povo;  
 O' região fadía!  
 Não Moços podres pelo vicio rude,  
 Sim Anciãos curtidos na virtude.

Tu, pio Almeida nobre,  
 Entre os primeiros, qual por mais cortejo  
 Faia annosa que d'altas cãas se cobre,  
 O primeiro és q' eu vejo;  
 Ella na casca os dias seus contando,  
 Tu nas rugas do rosto venerando.

Em vão Moral ociosa,  
 Os tempos cotejando, arme disputa,  
 E os damnos prove, que na idade goza  
 A Geração corrupta;  
 Se quanto duraria hum peito liso,  
 Do teu se infere, e nada he mais preciso.

De scrupulosa dieta,  
 Por falliveis Doutores indicada,  
 Não te vem essa digestão quieta,  
 Essa face rosada;  
 Vem fim dos Ceos:.. se apraz aos Ceos serenos,  
 Em triagã se mudáo (1) dous venenos.

Tom. I.

P

De

(1) Por engano havia bebido alguns dias antes hum copo de tinta em huma dose arriscada, sem que to-  
 davia dahi lhe resultasse o minimo incommodo.

De atmósfera malina

Fugindo em fome, e falta de conforto,  
Não mais se queixe Gente peregrina

De fechar-se-lhe (1) porto;

Que, sendo teu antídoto a Virtude,  
Hospedalla-has sem cartas de faude.

Com variaveis vestes

Em alto tecto Alguns se estão mudando;  
E gelão inda ao sôpro dos Nordéstes,

C' os fuões abafando:

Tu sempre igual, no Hospicio teu rasteiro,  
Nem sentes Junho, (2) nem suppões Janeiro.

Da espumante quadrilha

Se a apear-se huma vez Effes condemnas,  
Hum leve passo tão sómente os trilha,

E respiráo apenas:

Qual o almisçar teu folgo assim se exhala,  
O almisçar que pizado mais trascala.

Se quadras ha na vida,

E como a planta, murcha o seu colono,  
Q' apôs a Primavera appetecida,

Vem tedioso Outono:...

Do commum prazo já, Senhor, prescreves,  
A Lei te exceptuou, morrer não debes!

Vir-

(1) Havia noticia do contaglo no Estreito, e era summa a cautela sobre este particular.

(2) Assistia em huma insufficiente barraca; e tinha-se desfeito de sege.

Virtude abençoada!

Quem os annos cumúla, cento a cento,  
He conforme razão, vida ajustada,

E não temperamento!

Ao raio cede a compleição mais forte;

Zomba o Justo, ou troveja, ou calme a forte

Tu és, ó são remôrso,

Quem os nossos humores equilibra;

Tu obras a cocção, tu dás o esforço

Ao pulso, e o tom á fibra:

Quando o malvado em agua se suffoca,

E em peste tua o mesmo pão se troca.

Outros fíem na Prole,

Sobre ella a vida indemnizar pertendão,

Em tanto q' os apouca hum sangue molle,

Té q' á fouce se rendão:

Co' a Parca, Almeida, estribas tuas pazes,

Nos Avoengos não, no Bem que fazes.

O caudal he fim este,

Donde a tranquillidade te dimana;

Este o Jordão que passas, e te veste

De nova pelle ufana: . . .

Jardins e Honras sumio fado perverso,

Só te achas co' as grandes q' has disperso.

Orfãos sem ter mantença,  
 Tristes viúvas, q' em nudez esfrião,  
 Não só te conseguirão Vida extensa,  
 Q' immortal te farião!  
 Preces jámais de vozes alugadas,  
 Preces porém no coração dictadas.

He a causa commua,  
 Os que rogão por ti, a si acodem;  
 Pois com a perda em fim da vida tua,  
 Muitas perder-se podem:  
 O que lhes succedêra, tristes dellas,  
 A's minhas tres caríssimas Donzellas?

Sempre assim, sempre as trate,  
 Senhor, teu Peito; o dia, a noite inteira,  
 Oraráo que vigóres; q' ao remate,  
 Q' ao disco da carreira,  
 Tal somma de annos tenhas tu contado,  
 Quantos são os bocados que lhe has dado.

De éccos mil, mil gemidos,  
 Com q' este Mundo os Astros importuna,  
 Trepando aos Ceos, aos Ceos compadecidos;  
 Em perpétua columna;  
 Nenhum lá chega de mais grave cóla,  
 Como o Bem-hajas da sincera esmola.

Então aceita a graça,  
 Do eterno Galardão no livro escrita,  
 Tornando á Terra, a quem a fez se passa,  
 Porq' a obra bemdita,  
 Qual raio que do vidro retrocede,  
 Mais nutra á mão, q' a deo, q' á mão, q' a pede.

Lisonja embora forme  
 Altos Bustos, e em bronze se envernize  
 Esse de quem foi causa o vicio enorme,  
 Que pouca terra pize: . . .  
 Tu contra a Ordem, e o golpe seu funesto,  
 Em carne te eternizas por aresto!

Canção, se não és bella,  
 Não tens tambem de frivola a desdita,  
 E's qual sabia Donzella,  
 Q' antes quer ser sisuda que bonita.

Ao Illustrissimo Senhor \*\* Estudante de Direito Ci-  
vil por occasião da Mercê de Comendador  
da Ordem de Christo feita a seu Pai o Il-  
lustrissimo Desembargador \*\* :

## C A N Ç Ã O VII.

**P**orque do excelso Pai nas mãos potentes  
Minha desgraça eu fundo, ou minha forte,  
Como n'um Deos, q' a seu arbitrio às Gentes  
Bonança envia, ou lhes remette a morte :  
    Não he, digno seu Filho,  
    Q' a teus pés eu me humilho ;  
Não he q' em premio o teu favor procura  
Musa ingenua, soldado de ventura.

Vai tu, e busca o meu (1) arrazoado  
Nesse Despacho de tarefa immensa,  
Ludibrio do ar o deixa espedaçado,  
Ou lavra nelle rigida sentença :  
    De ti, do Pai perito,  
    Soltarei igual grito ;  
Hei de dar á verdade o mesmo couto,  
Qual Seneca no Banho a rir e affouto.

Sim,

(1) O A. havia offerecido pouco antes outra Obra a  
seu Pai, aonde invocava a sua protecção.

Sim, bom Pina; de peito refochado  
 O elogio, q' eu teço, não resulta,  
 Se fallo, he porque temo braço alçado,  
 Q' em mim castigue consciencia occulta:

Tão recta a Musa agora,  
 Como ha pouco que chora,

Ergue o canto; não soffrega em cobiça,  
 Mas sim rendendo ao merito justiça.

Mal haja o verso meu, de metro indício  
 Jámais dê, sem mensura, insulto, e rude,  
 Quando for subornado impôr ao vicio  
 O applauso só legitimo á Virtude:

Se he q' á Posteridade  
 Tal rima se traslade,

Seja porq' ella o estro lhe moteje,  
 Seja porq' ella a mão, que a fez, pragueje.

Eis q' isto escrevo, e junto a mim diviso  
 Maligno spectro q' o meu fio quebre,  
 Liposos olhos concertava em riso,  
 Melliflua a boca, e o coração de azebre:

Era a lisonja, á mira  
 De imbuir-me na mentira;

E á pressa, pelo méro seu bafejo,  
 Fui penna e tinta mergulhar no Téjo.

Nem penses, q' hoje a minha fantasia  
 De morto alheio ornato aqui te veste,  
 E cavando infiel Genealogia,  
 Crôa te torme do que não fizeste:

Nem que para modelo  
 Te relurja hum flagello,  
 Alguns d'esses Heróes, a quem perfuma  
 Roubado incenso, sendo a peste summa.

A grinalda, Senhor, que te destino,  
 Se em murcho tronco a enxertar, não péga,  
 Nem, o orvalho engeitando ao Ceo benino,  
 De sangue humano, ou lagrimas se rega:

A solta em minha Lira  
 He fresca, e paz respira;  
 Do illustre Pai te segue pela estrada,  
 A dalla, se he possivel, mais honrada.

Das Musas traficando venal peito  
 Folhêe embora no aranzel garrido  
 De pergaminhos váos, que, sem respeito,  
 Sacrilego caruncho tem roido:

Os Netos seus affague,  
 E de os cantar se pague,  
 Antes q' habil Crédor lhos leve á praça,  
 E dos podres Avós leilão lhes faça.

Como no bruto, no Homem Pais que fervem,  
 Quando nas obras se desmente a casta!  
 Potro, onde iguaes espiritos não fervem,  
 Arrastando a charrua, os dias gasta:

Sabujo, onde eu reparo

Tardo pé, torpe faro,

A raça, de que vem, pouco me importa,  
 E o deixo apenas por latir-me á porta.

Ella, a adulação, calor invente,  
 Que brote á guerra hum animo iracundo,  
 Que melhor se affogára na semente,  
 Por poupar esse escandalo do Mundo:

Alexandre lhe chame,

Novo Cesar o acclame,

Dê-lhe epíthetos taes, q' eu prézo em pouco,  
 Todos elles synónymos de louco.

Mate, arruine, o stolido embraveça,  
 E porq' á Patria unio mais hum punhado  
 De alheia terra, em lauros appareça  
 O Homem com o Homem a seus pés atado:

Nunca o meu voto intente

Q' a seu triunfo augmente;

Juro antes q' em meus olhos a mão ponha,  
 E Homem tambem me corra de vergonha.

Santa Justiça , angelical Presente !  
 Quantas ramas no Menalo brotarem ,  
 Poucas serão porq' eu adorne a frente ,  
 Em premio de meus versos te cantarem !

Essa fragrancia , e gala ,  
 Em q' o jasmim se exhala ,  
 Do rouxinol os canticos divinos ,  
 São perfumes a ti , a ti não hymnos.

Quando baixa dos Ceos Deidade pura ,  
 De grave ministerio Nuncia fanta ,  
 Nesses portaes de ufana architectura  
 Quartel não busca , e de dragões se espanta :

No candido Ministro ,  
 (Pois o ha tambem sinistro )  
 Ella se hospéda , e a seu Palacio augusto  
 Só acha idóneo o coração do Justo.

O amor do bem-commum , o tedio ao ocio ,  
 Velando co' a curvada testa calva ,  
 Para paz d'outro , em contumaz negocio ,  
 Desde a luz vespertina ao astro d'Alva ;

Pelo Rei o desvélo ,  
 E pela Igreja o zelo ,  
 A nota he propria , e tudo o mais alcunha ,  
 Com q' a Nobreza para mim se cunha.

Dado me fosse reformar costumes,  
 E d'esse archivo á posthuma memoria  
 Hum milhão pouparia de volumes,  
 De huma metade cortaria a Historia:

Só statuas eu formára,  
 Eu sómente incensára

A quem presta á Viuva franco asylo,  
 E salva o pão do misero Pupillo.

Bem que Tullio de Optimates sahira,  
 E alheios factos como seus houvera,  
 Sobre os Antepassados mal dormira,  
 Vendo para o croar colhida a Hera:

Pois se Roma o adora,  
 Se se estima inda agora,

He quando ergue de Archia os sãos talentos,  
 E a Catilina abate os vis unguentos.

Mais de huma vez o bom Justiniano  
 Sobre Godos, e Vandalos levára  
 A Aguia assoladora, e ao Africano  
 Outro Sol mais benefico mostrára:

Mas esse eterno nome,

Q' o tempo mal consome,

Não tanto o lucra na Carroça invicta,  
 Como nas sabias Leis q' observa e dicta.

Pina! que desça o Grande, ou não da Lua,  
 Rasgue o Conquistador não vistos mares: . . .  
 Da Nobreza he a herdada a mais commua,  
 Heróes q' estragão são os mais vulgares:

Tem cada Idade, e Clima,  
 Sangue, Campeões, q' estima;  
 Só Juiz douto, limpo, que não dobra,  
 Hum corvo he branco, e no Orbe hũ chefe d'obra!

Tal ferás tu, e tal o Pai se julga,  
 Esse de quem Astréa estuda a face,  
 O Pai, cujo alto nome o Sol divulga,  
 E d'onde morre o leva aonde nasce:

Esse com quem mesquinha

A liberal Rainha

Se receia inda; e quando mais o affaga,  
 Diz: „ que só o prendou, mas que não paga. „

Se o imitas, bom Senhor, se igual te rendas,  
 A Vara está de perto, e prompta a Toga;  
 Sem as pedir, offrecem-se as Commendas,  
 E inda a accellitallas o teu Rei te roga:

A arvore, que te exalta,

Em dobro assim se esmalta: . . .

Mas questiono em vão, se acaso o imitas!  
 Filho d'Agua já vôo igual meditas.

Filho, e formado a exemplar tão recto,  
 Como não lhe ferás fiel tetrato,  
 Com a Justiça no teu proprio recto,  
 Hum mesmo o teu talher, o copo, e o prato?  
 De hum lado o Pai fadío,  
 E d'outro lado o Tio,  
 De alma doutrina mananciaes recibes  
 No pão que comes, no licor que bebes.

Outros monção aguardem; q' os prospere,  
 Depois de seus Lugares já completos;  
 Teu nome só por Listas não espere,  
 Em quanto houverem especiaes Decretos:  
 Fação co' tempo conta,  
 Roguem em sua affronta;  
 Que como, e quando o quer, sem prazo, ou tacha,  
 A Virrude a si mesma se despacha.

Quantos, e quantos mil, se dão mil penas,  
 Por empregos, q' em vez de honrar, offuscão?  
 Tu porém não precisas de Mecenas,  
 Q' as graças por seu mesmo pé te buscão!  
 Mas inda não obtidas,  
 Valem só merecidas,  
 Como o Paterno Foro, em meu conceito,  
 E a abrilhantada Cruz, que lhe orna o Peito.

Qual formosa , castissima Donzella ,  
A quem tempo com digno Espoço tarda ,  
Q' o carmim duplicando á face bella ,  
Se apraz no espelho , e mór fortuna aguarda :  
    Tal hum Merito grande ,  
    Bem q' a sorte defande ,  
Com firme peito , que jámais se amolga ,  
Opulento de si , com-sigo folga.

Não mais , Canção ! o Joven erudito  
Vai tirar-te o sabor , os Mestres lendo  
    De outro gosto exquisito ;  
Já commentando mais , do que aprendendo.

Nas Melhoras , &c.

## CANÇÃO VIII.

**M**usa , filha do Sol , do chefe lume ,  
 Que pródigo em seus raios lá de cima  
 A toda a Gente os vibra , a todo o Clima ,  
 Vária que seja a Lei , vário o costume :  
     Permitte q' em meu canto ,  
     Hoje eu faça outro tanto ;  
 Louvemos o Varão , Varão benigno ,  
 Seja quem for , se de louvor he digno.

Obra das mesmas mãos , como eu talhado ,  
 De q' importa saber , se Elle se cria  
 Na quente Arabia , ou na Moscovia fria ,  
 Na foz do Tibre , ou no Canal do Sado ?  
     Seu bem , seu beneficio ,  
     O tornão meu Patricio ;  
 O que se deve ao Home peça o Home ,  
 Do q' he de Deos satisfação Deos tome.

Sim ,

Sim , Lordstáde ; se a Torrida a teu prumo ,  
 Se n'uma , ou n'outra intemperada Zona ,  
 Nascesses em Paiz , que nada o abona ,  
 Nem visto em mappa , nem tentado ao rumo ;  
     Sendo a conduçta rara ,  
     A estatua eu te formára ,  
 Como ta formo com fiel garlópa ,  
 Circunspeccto Amburguez da culta Europa .

Terra não ha perfeita , ou toda bruta ,  
 Tem a escoria , onde o ouro , nascimento ,  
 Em toda a parte cresce o trigo bento ,  
 Em toda a parte a infernal cicuta :  
     Se Lyfia só se achasse ,  
     Q' aos filhos seus honrasse ,  
 Lordstáde he Luso ; ou , com diversa estrella ,  
 Merecer a honra préza em mais q' o têlla .

Esse que furdo á voz de seus officios ,  
 A si não vale , e para os mais não presta ,  
 Q' ou impando até noute estende a festa ,  
 Ou madruça atolado em torpes vicios ;  
     Sua Patria he nenhuma ,  
     Nem he de época alguma ;  
 Pezado ao mesmo chão o expulsa fóra ,  
 Nem dos tempos lhe corre huma só hora .

Mas quem, Lordstáde, como tu se emprega,  
 Que sem factos briosos, acções pias,  
 Não regista o volume de seus dias,  
 E o que póde fazer, fazer não nega;  
 Que na dita, ou desgraça,  
 Se julga de igual maça;  
 Cada seculo o pede a si jucundo,  
 E affouto gyra Cidadão do Mundo.

Não he cousa o que digo, estranha, ou nova,  
 Q' a mim sómente, e a mais ninguem se ouviſſe,  
 Setubal toda o mesmo ha pouco diſſe,  
 Dos clamores, q' ouvi, repito a prova:  
 Inda mal que succinto  
 Ser o meu écco eu sinto;  
 Q' eu só o exprimo com razões que movo,  
 E com soluços o exprimio hum Povo.

Por tres vezes buíra em feixo bronco  
 O triplicado dente a inveja féra,  
 Novo recorte ás crespas unhas dera,  
 Q' exprimentou defarraigando hum tronco:  
 Tu eras, ó Lordstáde,  
 O alvo da iniquidade;  
 Mas o recto equilibrio de teus passos  
 Lhe quebra a boca (1), e lhe diffipa os braços.

Tom. I.

Q

O

(1) Poucos dias antes de enfermar havia descoberto a trama, que lhe forjavão perante o Ministerio.

O Spectro huivando , aos olhos , que revíra ,  
 Quebranto a tudo dá por onde passa ,  
 Escalda os ares , torna a terra escaffa ,  
 Com o halito hediondo que respira :

Lá chega á caverna , onde  
 Conciliábulo esconde

Esse cordão de males produzido  
 Do pomo infiel sem permissão colhido.

Ao salve enorme do squeueito horrendo  
 No revólto congresso arde o tumulto ;  
 O insulto alli ataca a outro insulto ,  
 Hum monstro a outro monstro está roendo :

A' lascívia lhe pêza

De não ser avareza ;

A soberba folgára ser cobiça ,

E o vivo odio abafar-se em vil preguiça.

Mas a livida Furia , que nem hora  
 Manter-se póde sem q' engula estragos ,  
 E aos tristes , q' a sustentão , deixa pagos  
 Com as entranhas q' ímpia lhes devóra :

Voltar queria logo ,

E a seu maligno rôgo ,

Para despique da supposta offença ,

Auxilio obtém da pállida doença.

Eis a instrue, q' em doçura o fel trocado,  
 Nas fragrant'es especies se introduza,  
 Com que o Oriental prenda-nos uza,  
 Raivoso do metal que lhe he roubado:

Sobre Chinez terrina

Guizas tua ruina! . . .

Nem a Lordstade damno algum tocára,  
 Se elle com suas mãos não lhe pegára.

Cedendo em fim ao mal, ficaste preza  
 Da nausea, e dor, da febre, e do tormento,  
 Já ludibrio do frio tolhimento,  
 Victima já da erisipéla acceza:

Se n'um spirito forte,

Em orgãos de igual forte,

A inimiga molestia o rival tinha,  
 Com sequito menor debalde vinha.

Não desmaies, Lordstade, que o Ceo Santo  
 A efficaz medicina te prepara,  
 Com que mitigue os ais da Esposa chara,  
 Com q' ás Filhas gentiz enxugue o pranto!

Ergue, ergue o frôxo rosto,

E allivio obtém no gosto

De ver q' os teus, por mais q' a dor augmentem,  
 Sentindo tanto, os menos são que sentem.

Porém travessa enfermidade avara,  
 Q' em timbres aleivosos só faz brio,  
 E a tifoura fatal mettêra ao fio,  
 Se outra mais forte Mão não lho vedára;  
     Para maior martyrio  
     Te lança no delirio,  
 Nem quer que vejas pela vez primeira  
 Chorar-se hum Homem n'uma Villa inteira.

Eu, eu, Lordstade, o vi, vio o alta Gente,  
 Como a saber de ti se alvoroçava,  
 E á tua porta em pinha se ajuntava,  
 O Amigo, o Obrigado, o Dependente:  
     A Conforte e o Casado  
     Lamentão teu estado;  
 E o Filhinho, q' á cêa os Pais ouvia,  
 Por ti pergunta, mal q' aponta o dia.

A molestia, afferrada a seus estilos,  
 Profegue em tanto a barbara carreira,  
 E quasi já tocavas na barreira,  
 Q' os olhos fecha a nunca mais abrí-los:  
     Eis O q' a tudo mede  
     Pronto Nuncio despede,  
 Q' á força de julépo o mais suave,  
 Manda retroceder a queixa grave.

Ella, ao Nome imperioso q' a despeja,  
 O crâneo, o peito, o braço vai deixando,  
 E nos longos rodeios, que vem dando,  
 O pouco mostra que sahir deseja:

Sahe, e mal se retira,  
 A Inveja encontra á mira;

Turvou-se o Sado, os marmores tremêrão,  
 Ouvindo as maldições q' ambas se derão.

Encoستا, encoستا a lèveda cabeça,  
 E olha, Senhor, do applauso a geral vinda,  
 Aquelle q' ás melhoras ledo brinda,  
 Este q' o voto por cumprir se apressa:

Não mais enfia o rosto,  
 Não mais se agoura (1) Agosto,

Que já, com magoa q' inda vive agora,  
 A' tua Casa tão funesto fôra!

Cetobricense, e Portuguez te digo  
 Por tanto, bom Lordstade, e a prova he esta:  
 Quando tu sáras, de huma Villa a festa,  
 De hum Povo o susto, quando estás em prigo;

E todo este holocausto  
 Não he obsequio fausto

De sympathico influxo que tal mande,  
 He justo galardão de hum' alma grande.

Que

(1) No dito mez elle tinha falecido 2 annos antes  
 seu unico filho varão, &c.

Que prantos pela Mãe o Filho exhale ,  
 Que pelo grato Irmão a Irmã suspire ,  
 Ou se enchão de prazer , ninguém o admire ,  
 Se he lei q' a voz do sangue em todos falle :

Mas tomar interesse

No q' Estranho parece ,  
 He mais guapa oblação que só se allude  
 Ao suave iman da moral Virtude.

Sim , daquella Virtude , q' a diffusa  
 Natureza homogénea nos avisa ,  
 Em thema que disputas não precisa ,  
 Em lingua que d'interpretes escusa :

Preceito a todos dito ,

Em sangue , e carne escrito : ...

Preludio e Preces porque tarde ou cedo  
 Te orvalhe do alto Ceo maior-segredo !

Doer-se do abatido , alçar o Nobre ,  
 Remir o Prezo , accomodando a Parte ,  
 Animar a saudavel Delfica Arte ,  
 Supprindo o Rico (1) ao que não chega o Pobre ;  
 Em Negocio subido

Sempre o pêzo afferido ,

Recta a balança : ... cousas são q' excedem ,  
 São perfeições , e recompensa pedem.

Don-

(1) Não chegando a mex o enfado da sua molestia ,  
 deo aos Medicos assistentes o melhor de 60 moedas.

Continúa tu nellas , continúa ,  
 Lordstade insigne , e fico-te , que seja ,  
 A respeito de quanto bem te esteja ,  
 A voz de todos huma voz commua :

Rogaráo que descances ,

Que prosperes , q' avances ;

Que d'esses faustos Dias , como (1) o d'honte ,  
 Tirada a somma , hum Seculo se conte.

Tu , Musa , q' inspiraste

O pouco q' escutaste ,

Foi tua a letra ; se outro som convinha

Na grata Lyra , he porq' a mão foi minha ,

Con-

(1) *Fixera annos na vespera* , &c.

Convalescendo de gravíssima enfermidade o Sereníssimo Senhor D. João, Principe do Brasil;

*Quamquam animus meminisse horret, luctuque refugit:*

Virg. Ænead. L. II.

## SACRA CANÇÃO REAL.

**S**ilencio, ó Natureza! estaque o peixe,  
 A féra não rasmalhe,  
 Não boqueje Homem, a ave encurte o vôo;  
 Rolando a Sphera, seu fulgor espalhe,  
 E a harmonia só deixe,  
 A cujo accento a minha solfa entôo:  
 Em alta Lyra eu sôo,  
 Que aos Pólos esbarrando, ar, Terra, e agoa  
 A' sua voz supprime,  
 Suspenso outro prazer, muda outra mágoa,  
 Do men Pregão sublime,  
 Podre de velho o Sol, e os mares seccos,  
 Hão-de índa no Orbe rebombar os éccos.

Estro divino! q' ao Mortal baixando  
 Em borbotões de fogo,  
 Quanto mais ardes, menos sentes mingua;  
 Rubra espadana do clarão te rogo,  
 Com que ao Rei psalmeando  
 Feriste o coração, tocaste a lingua:  
 Q' em mim se não extingua  
 O calor santo, em q' as medullas régo,  
 Quando enxugar procuro  
 Portugal triste em lagrimas já cégo;  
 Se ao joio de Agar duro  
 Chovia o Justo, em nome eu te convido  
 Da Seára-fiel, Povo-escolhido.

Inda em roda ao suspiro os montes curvão,  
 Enchorrava (1) inda o pranto,  
 Que fez das margens trasbordar o Téjo;  
 Enlutado inda o Globo era em quebranto,  
 E inda os Astros se turvão  
 Ao réo efflúvio do infernal bafejo:  
 De Lyfia o são desejo,  
 Qual vaga Não dos ventos acoçada,  
 A huma Ancora se tinha,  
 A Outra (ó dor!) a Outra ao fundo já garrada;  
 A' Santa Arraes Rainha,  
 Q' a seu prumo o trovão sem culpa teme,  
 Varejava nas mãos o grave leme.

D'en-

(1) Tinha falecido, não havia anno, o Serenissimo Príncipe Senhor D. José, de eterna memoria.

D'entre a borrasca , em mil volcões envôlta ,  
 Negro vortex murmura ,  
 Que varre os valles , e q' açoita a ferra ;  
 La junto aos Pirineos (1) a nuve escura  
 De berro estoura , e sólta  
 Febres d'áquem , d'álem cizânea e guerra :  
 Mas a Furia , q' encerra  
 Prenhe em pragas o feio remoinho ,  
 Já sobte o Baixel Luso ,  
 Rasgando parte ao bolço , fez caminho ;  
 O raio então diffuso  
 Queima enxárcia , abre panno , o mastro he roto ,  
 E assombrado despenha-se o Piloto.

Não tem pizada Vibora veneno ,  
 Não leso áspid peçonha ,  
 Que das guelras vomite maior risco ;  
 Qual foi o azebre da impressão medonha ,  
 Que no Joven sereno  
 Lavra o fuzil do rápido corisco :  
 Pelo excelso Obelisco ,  
 Que primeiro prostrou (ó dor extrema !)  
 Inda q' então resulta  
 Do inflammado ôvo enfraquecida a gema ;  
 Quasi ao Heróe sepulta ,  
 Porque do enxofre ateador forrado ,  
 Por dentro vinha em peste recheado.

Pro-

(1) Facilmente perceberá a allusão do A. quem se recordar de que S. A. enfermava no anno de 1789 ; tempo bem critico a huma parte da Europa por suas revoluções.

Providencias temendo da Alma nobre,  
 Em seu palacio a busca,  
 E ao Rosto assalta a reprobada doença;  
 Já por instantes a razão lhe offusca,  
 Suor de neve o cobre,  
 Toma-lhe as fauces, porq' a salvo o vença:  
 Não soffre o mal detença,  
 E á sabia Medicina auxilios corta,  
 Pois que, para o remedio,  
 Deixa, apenas entrou, trancada a porta;  
 De novo, em novo assedio,  
 Do passaro agoureiro pião brados,  
 Aza inda e bico em fresco sangue untados.

Onde olha Lyfia, a morte se lhe avança,  
 Precés do feio brotão,  
 O incenso na caçoula recendia;  
 O Avaro o ouro, a Donzella a tranfa votão,  
 E ao Agno de Alliança  
 Vão pé descalço em santa romaria:  
 Defordem tudo enfia,  
 O pródigo Marido, errando a rua  
 Da consorte sem tino,  
 Hum perde o pão, outro não veste a núa;  
 Ao aguado menino  
 Por mais que a mái estátua o ubre deite,  
 Acha em pavores estancado o leite.

Anima , ó Portugal ! és inda o Povo ,  
 Que jus guarda á Promessa  
 Do bom Deos de teus Pais na Cruz pregado ;  
 Se teu crime taes golpes te arremeça ,  
 Outro Abrahão tens novo ,  
 Q' inda saiba expiar o teu peccado :  
 Põe-te , põe-te a seu lado ,  
 Com Ella vai do Sacrificio ao Monte ,  
 Ajuda á ara o feixe ,  
 E lá se avenha com Jesus defronte ;  
 A seus Pés se the queixe ,  
 E eu te prometo , antes q' a espada fira ,  
 Salva a hostia , e ao Terrivel manfa a ira .

Sabaoth ( diz Ella ) se áspero castigo ,  
 Por sacrilego abuzo ,  
 A tão funesta cólera te impelle ;  
 Eu a innocente victima conduzo ,  
 Nem palavra já digo ,  
 O unico Filho aqui , e a mim com Elle :  
 A ambos a vida expelle ,  
 Mas tal resignação se nada póde ,  
 Nem meu sangue te basta ,  
 Por tua propria causa attento acode ;  
 Vê que' , se Este se affasta ,  
 Unido , inda q' ingrato , o teu Rebanho ,  
 Não se derrame com Cajado estranho .

Isto : e a Cabeça o Eterno ANCIÃO inclina ,  
 Titubearão Anjos ,  
 Tremeo da base a abóbada celeste ;  
 Tu , níveo CÔRO , Querubins , e Archanjos ,  
 Sobre a eburnea arpa fina ,  
 Tres vezes SANTO a huma voz disseste :  
 Do Empyreo ao Valle agreste  
 Desce incessavel o clamor divino ,  
 E ao Principe . q' affoga ,  
 Mal que chegou , foi elixir benino ;  
 A Plectro , q' igual voga ,  
 Do vexado Saul , quando jazia ,  
 O Espirito rebelde assim fugia .

De spectros molles perfido cardume ,  
 Q' eclipse ao Sol fazia ,  
 Huivando ao longe em vão dispára as fetas ;  
 Da noite nos rebenta hum fausto dia ,  
 E em gyro ao doce lume  
 Zunem de novo amigas borboletas :  
 Sinistras gralhas pretas  
 Recúão adejando estrepitosas ,  
 E a relva , antes crestada  
 De nojentas cicutas , fragra em rosas ;  
 Verde Pomba azulada  
 Fresco ramo de Oliva traz pendente ,  
 Signal de porto á moribunda Gente .

Príncipe angelical! Rei milagroso,  
 Antes de mar e Terra  
 Nos Ceos unguido para ser Monarca;  
 Santélmo ao tópe o temporal desterra,  
 Cede boreas raivoso,  
 E vai seu rumo a naufragante Barca:  
 Bem foi q' a rija Parca  
 A honrar-te em tenros annos já se instrua,  
 E na cerviz, que humilha,  
 O sello lhe abras de cativa tua;  
 De relógio e forquilha,  
 Nova-horrenda vassalla a teus Dictames,  
 Te cumpra as leis, e em teu Ministro a chames.

Já, Senhor, podes, bebe a mixtão santa,  
 Brindando-te á faude,  
 Permite q' o teu Reino se console;  
 Enfermo tu, enfermo elle se allude,  
 E por tua Garganta  
 Portugal todo pareceo q' engole:  
 A fim, q' o ferro amole,  
 Q' o êlmo enfie, e vista o arnez pezado,  
 Molestia mais não sente,  
 E do teu leito surge em ti sarado;  
 Comtigo já na frente  
 As Quinas desenrola, ás armas toca,  
 Insulta a tigres, e a Leões provoca.

Vinde , Nações da multilingue Terra ,  
 Vária a cor , vário o traje ,  
 E a Embaixada dizei ao firme Throno ;  
 Sólte o regaço ou odio , ou homenaje ,  
 Jugo achareis na Guerra ,  
 E na amizade encontrareis Patrono :  
 E vós , q' em torpe somno  
 Folga tomais de insipido recreio ,  
 Quando a corpos se junca ,  
 E alaga inteiro hum campo em sangue alheio ;  
 Com João quebreis nunca ,  
 Com João , q' enfiado á briga forte ,  
 Leva em triunfo por despôjo a morte.

Mas ah , Senhor ! eis debil te presumas ,  
 As vêas q' esgotaste ,  
 Pedem q' inda não vás provar teus Brios ;  
 (Fadas , q' a Josué a luz paraste ,  
 Trazei-lhe o balsamo humas ,  
 Outras á chaga ministrai-lhe os fios !)  
 He de estrondos mais pios  
 Esse nitro que fende as nuvens alvas ,  
 Não bala , ou furda mina ,  
 Repiques trôão só , estrugem salvas ;  
 Cessou geral ruina ,  
 E qual o Hebrêo , vencido o golfo bravo ,  
 Hymnos de paz ajusta ao teu Cravo.

Confortai , Ceos , a Lyfia em taes affetos ;  
 No júbilo amparai-a ,

Fraca do fusto , não a mate o gosto !

Ruça velhice , q' ao Jordão desmaia ,  
 Sequer aponte aos Netos

De Canaân vizinho o ledo rosto :

Ao novo Sceptro posto

Da rocha o leite emana , o mel do pinho ,

Dos cardos sem cultura

Almo trigo lhe pula , e barba o linho ;

Qual sua creatura

Escravo o Sol forjar-lhe vem dos ares

A arêa em ouro , em perolas os mares.

Almas carnaes , que sem palpar não crêdes ,

Eu vos corro a cortina ,

Q' espessa encobre os dons q' affouto auguro ;

Meu gentil Vate os passos me illumina ,

E derriba as paredes ,

Onde se feixa o sôffrego futuro :

Com elle entrei seguro

Cerrada névoa , e á luz do sacro archote

Ler pude , ao proprio signo ,

Móres prodigios , de mais alto lote ;

Q' eu vou : ... mas não és digno ,

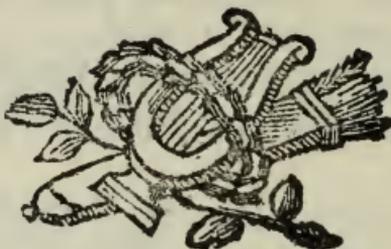
Vulgo profano , de sondar mysterios

Do que dá , n'um aceno , ou tira Imperios.

O' dias de prazer, horas bemditas,  
 Que n'archetypa Idéia  
 Ides o fructo a Lyfia fasonando!  
 Feliz de Europa a geração se creia,  
 Que vir ao olho as Ditas,  
 Q' escaça a fantasia está pintando:  
 O adusto collo alçando  
 Africa esfriará, o China extremo  
 O dedo põe na boca,  
 Ao novo-Orbe das mãos cahindo o remo;  
 Que portentosa troca  
 De matiz vario, e scenas singulares,  
 No Solio o Filho, a Mãi sobre os Altares!

Entretanto, Virtude, sã Virtude,  
 Q' o berço lhe embalaste,  
 E a Crôa estás polindo ao vasto Moço;  
 As maximas de hum Deos, que lh' inspiraste,  
 A fim de q' as não mude,  
 Convertendo-lhas vai em fibra e osso:  
 Que do pobre o destroffo  
 Dó lhe cause, q' a miseros proteja,  
 A Paz julgue precisa,  
 Ame a Justiça, adore a Madre-Igreja;  
 Tal em fim o organiza,  
 Q' extincta no Orbe outra qualquer memoria,  
 Nelle comece os Fastos seus a historia.

Canção! se hum dia (além do teu projecto)  
Ante os olhos te vires  
Da Face Augusta, teu Real Objecto,  
Por mais nada suspires!  
Não me enganei (profere em tom jucundo)  
Serei eterna, e volta fiz ao Mundo.



Chegando a Lisboa o Serenissimo Senhor D. Pedro  
Carlos, Infante de ambas as Hespanhas.

## CANÇÃO (1) X.

**E**Mbora chega, abençoado Fructo  
Da mais mimosa Planta,  
Que dos jardins da Terra foi producto;  
Vem, vital Pomo, e esta dor quebranta,  
Esta saudade triste,  
Q' inda comnosco á nossa meza assiste:  
Seu Filho, e seu Retrato juntamente,  
Só tu pudias, tu, Botão da Rosa,  
Encher nos corações da Lusa Gente  
O vácuo que deixou a Mãi formosa.

R ii

De

(1) Nesta Canção as syllabas dominantes das cinco con-  
sonancias são constantemente variadas pelas cinco diffe-  
rentes vogaes: a este matiz, ainda que grato, não  
proponho por exemplo; mas só o advirto, para que se  
me desculpe talvez alguma aspereza, &c.

De santo almiscar borrhifando os ares,  
 Alvas nuvens serenas  
 Guia (1) são tua aos cobicçosos lares,  
 Rubros goivos, raiadas affluenas,  
 Por juncar-te os caminhos,  
 Trazem no bico alegres passarinhos:  
 Das Graças, Aias tres, qual mais jucunda,  
 Cóllo huma offrece a teu acceso rosto,  
 Mal acordas defuza-te a segunda,  
 E em nectar a outra te convida o gosto.

Conservai, Ceos, e aos annos seus se molde  
 Esta opaca atmosphera,  
 Que de nocivo Sol lhe seja tolde;  
 Mas de turvo Sueste sanha austera  
 Seus passos não aggrave,  
 Sópre apenas hum Zefyro suave:  
 Porque das quadras soffra o vario impulso,  
 Forças carece o Principe tenrinho;  
 Vinde, Anjos, escoltar o Ramo avulso,  
 Que não tem Pai, nem Mãi, he Orfãozinho.

Tu,

(1) Estava turvo o tempo, e ameaçava tempestade.

Tu, almo Téjo (1), o antigo luto espalha,  
E de novo pentêa

Tortos canudos da hispida grizalha;  
Parco espargindo o pote, o golfo enfrêa  
Do vago humor salino,

Que não se enjõe o candido Menino:  
Inda elle não ouviu do mar o orgulho  
Roncando estrugidor, que tu lh' escondas,  
Nem vio cortando em rápido mergulho  
Feio golfinho as verdenegras ondas.

Começa, Infante, em coração prefago  
A conhecer no riso

Da Virtuosa Avó o terno affago;  
Em vão o diadema lhe he preciso,  
Porque saibas o Vulto,

A quem rendas o teu primeiro culto:  
Rainha! o dia, em q' aos confins da Aurora  
Cá desde o Occaso te acclamou o affeto,  
Não mais te alvoroçaste, como agora,  
Q' á Boca chegas a do cáro Neto.

Nas

(1) Veio S. A. embarcar a Alda-Galega, e dahi se transferio para Lisboa.

Conceitos da Arte, trópos, e figuras,  
 Vós não valeis de nada,  
 Quando se fallão duas almas puras;  
 Sem rodeios da fragil voz cançada,  
 Hum só gemido indica

O q' em grossos volumes mal se explica:  
 Sizó escusa a Criança melindrosa  
 Para entender o amor, q' a si a aperta,  
 E palpitando, em frase mais pomposa,  
 No que responde co' a pergunta acerta.

Oh quem sondar pudera o que disputão

Os dous cozidos Peitos,

Cujo colloquio os mais debalde escutão!

Revelações serão, serão preceitos,

Q' a Filha venturosa

Pelo Innocente inspira á Mãi saudosa:

Disfarçado no Príncipe Troiano,

Fingir não soube a fabula, que vinha

Tão lindo o Deos de Amor tecer o engano

A' de Sicheo castíssima Rainha.

Basta, Infantinho, quando assim a atracas,  
 Nesse pranto, que véte,  
 Quartilhos vão de sangue que lhe facas;  
 Nossa constancia, e gloria assim se inverte,  
 Pois dessa mágoa occulta  
 Ultraje aos Ceos, e offensa em nós resulta:  
 Trocou a Pomba, a fim que mais não prigue,  
 Pias estrellas por crueis abrólhos,  
 E porq' á doce Patria a dor mitigue,  
 Os seus olhos lhe manda nos teus olhos.

Basta; e de cóllo revoando em cóllo,  
 Com teu gésto sublime  
 Vai n'outras chagas derramar confôlo;  
 Teu labio em suas lagrimas imprime,  
 E de amargosas, q' eráo,  
 Ao toque teu de assucar se temperáo:  
 A' proporção da pena concentrada  
 Repartir sabe a próvida alegria,  
 E a só Tia n'um ósculo abraçada,  
 Abraça em dobro a duas vezes Tia.

Mas ah ! que novo encanto ahí reparas  
 De angelical Senhora ,  
 Que della os tenros olhos mal separas ?  
 De tão viva attracção capaz só tóra  
 Huma frase commua ,  
 Hum garbo , huma cintura , iguaes á tua !  
 He o rubim de Hespanha , a Prima linda ,  
 De Portugal esmalte , a quem festejes ,  
 E cuja excelsa augusta Prole vinda ,  
 Brinques com ella , e a Régia Mão lhe bejes.

Próle de Heróes ! para q' em fim não falhe ,  
 Os Ceos em ti lhe envião  
 Modélo singular , por onde os talhe ;  
 Hum apôs outro a par de ti se crião ,  
 De gozo enchendo os Póvos ,  
 Filhos de Reis para gérrar Reis novos :  
 Já esse teu carnim da face pura  
 Em seus rostos de neve eu cuidó vèllo ,  
 E nos seus hombros de uniforme alvura  
 Sôlto em anneis o louro teu cabello.

Porém chega, Senhor, que já lhe toca,  
 A Esse q' assim mistura  
 O respeito ao sobrolho, o riso á boca;  
 Sua benção feliz gozar procura,  
 Q' he Dom mais que terrestre,  
 Teu Tutor hoje, e hum dia lá teu Mestre:  
 Quando o seu rasto, digno Infante, pizes,  
 Eu te juro, q' em guerra, ou sobre as artes,  
 Tão douto saias com os bons Luizes,  
 Saias tão forte como os bons Duartes.

Se rasgar devo as trévas do futuro,  
 Em teu *Nome* eu diviso  
 Outro alto fiador a quanto auguro;  
 Buscar-te para exemplos não preciso  
 O Russo (1) aos Ceos contrario,  
 E menos de Stokolmo o Temerario:  
 He na Fé Santa, e em tua mesma Historia,  
 Q' eu fio, q' em campanha, ou na paz bella,  
 Ao Nome herdado adquiras a memoria  
 De hũ Pedro em Lyfia, e hũ Carlos (2) em Castella.

Nem

(1) *O grande Alexiowitz.*(2) *Avô paterno de S. A.*

Entre espinhos rebenta a falsa ortiga ,  
 De papoulas e rofas  
 Matizar se costuma a loura espiga ;  
 De Aguias só nascem Aguias generosas ,  
 Que vão pouzar aos astros ,  
 Filha a cobra da cobra embica a rastros :  
 Por mais q' a mão a inerte pedra suba ,  
 Volta outra vez ao centro seu de quêda ;  
 Do fogo , que debalde se derruba ,  
 Lambe os ares silvando a labareda.

Ah ! cresce , pula , appetecido Infante ,  
 Não medres só c'os dias ,  
 Queremos-te avultado a cada instante ;  
 Mas crescerás ; vulgares symmetrias  
 Não segue huma Alma nobre ,  
 E outro alimento para si descobre :  
 Vergonta fina de arvore perfeita  
 Tem fibra alheia , e vasos menos rudes ;  
 Na sã doutrina o succo idóneo accêita ,  
 E á falta de ar bafejão-na Virtudes.

E tu, livido mal (1), praga mesquinha,  
 Q' as raizes murchaste  
 Dos Troncos mais gentis, q' Europa tinha,  
 Em respeito ao Pimpolho, que deixaste,  
 Rijas portas de ferro,  
 Lá onde moras, liguem-te ao desterro:  
 A huivar ahi no cavo pôço escuro,  
 Forçando em vão as barrotadas bordas,  
 Se cevar-te precisas, monstro duro,  
 Roendo em ti, os pés e as mãos te mordas.

Não recêes, Menino, he vão ciume,  
 Para ti não ha prigo,  
 Ou pizes cardos, ou mastigues lume;  
 Nas mãosfinhas volvendo só contigo  
 Agudos canivetes,  
 Não te beliskas, fangue não derretes:  
 Se não bastassem vigilantes votos  
 Da egregia Aula, q' os dias teus resguarda,  
 Para que venças riscos mais ignotos,  
 Dous Anjos tens, dous GABRIELS (2) por guarda.

Sim,

(1) *As funestissimas bexigas, &c.*

(2) *Era tambem falecido seu Pai o Serenissimo Senhor D. Gabriel.*

Sim , ri-te , folga , e entre os Reaes Parentes  
 Visita , Hóspede Augusto ,  
 Prodigios mil da Capital das Gentes ;  
 Olha do Bisavô o eterno Busto ,  
 E em Maravilha toma  
 A nova rara Estrella (1) inveja a Roma :  
 Ora volvendo ás Tias , e ora á Prima  
 Sorrifos propios da innocente Idade ,  
 E apontando o dedinho abaixo , acima ,  
 Dá gyro ao Mundo em huma só Cidade .

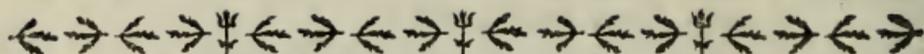
Mas não he tempo ; a passos fervorosos  
 Da jornada a fadiga  
 Cançou talvez teus membros preciosos ;  
 E saudades : . . . refaz a perda antiga  
 N'um somno com doçura ,  
 E entre agradaveis sonhos á mistura :  
 Sobre ti chova em mélico acalanto  
 De aves sonoras turbilhão disperso ,  
 Nas pálpebras te orvalhe hum ópio fanto : . . .  
 Já dorme , ó Fadas ! embalai-lhe o Berço .

Can-

(1) O sumptuosissimo Convento do Coração de Jesus , no sitio da Estrella , fundado pela Augustissima D. Maria I. , que então se sagrava.

Canção, em quanro o teu Author conheção,  
Jazerás sem memoria;  
Mas depois q' outras Cáras appareção,  
A data então será da tua gloria.





Celebrando-se a Festividade da Milagrosa Santa Margarida da Villa do Lavradio :

## ELOGIO DRAMATICO.

---

### INTERLOCUTORES.

*SILVANO,*  
*Lavrador.*

*MARINO,*  
*Pescador.*

*GENIO,*  
*Na figura de hum*  
*Menino.*

*PRUDENCIO,*  
*Velho Eremita.*

*Marinha de hum lado, e campos de outro, com Ermida no fundo.*

### SCENA I.

**SILVANO, E MARINO:**

**SILVANO.**

**N**ão, Marino; em tão nescio me não tenho,  
Que de fantasmas a minha alma occupe!  
Bem q' estranho na lingua das escolas,

Inf-

Instruido não fui entre os cajados,  
 Na Corte me eduquei; longe era o buço,  
 E aos bons já me chegava, ouvia os velhos,  
 De sãa doutrina, e de experiencia fartos,  
 No conducente á vida, e mais que tudo,  
 Sobre o que a Deos se deve; affaz sabendo,  
 Q' artes não valem, sem haver virtude:  
 Raiou logo a razão, e teve escolha;  
 Temendo então barrancos da Cidade,  
 Satisfeito dos bens, que nestes sitios  
 Com honrado suor meus Pais ganhárão,  
 De minha propria mão ledos os cultivo,  
 Sem me importar que mais se estenda o Mundo:  
 Sim noto aqui o vulgo, que se aturde  
 Com agouros no leite transmitidos  
 De Avós a Netos: que lhes grafne o corvo,  
 Ou q' huive o lobo, em susto se quebrantão,  
 E horror lhes mete a voz da natureza:  
 Ah, charo Amigo! Hum sonho repetido,  
 E traçado ao pincel dos nossos tempos,  
 Misterio envolve, e ao coração me falla.

## M A R I N O.

'Amigo, pensas bem; o Ceo benigno,  
 Cioso sempre da ventura nossa,  
 Para os avizos seus de boca escusa,  
 Pois de lingua lhe serve o Orbe inteiro:  
 Posto q' eu rude não te igualle em fiso:  
 Ao meu pulso, dos remos calejado,

Não

Não he alheio o folhear dos livros :  
 Se hum vento rijo os mares encapela ,  
 E me encalha o batel nas frias praias ,  
 Ah ! louvando ao Senhor , a cujo sopro  
 Ou as aguas rebentão seu limite ,  
 Ou se tornão de leite as vagas ondas !  
 Tempo que resta do preciso amanhã ,  
 Aos Mestres o dedico , e á vasta historia :  
 Lá mil casos me lembro de ter lido ,  
 Onde em sonhos sua ultima vontade  
 O Ceo patenteou ; e vezes muitas  
 Coração obstinado á mão , q' o fere ,  
 Tomava emenda de huma aéria sombra.

## S I L V A N O .

Gafo o rebanho , extintas as colmeias ,  
 Podre a feari , e derrubada a choça ,  
 Antes que necessite o meu delicto  
 De outro espertador mais q' o meu remôrso.

## M A R I N O .

Socega , meu Silvano ; eu não te digo ,  
 Q' á tua má conducta auxilio seja  
 Esta visão ; eu sei dos teus costumes :  
 Esta amizade , q' hum de dous nos-fórma ,  
 Mais do q' o zelo teu para comigo ,  
 Quem a entretém , he teu viver honesto ,  
 Por onde o teu Amigo se regula ,

Pois

Pois só faz cousa boa, se te imita!  
 Recto a Deos, justo a ti, fiel aos Homens,  
 Se mancha tens, he que nascemos nella,  
 E nella o nosso mesmo pão se amassa: . . .  
 O q' eu só te affirmava, e to repito,  
 He que talvez a Summa Providencia  
 Para algum bem-commum te dê tal somno;  
 E de instrumento seu te julgue digno.

## S I L V A N O.

Eu vou, Marino, eu vou cavar a terra  
 Com minhas proprias unhas, vou regalla  
 Co' a derradeira pinga do meu fangue,  
 E até mesmo estrumalla com meus ossos;  
 Se tanto preciso he, porq' ella brote  
 Leve consôlo á triste humanidade.

## M A R I N O.

Meus bens ajunta aos teus, e tudo offrece,  
 Depois que ao frio enfeze, e á calma eu tisne,  
 Tarde e manhã lutando sobre os mares,  
 Porq' o meu ténue cabedal se engrosse;  
 A fim só que prospere a nossa Aldêa.

## S I L V A N O.

Mas onde, Amigo, ao meu confuso enigma  
 Interprete acharei? Inda brilhava

O astro madrugador, q' ao Sol precede,  
Quando vim procurar-te; e não me acodes?

## M A R I N O.

Hoje o dia maior que nos traz o anno,  
Pois nelle ao nosso Orago, á Martyr-Virgem  
Repete a Villa o usual Festejo:  
Chegando em roda os Póvos convifinhos,  
A offertar-lhe cada hum seus puros votos,  
(Ah! q' apenas já vem hum só de hum cento!)  
Nunca se vê aqui igual concurso:  
Algum de tantos, para os Ceos mais grato,  
Poderá, se o consultas, dar-te allivio;  
E muito mais, se a grande Santa imploras.

## S I L V A N O.

O' meu Marino! de ninguem mal julgo,  
Peior sou eu:... mas sabes, quão diverso  
Do tempo antigo he o presente culto:  
Essas devotas lagrimas pungentes,  
Q' inundar vinhão os fieis Altares,  
Não sei quem as seccou! o lugar dellas  
Occupado he de hum riso criminoso;  
Ou érmo jaz o Templo, ou como asylo  
Libertinos prazeres nelle exultão:  
Não, mais não lavra a erva impertinente,  
A substancia roubando aos almos trigos,  
E o olho illudindo ao mondador experto,

Q'

Q' o vicio vai nos animos calando :  
 E como lhe exporei hum caso sério ,  
 Sem que delles eu venha a ser zombado !

## M A R I N Ó.

Verdade , Amigo meu ; com gente fôlta  
 Fanatismo se torna hum acto pio ;  
 E em peitos cheios da tenção danada  
 Se inda ha Religião , está na boca !...  
 Mas que guapo Menino , a passo grave ;  
 E lindo gésto , para nós caminha ?

## S I L V A N O.

Não parece de carne ! he neve , e rosas :

## S C E N A II.

*Os mesmos , e o Genio.*

## G E N I O.

**D**Eos vos salve , Senhores , e a mim salve :  
 Mas perdôai-me ; porq' assim parados ?  
 Não sabeis , q' este orvalho he malfazejo ?  
 Dar-se-ha caso , perdidos no caminho ,  
 Preciseis , q' á estrada alguém vos torne ?

## M A R I N O .

Não , delicado Encanto ; aqui nascidos ,  
 Todo este campo affaz nos he notorio.

## G E N I O .

E querereis talvez , para aviardes  
 Vosso negocio , quem vos diga as horas ?

## S I L V A N O .

A ver nascer o Sol affeitos sempre ,  
 Elle mesmo nos serve de relógio.

## G E N I O .

Pois se agua procurais , além defronte ,  
 Atraz daquelle junco , estão dous charcos ;  
 No segundo bebei , q' he mui fadio :  
 No outro não ! que tem bichos , e he falôbre.

## M A R I N O .

Tanto desvélo o justo Ceo vos pague ,  
 Rico Feitiço ! mas nenhum tem fêde.

## G E N I O.

E Missa já ouvistes? neste instante  
 A primeira se disse, della eu venho,  
 He branca a Vestimenta; e ha Festa logo,  
 Por fazer-se a função da Freguezia:  
 Eu mesmo hontem estive nos repiques,  
 E junquei hoje de espadana o adro.

## S I L V A N O.

Nada ignorâmos, candido Innocente:  
 Se ha cousa, que de vós saber queiramos;  
 He vossa Mãi, e Pai?

## G E N I O.

Naquella Ermida  
 Tenho a Mãi; e meu Pai o Pai do Mundo,  
 O que cuida da aranha, e da formiga;  
 Desde q' a mim me entendo, a todos honro,  
 E vendo algum mais velho, a mão lhe bejo,  
 Dão-me a benção, e Filho seu me chamão.

## M A R I N O.

Silvano, eu morro em pasmos!

SILVANO.

E eu , Marino !

MARINO.

Ao menos não direis o voffo Nome ?

GENIO.

Custodio.

SILVANO.

Nada mais ?

GENIO.

Do Lavradio.

MARINO E SILVANO.

E quem vos veste ?

GENIO.

Eu pouco rompo , ou nada.

## M A R I N O.

Donde o vosso sustento ?

## S I L V A N O.

O quartel vosso ?

## G E N I O.

Meu quartel onde o acho ; e o meu sustento  
 De mais o tenho , pelo bem que faço :  
 Ora eu desço á estrada , como agora ,  
 E se encontro cançados Peregrinos ,  
 Mostro-lhe a venda , ou levo-os á Pousada :  
 Ora gyro na Villa , rua , em rua ,  
 Por ver se-acaso alguém de mim precisa :  
 Se rapazes eu topo em desavença ,  
 Logo os aparto ; e se elles são mais fortes ,  
 Talvez teimosos em querer matar-se ,  
 Chamo a Justiça para que lhe acuda :  
 Mas se elles meigos são , com elles brinco ,  
 Invento Procissões , e Terços faço ,  
 Mando-os rezar , e ensino-lhe a Doutrina :  
 Se ha Mãi , que pelo Filho está finada ,  
 Porq' o pão se lhe azeda , ou não tem lume ,  
 Eu me offreço ao mandado , vou-lhe á praça ,  
 Ou lhe trago o remedio da Botica :  
 Assim todos me dão , todos me fartão ,

Eu

Eu pego em cortezia , e de carreira  
O levo aos Prezos , ou o dou aos Pobres.

M A R I N O .

Mortal não he !

S I L V A N O .

Hum Serafim nos falla !

G E N I O .

Porém tudo he fazerdes-me perguntas ,  
Sem me contardes o q' aqui trataveis ?

S I L V A N O .

Eu lho explico , Marino . . .

M A R I N O .

Eu fei , Silvanos . . .

S I L V A N O .

Ah ! que não vem do acafo iguaes encontros ;  
Depararão-mo os Ceos ! Marino , eu digo . . .

M A R I N O .

Pois dize-lho , Silvano . . .

SIL-

## SILVANO.

E oufariaeis ,  
 Caso de vos expôr nossa conversa ,  
 A desatardes hum funesto sonho ?

## GENIO.

A tanto não me atrevo ; em minha infancia  
 Inda não cabe resolver prodigios :  
 Mas fei perto hum Varão de vida austéra ,  
 ( Prudencio tem por nome ) em funda cova ,  
 Onde a ervas se nutre , e o chão por cama :  
 Remotas Gentes de romage o buscão ,  
 A fim de consultallo , e sempre acerta ;  
 Pois o Ceo lhe revéla seus designios ,  
 E hum dia eu vi , q' o visitava hum Anjo.

## SILVANO, E MARINO.

Ah ! por quem fois , ao Monge conduzi-nos.

## GENIO.

Vamos , fim ; mas não fei onde primeiro :  
 Mal q' o dia apontou , ou vente , ou chova ,  
 Sobre curvo bordão , e a corda á cinta ,  
 Grosse estamenha , e desgrenhada barba ,  
 Ora ao Cruzeiro vai , ora á Ermida ;

Porém feita Oração , ao Mundo fuge.

S I L V A N O .

A vossa mão nos dai . . .

G E N I O .

Atraz vos figo ;  
Com passos defiguaes moer-vos posso.

M A R I N O .

Hide ao menos alli . . .

G E N I O .

Vós fois mais velhos ;  
Quem primeiro nasceo , deve hir diante. (1)

SCE-

(1) *Saltem.*

## S C E N A III.

## P R U D E N C I O.

*Vem ganhando o theatro , repetindo o seguinte  
Hymno da manhã.*

**Q**ue Nome , ó Summo Deos , que Nome justo  
Eu hoje te darei , inda não dado ?

Q' ante o teu Solio augusto

Suba em cheiro de agrado ;

E que de novo em minha boca fria

Te agradeça o favor de hum novo dia ?

Se Pai te chamo , ha muito que sou filho ,

Se Creator , ha muito me creaste ;

Meu Rei , a quem me humilho ,

Senhor , que me compraste

A Preço de teu Sangue : . . . Velho he tudo ,

E mais velho , do q' eu , me deixa mudo.

Por muito que me dá tua Mão rara ,

Mais me das logo , e farto sempre brilhas ,

Nem o círculo pára

De tuas maravilhas : . . .

Só não achas hum titulo que dobre

Em minha lingua cada vez mais pobre!

Q' eterno pejo , que vergonha minha ,  
 Ser a mais amimada creatura ,  
     A q' a Ti mais mesquinha ,  
     Menos por Ti se apura ;  
 E fer tão rude no louvor que lavra  
 Ao seu Obreiro a tímida palavra !

Tão feia affronta , ó Natureza , extingue ,  
 Troncos e penhas viva frase tomem ,  
     E o commum Deos se vingue  
     Contra o coração do homem !  
 Elle degenerou ; e a voz , q' expulsa ,  
 Torna a cahir-lhe na garganta infulsa.

Não cahe a vossa , he firme sempre a vossa ;  
 Orbes celestiaes , que de harmonia  
     Ao Dedo , que vos roça ,  
     Cantais de noute e dia !  
 Mais que grosseiro o baixo ouvido humano  
 Para escutar-vos de tal solfa o arcano.

Mas não sómente vós , supremos astros ,  
 Fiéis lhe sois ; que mudo assim o entôa  
     Esse insecto de rastros ,  
     E o peixe na lagôa : ...  
 Sóbe a flor a exhalar-se aos Pés do Immenso ;  
 Nega-lhe o racional seu proprio Incenso !

Rompe a manhã , e Psalms te levanta  
 Devoto Passarinho com voz tosca ;  
 A prumo o Sol , te canta  
 Zunindo a ténue mosca ;  
 E érmo o Leão na fúnebre caverna ,  
 Quando ruger , te louva , ó Luz Eterna.

Nas mesmas azas da horrída tormenta  
 Teu Sacro Nome vai de clima em clima ;  
 O raio lhe affugenta  
 Tudo quanto o reprima ;  
 E o trovão , q' o entesoura no seu cólo ,  
 He o éco q' Elle faz de Pólo a Pólo.

A ervinha , q' ao seu Deos suppõe em guerra ;  
 Ao chão se coze de respeito , e susto ,  
 Nas entranhas da terra  
 Treme a raiz do arbuſto ;  
 E o Cedro , que murmura da ruina ,  
 Estala de pavor , e a frente inclina.

Sómente ao Homem , de razão dotado ,  
 Força não ha , que seu orgulho quebre ;  
 O orgão , que lhe foi dado  
 Porque ao Author célebre ,  
 Deserta infame , e ministrando ao vicio ,  
 Dorme ocioso em seu primario officio !

E que , Senhor , não baste a despicar-te  
De tantos mil ingratos a té minha ?

Hir dizer-te , hir pregoar-te

Por onde o Sol caminha ?

Ou ao menos de cá levar n'um grito  
Aos fins da Terra o Nome teu Bemdito ?

Mas se he tal minha voz que nada valha ,  
E rouca sahe da trémula cabeça . . .

Inda a ruça grizalha

Vigor tem que te offreça ;

Inda em obsequio teu (1) ao chão se arroja ,  
E só de ella pensar-te as cáas espoja.

(1) *Curvando* , &c.

## S C E N A IV.

*Em quanto Prudencio se esforça a ajoelhar, ap-  
parecem sabindo do bastidor Silvano, e Ma-  
rino; ao mesmo tempo ouve-se dizer da  
parte de dentro o*

G E N I O.

„ Eis-alli o bom Velho: adeos. „

*Esta voz deve immediatamente ser seguida de  
hum grande fulgor, acompanhado da fragran-  
cia de alguns aromas, que se queimem, &c.  
Os dous olhão espantados para dentro, e re-  
presentão:*

P E U D E N C I O , S I L V A N O , M A R I N O.

S I L V A N O.

**Q**ue he delle?  
Foi ar que se desfez!

M A R I N O.

De chofre a setta

Náo

Não se esconde mais rápida dos olhos!

P R U D E N C I O. (1)

'Ah' que sempre ao Dever ha quem o impeça,  
E só ruim acção não acha estôrvo!  
Retirar-me he precito; pois não devo,  
Nem de ser bom (se o fou!) fazer alarde. (2)

S I L V A N O.

O rasto, que deixou, foi luz estreme!

M A R I N O.

Recende o ar dulciffimos perfumes!

S I L V A N O.

Os cabellos erriço!...

M A R I N O.

E eu arrefeço!

Porém olha, Silvano; vai-se o Monge...

PRU-

(1) Reparando nos dous, que entrão, se suspende.

(2) Dá alguns passos.

S I L V A N O.

Fallemos-lhe, Marino; tu me ajuda;  
Senhor! fois vós Prudencio?

P R U D E N C I O.

Affim me chamáo.

S I L V A N O.

Corrente fama das Virtudes vossas,  
Saber, e discrição, aqui nos trazem,  
A propor-vos hum caso de alto pezo.

P R U D E N C I O.

Ah! quem sou eu? feiissima toupeira;  
Que nem conhece o mesmo chão que piza...  
Enganais-vos comigo.

M A R I N O.

Não por certo:

Silvano, Amigo meu, de horrendo sonho,  
Q' o socego lhe usurpa, me entretinha,  
Indagando entre nós fugeito idoneo,  
Que lho decifre: quando (ah! q' inda o vejo!)  
Menino de annos seis, nem mais teria,

Verruelho qual papoula, mãos de prata,  
 Loura friza em anneis, garbo divino,  
 Com palavras de mel, a nós se chega,  
 E depois de dizer-nos mil abyssos,  
 Sabendo que motivo nos suspende,  
 De vós nos deo noticia, e a vós nos guia:  
 Porém mal temos a presença vossa,  
 O ouvimos despedir se; atraz olhamos,  
 E na raza campina, franca em roda,  
 Sem tronco que o encubra, mouta, ou pedra,  
 De improvizo se troca em fogo e almisçar.

### PRUDENCIO.

Similhante criança (hoje o ricordo!)  
 Na minha humilde gruta, onde eu jazia  
 Em profundo lethargo, e febre ardente,  
 Hum dia entrou; de saborosa bilha  
 Licor me offrece, e eu moribundo acceito,  
 Que foi o mesmo, que acceitar-lhe a vida:  
 Mas apenas o espirito recóbro  
 Para render-lhe as merecidas graças,  
 Só me deixou; e nem lhe soube o nome.

### SILVANO.

Custodio elle nos disse fer.

PRUDENCIO.

Custodio!

MARINO.

Sem meza, ou casa certa.

PRUDENCIO.

Casa, ou Meza!

SILVANO.

Orfão de Pai, e Mãi.

PRUDENCIO.

E d'ambos orfão!

MARINO.

Elle sabe de vossas penitencias.

PRUDENCIO.

Penitencias q á propria aranha encubro!

## SILVANO.

Certo dia vos vio fallar a hum Anjo.

## PRUDENCIO.

A hum Anjo? .. ah ! nada mais ! Fallei com Elle,  
 Quando dos Ceos me trouxe a medicina;  
 E a hum Anjo então fallei : .. Sabei , Amigos ,  
 Que cada Povoação o Eterno escolta  
 De hum Guarda superior , q' a patrocine ,  
 Que sobre ella vigie , e que lhe acuda  
 Contra a mão do common rival q' a cerca ;  
 Esse , que vos honrou de suas fallas ,  
 O Nume he tutelar do Lavradio ;  
 Seu Nome o diz , seu talho , genio , e obras :  
 Nem eu ja temo ouvir o vosso caso ,  
 Quando fois por hum Anjo conduzidos : ...  
 Que sonho o vosso foi ?

## SILVANO.

Foi qual vos narro :  
 A' fresca sombra de alamo frondoso  
 Comigo só na mente revolvia ,  
 Que força occulta , ha annos de enfiada ,  
 As novidades mostra , e logo as rouba ,  
 Quasi ao instante de colher-lhe o fruto :  
 Eis q' então adormeço ; e como o somno

Re-

Retratar nosso tráfego costuma,  
 Tornei ao mesmo com mais viva tinta!  
 Eu vi, Senhor, eu vi gentil Donzella,  
 Com roupas de escarlata, e aurea Crôa,  
 Fresca chaga no peito, e o pé descalço,  
 Que vibrando na mão ramo viçoso  
 De triunfante Palma, andava em gyro  
 De Messes, Vinhas, Olivaes, Pomares;  
 Ao toque alli da portentosa insignia,  
 Era para pasmar a face nova,  
 Que tudo em si temava! não podia  
 C'os prehes cachos a abafada cepa,  
 E ao chão curvava a façanhosa espiga: ...  
 Sôfrego eu da ventura inesperada  
 (Não o posso negar) em mais não cuido,  
 Que nos aprestos da geral colheita,  
 Nem minha Bemfeitora mais me importa!  
 Eis q' erriçada, carrancuda (1) Serpe,  
 Q' a cabeça de rojo aos pés da Virgem  
 Atélli submettia, alçando a cola,  
 E enchendo o ar de pestilente baso,  
 Com a farpada lingua, que sacode,  
 Murchava a quanto encontra, e tudo crefia;  
 Já não he, como foi, hum Paraíso,  
 Hum sitio he fim de maldições e fome!  
 Que golpe d'alma! a próvida azeitona  
 Ao inutil caroço ir-se mirrando;  
 E solapado conservar apenas

In-

(1) D'este modo he a Effgie da Santa; com Palma, Crôa, serpente, &c.

Insulsa caíca o pècego felpudo !...  
 Chorei de pena , e razos d'agoa os olhos ,  
 Se não fosse acordar , me suffocava.

### PRUDENCIO.

Ah ! quanto hum duro coração se cega  
 Aos raios da verdade que mais brilha !  
 Sonhastes Vós tambem ? (1)

### MARINO.

Nem tal preciso ;  
 Q' a mesma praga com meus dedos toco !  
 Não fei que perdição varreo dos mares  
 Essa antiga semente , q' os fecunda ?  
 Por mais homem se alarga a véla e remo ,  
 Q' á praia torna co' batel vazio ;  
 E ou redes espedaça feio Bôto ,  
 Ou toda a pescaria he podre limo.

### PRUDENCIO.

Quem fécca o prado , esteriliza as ondas !...  
 E acaso duvidais , que na Mão sua  
 Essa Mulher vos guarda ou pranto ou riso ?

### SILVANO.

Eu claro o vi.

MA-

(1) *Para Marino.*

M A R I N O.

E como o viffe , eu creio.

P R U D E N C I O.

Porém se o mal irada vos fulmina ,  
Para o bem he precisa a paz com Ella '  
Estareis pelo ajuste ?

S I L V A N O.

Os bens são nada ;  
O meu fangue lhe dera.

M A R I N O.

A propria vida.

P R U D E N C I O.

Se arrependidos . . .

M A R I N O.

O que falta he vella.

## PRUDENCIO. (1)

Conhece-la-heis ?

SILVANO.

No feio a tenho , e n'alma.

MARINO.

Ah ! onde está ?

PRUDENCIO.

Bem ; vinde pois comigo :  
 Ceos ! meu passo alentai em vosso abono !

Che:

(1) Para Silvano.

*Depois de se avançarem algum tanto , dilatando-se ao som de devota symfonia a fachada da Ermida , na maior simplicidade , e o mais accomodado que puder ser á verisimilhança , apparecerá illuminada Tribuna com a Imagem da Santa ; os tres ajoelhão em profunda reverencia , ficando Prudencio no meio . e por intervallos accionão á maneira de que se fallão : logo que cessa a Musica , elles se erguem , &c.*

### P R U D E N C I O .

Sim , meus Fiéis ; o aggravo he qual vos digo ,  
 He vossa ingratição ; e nesse Throno  
 A Virgem tendes , o dragão , e a Palma ,  
 Que menos tibia sé previsto houvera :  
 Aquella a Palma , que de justo sangue  
 N'outro tempo regada , inda florece ,  
 Para faltar-vos de abundantes fructos ;  
 Mas logo a Serpe , q' huma vez rendida ,  
 Com vosco se arma a renovar-lhe a chaga ,  
 Em premio digno contra vós se assoma ,  
 E o pão vos rouba aos innocentes Filhos :  
 Aquella em fim a milagrosa Santa ,  
 Que de vossos Avós menos ferida ,  
 Inda assim (1) lhes fugio ; e talvez hoje ,  
 Para mais não tornar . . .

SIL-

(1) Esta he huma tradição daquelle Povo , &c.

SILVANO E MARINO.

Senhor, matais-nos.

SILVANO.

Tristes lagrimas bebo :

MARINO.

Em pranto affogo :

SILVANO E MARINO.

Que devemos fazer? . . .

PRUDENCIO.

Jurar-lhe emenda :

Dar novo alento ao esfriado culto ;

Ao Parente , ao Estranho , ao Servo , ao Amo ,

Inspirar devoção , servir de exemplo ;

Dedicar-lhe esses dons , que vos reparte ,

E mais que tudo hum coração contrito.

SILVANO E MARINO.

Por Deos , por Ella mesma , lho jurámos :

PRU-

PRUDENCIO.

Poderei confiar?... .

SILVANO.

Em chão castiço  
Primeiro falhará fiel semente,  
Que falte ao que promette a minha boca.

PRUDENCIO. (1)

He vosso zelo igual?

MARINO.

Mover-se o monte,  
Seccar-se pode o mar; mas não que eu minta.

PRUDENCIO,

Immortal Santa! em tão perdidos tempos  
Hum obsequio sincero he teu Milagre!  
Vossos braços me dai (2):... Nelles eu cobro  
Doce refôrço á languida velhice.

SO.

(1) Para Marino.

(2) Abração-se.

## SONETO.

*Prud.* **V**O's, Senhores, visinhos, e remotos,  
 Que viestes beijar feu puro Manto;  
 Pertence a toda a Terra hum culto Santo,  
 Nem ha distancia a corações devotos:

*Silv.* Conhecidos a Fé nos faz de ignotos,  
 E une huma propria Causa Povo tanto;

*Mar.* Misturai pois ao nosso o vosso Canto,  
 E subão de harmonia os nossos votos:

*Prud.* Dizei, Filhinhos, não com voz q' adula;  
 Ou com fraze no peito amortecida,  
 Porém com hum fervor q' á face pula:

*Silv.* „ Em quanto nos durar a curta vida,

*Mar.* E q' inda a lingua os éccos articula,

*Todos.* Louvarte-hemos, **EXCELSA MARGARIDA.**

F I M.



## SONHO,

Por occasião da nunca affaz chorada morte do Serenissimo Senhor D. José Principe do Brasil, no seguinte

## EPICEDIO.

**D**Urmo? não durmo; de tão viva tinta  
 Aérias formas a illusão não pinta:  
 Mas tu quem és, Matrona (1) que me acenas,  
 De ais suffocada, submergida em penas,  
 Bramando aos Ceos, e praguejando os astros,  
 Com a boca no chão, a cauda a rastros,  
 Rasgado o manto, arrepelada a touca,  
 A face esbofeteando, a voz já rouca,  
 E estirado no cóllo o Filho exangue,  
 De pustulas cuberto, a golfar sangue?  
 Conta-me essa terrivel aventura,  
 Que não Mulher, mas Furia te figura:  
 Foi que bruxa infernal de pacto horiêdo,  
 Com

(1) Em toda esta apostrofe o A. não figura mais do que o simulacro, ou a effigie de Lysia lamentando-se, &c.

Com sapos e ervas vil mixtão tecendo ;  
 Ao filtro ajunta os nocturnais conjuros ;  
 E em remoinho de halitos impuros  
 Corre logo da feia encruzilhada ?  
 A affogar-te no berço a Prenda amada ?  
 Ou foi talvez que sibilarre cobra,  
 A rasmalhar nos circulos que dobra,  
 De inculta selva com maligno dente  
 Veio trincar te o pávido Innocente ?  
 Estafada de em vão pedir ajuda,  
 Inda ao longe bracejas que te acuda :  
 Eu corro, eu vôo : . . . lézo pé maldito,  
 Q' ouvindo á orfa-Mãe o pranto, o grito,  
 Não sabes inda acelerar teu passo ! . . .  
 Ah ! onde estou ? he vento quanto abraço ;  
 Desfez-se o Spectro ; e viajando á róa,  
 No porto encalho da feliz Lisboa : . . .  
 Lisboa ! ao fim do Mundo em alta Serra,  
 Para Cabeça da estendida Terra ?  
 Sim ; eu lhe admiro os vastos monumentos,  
 Q' inda em ruina ficarão portentos : . . .  
 Porém qual a pizei ! qual hoje a pizo !  
 Não morávão aqui a graça e o rizo ?  
 A este ázylo acerbissimos cuidados  
 Não vinhão respirar em paz trocados ?  
 Fantasmás palpo agora, sombra he rudo,  
 Deserta a Praça, esse Palacio mudo ;  
 Pouco ha, q' em lustro os Pólos desafia  
 O esplendor, q' esta rua em si trazia,  
 Aos rijos pés os urcos fuzilavão,

E logo os coches hum trovão soltavão;  
Tudo se fome, a tudo já proscrito  
Parece que varreo geral delito!...

Nem me apparece a bellicosa Tropa;  
Foi ser garante da revôlta Europa?  
Astréa o rosto além cobrio jucundo,  
De cá fechou-se (1) o armazem do Mundo:...

Nações, que vinheis donde o Sol se aparta  
Para ver o que visto nunca o farta,  
Q' he do vosso Commercio? inda navega,  
De ouro inda Lyfia os Galeões carrega:...

Não ha quem me responda! rasto quente  
Me inculca apenas, q' aqui houve gente,  
Voz não ouço; murmura o Tejo torvo,  
E só d'esse telhado grasna hum corvo;  
A cadaver lhe cheira? eu te detesto,  
Borrão das Aves, agoureiro infesto!...

Pasmado o Sol mostra no andar preguiça,  
Sem testemunha aos rayos, q' esperdiça;  
Cauda isto foi que pelos Ceos estende!  
Q' alto infortunio ameaçar pertende?  
Triste de mim, q' o golpe malfazejo  
Tenho só de soffrer, pois só me vejo!...

Praia do Nilo com a serpe em pranto  
Não mette mais pavor, não mais quebranto:  
Da fabula este o rio, extremo norte?  
He neste Cáes, que desembarca a morte?  
O' presagio fatal!... Tu, Busto Equestre,

(1) Faleceo S. Alteza no Real sitio do Terreiro do Paço, a 11 de Setembro de 1788.

Q' eterno viverás, de Reis o Mestre ;  
 Tu me illumina: Q' accidente novo  
 Te rouba o sempre inseparavel Povo,  
 E érmo te deixa aqui sem mais Estado,  
 Q' os monstros que venceste, e q' hás prostrado?  
 Mas que observo? Pezar tambem funesto  
 Te enfia a face, te envizeira o gésto;  
 E ao que nunca affombrou força ou refólho,  
 Sustos se encrespão no feroz sobrólho;  
 Monarcas, vigiai!... sobre natura  
 Vibra Cometa horrenda catadura!

Anjos, que no trovão montais sem medo,  
 Descei a decifrar me este segredo:

Que Setembro cruel, q' infastos onze?  
 Foi tal a dor, que lavra até no bronze?

Do mesmo bronze o mineral vazado,  
 Sôando ao longe em éccos compassado,  
 Me aponta hum funeral:... estes avisos,  
 Quanto mais vem, são tanto mais precisos;  
 Q' afferrado o Mortal a podres dias,  
 Sobre hum leito de extremas agonias,  
 Onde a morte sem máscara lhe falla,  
 Para inda a conhecer, para enchergalla,  
 Com ella em contos, e a lutar com ella,  
 Precisa de accender-se-lhe huma véla!...

D'este sertão eu fujo como vario;  
 E quanto avanço, encontro solitario:  
 Revôando por aqui ramo de peste  
 Fez d'este Bairro hum descampado agreste?  
 E inda isso o q' era? o Mundo em tudo errado

Só devia ao que nasce haver dobrado ,  
 E guardar os repiques para o morto : . . .  
 Caduca Humanidade ! o teu conforto  
 Deve ser a esperança de que cedo  
 Has de emfim terminar o teu degredo ;  
 Com esta lima o Sábio gasta , e roça  
 Os herdados grilhões , q' o Nescio engrossa :  
 Grilhões que tudo arrasta , Rei , Vassallo ,  
 O Escravo ao cepo , o Amo no regallo :  
 Até q' a morte , a grãa libertadora ,  
 Em paga de chamarem-lhe traidora ,  
 Hóspede grato , Amiga com lisura ,  
 Seu alvará nos traz para a soltura :  
 O' morte ! . . . a mais tardar teu lenitivo ;  
 Temêra o Homem sepultar-se vivo : . . .  
 Mas continúa o som harmonioso ,  
 Que guia o resgatado a seu reposo : . . .  
 Escuto , e seguir quero a voz do sino :  
 Nunca mais ledo os passos meus destino ,  
 Q' apôs o venturoso , que renova  
 Seu privilegio antigo , e em funda cova  
 Depois esconde o misero instrumento ,  
 Que seu carcere foi , e seu tormento ;  
 Não ha outra assembléa , outro convite ,  
 Que minha inveja , ou meu prazer excite ;  
 Nem mais depressa á carta os dedos metto ,  
 Que quando ella me vem lacrada em preto : . . .  
 Chegado eu sou á Sacrosanta Igreja ,  
 Fonte da paz , remate da peleja !  
 Este dos Ceos o Archivo venerando ,

Onde o Homem, ou ruço, ou calvejando,  
 Dizer que tem nascido só se atreve,  
 Quando ao Livro da Vida aqui se escreve:  
 Depressa ao mesmo Livro torna o Home  
 Por iguaes passos a riscar seu Nome:...

Eu te saúdo, ó Templo Soberano,  
 Fiador Santo ao Santo (1) Vaticano!  
 Quanto ha de mais augusto sobre a Terra,  
 Em teu recinto o tens, em ti se encerra;  
 A Imagem bastaria para honrar-te  
 Do que está em Substancia em todá a parte;  
 Bastaria a d'Aquella, q' a seu rôgo  
 Prende os diluvios, e desfarma o Fogo:  
 Mas tu guardas tambem a sacra offada  
 De meus Monarcas:.... Condição pezada!  
 Não só imposta ao crime, ao erro, ao vicio,  
 Mas a tudo o que dá de alento indicio:  
 Nasce c'ò a Vida a Morte; o peito brando  
 A hum leite estes dous gémeos vai criando,  
 Nem dous são; q' enfaiando-se ao fim certo  
 Com o olho ora fechado, e ora aberto,  
 No modo se distingue a mesma cousa;  
 Se bole he Vida, he Morte se repousa:....

Respeitavel Deposito! Hum sómente,  
 Se hum só Eva gérasse em innocente,  
 Fôra excepção do termo impreterivel,  
 Tu sabes Quem! Mas se não lhe he possivel,  
 Se quando veio, prouetteo a volta,  
 (E hum Principe não falta á voz que solta!)

Ha-

(1) S. Vicente, Igreja Patriarcal; Jazigo de S. A

Hade José, Excelso, Pio, e Justo,  
 O teu prazo affastar, e ver sem susto  
 Huma sobre outra as gerações sumir-se,  
 Pais e Netos gemendo, e elle a rir-se;  
 Que não lhe alcance a mesma Creatura  
 Principio e fim, seu berço, e sepultura;  
 E até que fôda tradição se tome,  
 Q' entre dores nasceo, que filho he do Home;

Tornado affim o Forte, o Sábio, o Terno,  
 Se immortal não, ao menos meio-Eterno:...

Vou dentro:... Oh! sobre mim a sorte caia,  
 De q' esta vez eu entre, e mais não saia!...

Quando não?... junto á borda do jazigo  
 Saudades mandarei a certo Amigo;

Que cedo lá me espere! q' a respeito  
 Do tempo immenso em júbilo perfeito.

Q' o tenho de abraçar, em vitas, frutos  
 Desde a infancia á velhice vão minutos!...

Mas ah! destemperadas caixas são,  
 Do nitro acceso os estampidos troão;

E as Quinas, q' amolgar não pôde a Guerra,  
 Em huma hora de paz jazem por terra!

Oh! o Defunto he Grande:... e Grandes morrem?  
 Para elles passa o dia, as horas correm?

O relógio se paga a pezo de ouro,  
 Porq' ás vidas, q' encurta, seja agouro?

Pensava eu, q' este lodo, em que patinho,  
 Q' amassado em suor meu pão mesquinho,

Quentes soões, e o fio dos Nordeste,  
 Penetrando por entre as rotas vestes,

De pouco a pouco a máquina gastavão,  
 Até chegar-se a hora, em q' apagavão  
 No vaso escuro o lume altivo e pulcro,  
 Q' arde em mim qual alampada em sepulcro: ...  
 Mas ao Duque tambem fermenta a maça,  
 E cõa nocivo ar pela vidraça?  
 Lavra o fastio em finos travesseiros,  
 E rompe a morte ríspidos Archeiros?...  
 Q' incoherente estou! de infulsa e fria  
 Eu mesmo estranho a minha fantasia,  
 Q' affirmando, e negando se emmaranha,  
 Como no seu casulo fraca aranha;  
 Não sei que faço, e menos sei que sinto,  
 Eu rio, eu choro, eu proprio me desminto;  
 E qual enfermo q' em madôrna luta,  
 Verdades como o Sol metto em disputa!  
 Riços sem alma! Se ao que vai de rojo,  
 Volveis a cara, e lhe cuspis de nojo,  
 Eu manquejando, e Vós no fulvo carro,  
 Ambos sentimos estalando o barro;  
 Polida, ou tosca a meza, ambos quebranta  
 O pomo atravessado na garganta: ...  
 Para que se suavisse o fatal dia,  
 E o pó quente repulse a terra fria,  
 Não ha mais do q' hum balsamo q' ajude,  
 Hum fõmente o verniz, a sãa Virtude! ...  
 Vamos porém juntar-lhe hum novo exemplo:  
 As naves cruzo do famoso Templo,  
 Eu corto as alas do enfopado luto,  
 Chego ao Finado, e o Titulo lhe escuto: ...  
Ceos !

Ceos ! agora he q' eu sonho ! he neste instante ,  
 Q' em profundo lethargo , e delirante ,  
 Pertende em seu maior accessõ a febre ,  
 Q' em medonhas visões a vista eu quebre ! ...  
 Quem ? Como ? quando ? em chammas vulcão roto ?  
 Molestia não ; vorace terremoto ?

Doença ! ... a quem ? á solida saude ,  
 Dos Ceos vinda a q' a Terra enferma ajude ?  
 E o viste ! ... quando ? na Estação frondosa ,  
 No Abril dos annos que perpétuo goza ?  
 Com teus olhos ! ... ao Principe das Gentes ,  
 Ao Joven semigual ? José ? Tu mentes ! ...

Mentes sim ! ... q' he mortal , eu não to nego ;  
 Mas Deos Author não obra em ocio , ou cego :  
 Se nesse vasto lume , Olho do dia ,  
 Tanta massa de fogo alenta , e cria ,  
 Foi porque finde o esplendor q' encerra ,  
 Alluída já de velha a propria Terra ;  
 O tanque immenso , q' enviveira aos ares ,  
 Foi só para furtir longevos mares ;

E o Principe de Lysia , aos Ceos desvélo ,  
 A cujo excelso talhe foi modelo  
 Esse Anjo da Embaixada , Anjo escolhido ,  
 Secretario de Jove , e seu Valido ;

José , que quanto no Orbe hão avançado  
 Em Guerra , em Artes , na Moral , no Estado ,  
 Reis affamados , almas não commuas ,  
 Mal chega ao Index das idéas suas ! ...

Ah ! no Mundo elle faz especie á parte ,  
 E não deve , ó Lisboa , não , faltar-te ,

Qual

Qual da rosa o botão, q' almeja orvalho ;  
 Mas fim qual Cedro, ou rígido Carvalho,  
 Ver quieto estalar o raio em roda,  
 Das quadras illudir a furia toda,  
 Cançar-se a natureza em seus produtos,  
 E elle affouto a pedir lhe inda tributos,  
 Mais respeitavel quanto mais annofo ;  
 Curtido aos évos, e inda assim rugoso: ...  
 Que ! maniaço estou ? estou demente ?  
 Vociferando em vão me zomba a Gente ?  
 E qual bravo Athêo, que temerario  
 Profana chave mette ao Santuario,  
 Da face dos Altares me facodem? ...  
 Ah ! nunca veção mais os que tal podem  
 Hum só dia passar, q' aos proprios lares  
 A morte não se affente a seus jantares,  
 Q' em paga os Filhos, e a Mulher lhe corta,  
 Huma a hir, e outra a vir, a tumba á porta ! ...  
 Fóra eu sou: ... Ah ! e se talvez foi certo !  
 Se este o vacuo he, q' a Lyfia faz deserto !  
 Se o que havia durar tempos remotos,  
 Por graça havido, alimentado a votos: ...  
 Se foi assim: ... Se o Ceo arrependido  
 Mostra outro Paraíso, e o põe perdido: ...  
 Se foi despojo de immatura Parca  
 O Rei Sábio, o Filósofo Monarca !  
 O que leis déra aos Póvos derradeiros,  
 Sem Ministros (qual Deos) sem Conselheiros: ...  
 Lyfia infasta ! que teu peccado antigo  
 Forjou aos nossos dias tal castigo ?

Apos-

Apostataste?... acafo tu serias  
 A malfadada, que no chão jazias?  
 Este era o Filho, que carpias morto,  
 Tua unica esperanza, teu conforto?

Oh, e se era!... q' aguardas, Lyfia triste?  
 Queima os louros, das palmas já defiste;  
 Macilentos Ciprestes, pardas Heras,  
 O ornato são (1) de q' enfeitar-te esperas:...  
 Delcalça, desgrenhada, e sem alinho,  
 Com os olhos no pão do teu visinho:...  
 Ah! chora, estoura, os braços teus estende,  
 Huiva, blasfema, torna te duende,  
 Escalda a terra, secca o mar profundo,  
 Leva sobre o teu bafio a morte ao Mundo!...

Croadas Testas, Reis, Imperadores,  
 Desvelados da Paz, Conquistadores!  
 He frustrada essa Lei, fraco esse muro,  
 Systema, ou Plano já não ha seguro;  
 O Codigo rasgai, rendei a espada,  
 Que fois cinza á manhã, fois pó, fois nada;  
 O Throno vos abana, ó intelizes!...  
 A alta Força, q' arranca das raizes  
 Este vivo Colosso, força extrema,  
 Vai fazer q' em seus eixos o Orbe trema;  
 De Lyfia a grãa Pyramide cahida

De-

(1) Todos conhecemos, que sendo avultados os motivos, que tinha a nossa razão para chorar a perda deste amabilissimo Principe, era todavia o nosso coração extremamente seu afeiçoado o que mais o lamentava, e em tal excesso, que se não pôde fantasiar transporte de dor, que na realidade então se não sentisse.

Debaixo esmaga a Torre mais subida:...

O arbitro do Orbe, o Lusó Capitolio,  
 Onde erigio Fortuna crario e Solio,  
 Estremece; a Magnanima Rainha,  
 Q' hum braço ao Téjo, outro no Ganges tinha,  
 Já na Régia Aula occupa estreito canto,  
 A cabeça envolvida em negro manto,  
 Como entre nuvens abafada a Lua,  
 Muda, e em pranto qual pórfido que sua!  
 Est'outra que nest'outro canto langue,  
 Seccas as vêas de chorarem fangue,  
 Era de quem as Aguias nascerao,  
 Q' ao mesmo Sol depinicar iriao;  
 E a linda face tem desfigurada,  
 Cozida ao chão, nas pedras arranhada;  
 Misera Esposa!... Etconde-te a meus olhos,  
 Quadro terrivel exhalando abrolhos!...

E tu, q' em vão fugiste a dor tamanha,  
 Tu transplantado lá jasmim de Hespanha,  
 Mais doce e grato que manhãa risonha!  
 Para escapar da circular peçonha,  
 Ao Tronco, q' escolheste, mal te pegas,  
 E a guarda do jardim debalde entregas  
 A fanhudos Leões:... se a teus ouvidos  
 Da Tia e cára Mãi soprão gemidos,  
 Se á noticia do Irmão os olhos corres,  
 Papel e ar levão peste, vê que morres!...

Ai de mim! que tontura, que vertigem!  
 Mal haja o fado a tanto mal origem!  
 Vaticinando estou:... de vil Poeta,

Trom-

Trombeta emboco de horrído Profera!...

Porém já volta o lamentavel Acto,  
 E o ultimo Bejamão já fica exacto;  
 A Testa mais gentil, mais acertada,  
 Q' a Crôas aspirou, vai ser mirrada;  
 A Mão de mais clemencia, mais caprichos,  
 Que Sceptros empunhára, he pasto a bichos,  
 E o que do Mundo achára estreito o Solio,  
 Em dous palmos de terra he rude espolio:...

Mas vingalhe o Espirito a ruina;  
 Purgada essa Particula Divina,  
 Qual a chofrante exalação do Estio,  
 Dobra seu vôo, e mais subtil q' hum fio  
 Dos sete, com q' a vária cor matiza  
 Rayo do Sol q' ao prisma se diviza,  
 Sobre alva nuvem de expiador incenso,  
 Q' ao Padre-Eterno envia o Agno-Immenso,  
 A través dessas massas numerosas,  
 Fixas, rolando, opacas, luminosas,  
 Unir-se vai no Omnipotente Seio,  
 D'onde a peregrinar em Lyfia veio;  
 E Anjo a par de Anjos:... ah! desgraça nossa  
 Com alheia ventura não se adoça;  
 Embora folgue o Ceo!... a nossa mágoa  
 Pedre ais ao coração, aos olhos agoa:...

Porq' a Deos veja em todo o seu estado,  
 Do fardo podre, em que se tem vendado,  
 Só precisa despir-se alma perversa;  
 O Justo o vê, com Elle aqui conversa!  
 E o Principe, e José predestinado:...

Sem q' o louro cabello em cáas trocado : . . .  
 A virtude dos Ceos nelle esculpida ,  
 Para aós Mortaes fazer-se mais querida : . . .  
 He já cinza , he carvão ! . . . José eu frustro ,  
 Não completo inda bem seu sexto lustro ? . . .  
 Durando o bruto , o tronco , e a pedra inutil ,  
 Vivo o malvado , e vivo eu mesmo , eu futil ? . . .  
 Effê Homem vasto , Principe supremo : . . .  
 Mas não ! minto eu tambem ! tambem blasfemo !  
 A' preamar das aguas nada impede ,  
 Ao meio dia o Sol não retrocede : . . .  
 Não ! José não morreo , não se retira ;  
 Onde quer q' Elle está , José respira : . . .  
 Não he de Lysia este o Pastor primeiro ,  
 De quem não se ouve o arranco derradeiro :  
 Do immortal Sebastião (1) em Villa , ou Serra ,  
 Não se vio inda , sem temor de q' erra ,  
 Dedo q' aponte , ou boca que em fim diga ,  
 „ Aqui jaz „ : . . quando os pés , e as mãos já liga ,  
 Encerados os olhos , frio o rosto ,  
 E da formosa Ignez defronte posto ,  
 Das funestas prizões se desenlaça  
 O Justo Pedto no Adro de Alcobaça : . . .  
 Respira inda José ! menos q' eu veja ,  
 Q' eu toque , e palpe o tumulo em q' esteja : . . .  
 Artes , Sciencias ! q' em José fundaveis  
 Nova série de arcanos infondaveis ,

Sem

(1) Quizerá , que o Leitor se não esquecesse de que todo este Epicedio he na allegoria de hum sonho , susceptivel de qualquer delirio.

Sem gêlo a Urfa (1), o Cancro não malino,  
Ouro artefacto, e Moto de contínuo,

Vamos em busca do commum Patrono,  
E dos sábios Avós furgillo ao Throno: . . .

Honradas Togas, ou ficais ludibrio,  
Restaurai à Balança o equilibrio! . . .

Luso Valor! q' a Mundos foste invento,  
Antes de lá chegar o pensamento;

Q' atravessando o Orbe, na mão o aço,  
Só o vias cair, cortado o braço!

Se estropeado, e firme nas muletas  
Mão que foste abobadas de ferras,

E se da cicatriz, que o rosto esfolo,  
Rindo o Povo, não qués pedir esmola;

Vem, vem comigo: . . . Musas delicadas!  
Que já sem Protector estramontadas,

Por terra derribais as arpas de ouro,  
Perdida a Mão, que vos regava o louro;

Acompanhai me: . . . eu vou registrar a Urna  
Da pavorosa habitação soturna:

O estrago quero ver da horrenda praga,  
Q' abate hum astro, e meio Mundo alaga: . . .

Abre-te, ó Campa! a voz de hum Reino em gritos,  
Tristes Mães, murchos Filhos, Pais afflitos,

Pelos ais das Viuvas, pelo pranto  
Dos Orfãos, pelas Virgens em quebranto,

Pela Justiça, pela Paz segura,  
Que pedem seu apoio á sepultura,

Ao

(1) O amor ás letras era sem dúvida a paixão dominante deste Erudito Principe.

'Ao nome em fim da Religião Sagrada,  
 Q' a Columna lamenta em ti quebrada,  
 Eu te' esconjuro a abrir! . . . Mão avarenta,  
 E do metal prevertedor sedenta,  
 Em mim não vem, tentando fulvos póços,  
 O altar atropelar de santos ossos;  
 Reliquias bentas, que teu ventre encerra,  
 Se inda temem do Mundo inzona, ou guerra,  
 Eu esgotado ao pranto, que derreto,  
 Mais te não trago em mim q' hum esqueleto!

Abre-te, ó Campa: . . . Porém já voltada  
 A grossa pedra, a lugubre morada  
 Negro traje me offrece, negro em roda;  
 'Aqui não introduz seu luxo a moda! . . .  
 Os cabellos erriço! espanto, e medo  
 Ao chão me cravão, sinto-me penedo:  
 Mal me animas, o horror em vão me domas,  
 Cofre suave, respirando aromas!  
 Bem que reinem Monarcas neste Imperio,  
 O Estado he asco, a Corte he Cemiterio: . . .

Mesmo eu sou morte! . . . Candidas Donzellas,  
 Q' arrancaveis de mágoa as tranças bellas,  
 Vosso espelho trazei, que quando toca  
 A mais discreta, a mais rosada Boca,  
 Nos dê o defengano: . . . Escelza Frente!  
 A teus Pés debruçado hoje consente,  
 Q' a Mão, que não beijei nas Salas Régias,  
 Mão q' inspirou tocada acções egregias,  
 Na Urna a beije: . . . Ai de mim! de neve he fria,  
 Estancou-se de dar, está vasia;

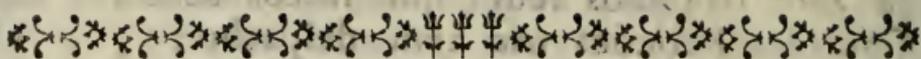
Já ante os Olhos seus, que seccos acho,  
 Chorosas Petições não tem despacho;  
 Falta no roxo Labio o riso puro:...

He certo que morreo!... agora o juro:  
 Aqui chegava, e hum repellão convulso,  
 Tolhendo o peito, e syncopando o pulso,  
 Os alentos cortava ao triste Dono,  
 A não se me soltar em vento o sono:...

Eis-q' horriveis crueis calamidades  
 Achei feitas purissimas verdades;  
 Não face em sua côr, ou rosto enxuto;  
 Sim Lysia agonizando, e o Orbe em luto!...

Neste Mundo, cajado ou Sceptro ponhão,  
 O Acordado, e o que dorme, Todos fonhão.





Na infausta morte do Excellentissimo Senhor Dom José Thomaz de Menezes, affogado sobre o Téjo :

## ORAÇÃO FUNEBRE:

Offerecida ao Illustrissimo, e Excellentissimo \*\*\*

**A** Meta impreterivel, em que nos he preciso retroceder, e mudarmos de horizontes; impreterivel, apenas conduzidos a ella pelo Dedo impalpavel do Eterno a tocamos, já a tocou o Excellentissimo Senhor D. José Thomaz de Menezes; já respira outros ares mais puros: odiosa lisonja, ramo de peste, antigo como o pão! invento primogenito do Artifice maligno, que nas Terras te deixou por mimo desde quando entre affagos perverteo os Pais primeiros, longe de mim! quando fallo de huma cousa tão séria, qual a morte (aquella que tu forjaste) não lhe troques o nome: o filho do Homem, o Excellentissimo Senhor D. José morreo.

A misera fraqueza, entre perfumes encuberta, e disfarçada, despindo-se, e despedindo-se de todo aquelle alheio estado, e fazendo

então ver a sua Corte inteira de ais, e de gemidos, de chagas, e de podridão, tomou posse d'elle, soltou-lhe o espirito (como huma joia emprestada, que se restitue a seu Dono), deitou-o na sepultura, e huma pedra lhe pôz para sempre em cima.

Eu, eu vi o Gentil Romeiro em flor cortado, frio de neve, boiando, arribando de sua funestissima viagem; e á maneira de huma victima de expiação, que voluntaria ao mar se engolfou a fim de remir a avareza, e a cabala que o navegão, eu, eu o vi dar á costa rasgado, macerado, martyrizado, e entregar-se ao ventre da terra, para outra vez ser terra.

Formosissima Condeça! esmalte do teu sexo; onde o esmorecimento, e o desmaio são virtudes, e que foste de tal sorte destinado para as lagrimas, que ficas na agonia inda mais bello! não; não escures ao cáro Esposo a amarga leitura: que eterno riso emballame o folgo de teus dias; não adventures hum só aljofar de teus olhos; hum suspiro te não creste o odorifero carmezim de teus labios: . . . Outra (1) tão linda, como tu, já foi despojo immaturo da minha acerba historia.

A ti, Conde excelso, a ti, e a todo o teu valor desafio; tu de outra mais rija tempera, curtido de experiencias; tu, que qual-

(1) *A Excellentissima Condeça de Soure, Irmã do fallecido.*

quer que seja o verniz do barro, ao toque lhe conheces a corruptivel massa, e por isso tão moderado nos prazeres, como affouto nas desgraças, tu terás a valentia de escutar-me.

O Prezadissimo teu Amigo (e este o seu primeiro elogio) o Joven sublime, que enchia as nossas ruas, que alegrava as nossas Praças, e que da Capital de hum Reino fazia huma merade, ultimamente jaz hoje! e se formos á manhã cavar-lhe o fatal deposito, de todo esse edificio acharemos ou caliça, ou nada.

Tal he, e tal está Menezes: e qual era, qual estava? Espirito ditoso, que orvalhado de sacrilegas ondas ao Bafo te aqueces da Tocha inextinguivel, cujo reflexo he o Sol! perdôa, se inda lá figuramos hir buscar-te, e vestir-te a fragil roupa, que deixaste, a fim de que enganemos por pouco tempo a nossa faudade; horror não cobres ao nosso enfeite; delirios de atrevida fantasia em nada mudarão a essencia do real Bem, que desfrutas.

Sim, lastimado Conde! vamos dar-lhe a vida, que podemos; a illustre recordação de huma alma grande he huma especie de supplemento aos seus dias; vamos inda animallo huma vez mais: e se trouxermos novas razões para a nossa mágoa, magoemo-nos embora! não, eu não te quero insensivel totalmente; o apoplectico, e o maniaco são dous enfermos; não formo a meu prazer Heróes de bronze; o Mortal

chorando parece immediato a toda a sua primaria dignidade, e que de fresco sahio das Mãos do seu Creador; com a culpa reiterada lhe foram adventicios o prazer, e a indolencia: extinguir teu pranto fora negar a justiça da causa, fora rebater o merecimento do Amigo; os Condes na amargura são meramente Homens; e a Natureza entre a dor, e o soluço plantou a raiz do nosso coração: mas huma alma illustrada, não podendo inverter o novo domicilio, que encontrou já feito, por suas desconhece taes angustias; e no meio da tempestade, ao farol de si mesma, ella se salva.

O Excellentissimo Senhor D. José foi hum daquelles rarissimos individuos, que expressamente hão parecido formados para deverem tudo a si mesmos: ainda mal se encoitava ao arrimo de poucos annos, quando sem mais conselheiros do que a educação que teve; sem outro despertador mais do que o leite que bebeo, sahia o mimoso Infante a amarar-se por entre os escolhos de huma Metrópole a mais vasta, e talvez não a menos seductora: Nãois desveladas, que na furda noute os astros importunais com malfadados votos pela incolumidade dos tenros ausentes Filhos, se elles não forem marcados ao cunho de Menezes, o precipicio he certo!

A ausencia dos charos Pais he hum efficaz estimulo para a sua circumspecção; a falta, que lhe fazem, he a de serem gostosas testemunhas

da sua feliz conduçta ; sahe Menezes a aproveitar-se , e se aproveita ; não sahe a depravar-se , e não se deprava ; he esponja de tudo o bom ; e repélle tudo o máo ; a dissolução do seculo já-mais o illude ; exemplos , que não são delineados segundo a sãa moral , não lhe prestão ; as casas , onde a gula hydropica resona até alto dia , não lhes sabe a porta ; onde a murmuração escorrendo está sangue , não lhes sobe a escada ; donde adejando foge em revôo a acanhada modestia , tambem foge ; onde os rostos macilentos se enfião ao gyro de tres dados , não vai lá.

Será a solta mocidade hum monstro a quem Menezes se propõe debellar ? Assim parece : as pullantes cabeças , mal brotão , elle lhas corta , elle lhas queima , sem mais coadjutor que o seu firmissimo proposito ; sem mais cauterio que o vivo lume da Religião que professa.

Eis versado no Mundo ; eis instruido em seus dictames , que maneja , como se os trouxesse do berço ; e eis hum Varão consummado , muito antes que mediaffe hum previo lapso de tempos : a alma grande de si mesma he independente da cultura dos annos ; flor e fructo lhe rebentão de hum golpe ; a idade não faz mais que confirmar-lhe as idéas ; só o vulgo dessas almas grosseiras precisa a gastadora lima da velhice.

„ Mas antes que mais profigas , dize-me , in-

novador de insulsos Epicedios, a que digno modelo has talhado o insigne Heróe do teu Panegyrico ,, ? Assim eu vejo interromperem-me de arqueado sobrolho dous ternos de gente extraordinaria: hum delles he de tórvo aspecto, empastados de sangue, e pó, que, carregando a vizeira, continúa a atacar-me: ,, foi acaso na brecha de descortinado muro, onde ao fusil do pelouro acceso rende seu ultimo suspiro o teu campeador altivo? Ou foi talvez, que no intuito de gloriosa Conquista, impávido atravessando não trilhados Sertões, seminúa tropa de salvagens vagos to crivárão de settas ,, ?...

Perdôa, Conde humanissimo, que hum instante eu deixé de fallar contigo, em quanto respondo a esses illustres facinorosos, a esses respeitaveis demonios da guerra!

Empenhada a Natureza em formar de Portugal as suas delicias, o situou a este canto da Terra, donde a seu salvo elle visse atear-se ao longe a intriga, e a carnagem; e o Excellentissimo Senhor D. José nasce em os pacificos dias, dias de benção! de huma virtuosa Rainha, que os Ceos guardão para Garante de amigaveis pactos, e defarmar Leões em cólera; de huma Rainha, cujo brilhantissimo merecimento só poderá melhor decifrar-se, quando os nossos corações em faudade eterna já se não aturdirem com o resplendor que os cega!

Porém se todo esse apparatus de arcos triun-

taes , e de enramadas carroças , o premio hão sido de huma acção felizmente emprehendida , eu não concebo arduidade , que o Excellentissimo Senhor D. José não fosse capaz de desempenhar : a melhor escóla das batalhas he aquella , onde o ocio se não admitte em discipulo ; do suor , e da fadiga jámais se reclutou soldado bisonho ; quem precisa de ensaios he unicamente a molle inação : e que mais acerrimo extirpador de hum tal veneno , do que o incançavel Menezes ?

Menezes para quando lhe for necessario se ha vezado a dormir com o ouvido sobre tambores , que rufão ; o trabalho , e a vigilia são os seus traveffeiros ; elle he d'outro calibre á parte ; os arraiaes não lhe são estranhos : ... ah ! em demasia os frequentavas , Senhor ! não effes do fel , e da raiva , onde mil vezes o méro capricho de hum sedentario Coroado , que se banquetea ao som de hum Povo agonizando , obriga a que filhos se praguejem mutuamente com Pais , ou que de certo Irmãos se retalhem com Irmãos : fim est'outros de júbilo , e de reconciliação , onde a victoria resulta em honra dos Ceos , e cuja amorosa trombeta são os repiques para culto dos Santos.

Então não ha perigo , que Menezes não arroste ; a Terra parece estreita para cevar lhe brutos , que elle amanse ; no ar os desafia ; nas entranhas do mar os hirá provocar.

A Gymnastica, essa viril palestra, onde a Antiguidade instituiu os seus nervosos Athletas, que muitas vezes condecorou em outros tantos famigerados Conquistadores, era hum exercicio, que com seu exemplo inculcava resuscitar em nossos tempos o invicto Mancebo: nenhum joga melhor as armas; outro algum não melhor conhece as leis da luta; vòã, em vez de correr; he marmore, se deve estar firme; a sua intrepidez não tem limites; e eu temo que o Excellentissimo Senhor D. José não vá hum dia morrer de alguma affouteza!

O outro rancho de meus arguidores, em macilenta face, e desalinhada veste, he essa turba de sábios de gabinete, que, affectando emendâr os astros, mal remedeão hum nó, que se lhes desata: „ Em que espinhosas questões (Estes me increpão) se tem estafado a morte o teu Estudioso? Por ventura enfermou elle á força de nos liquidar a attracção do Iman? Suou, finou-se em nos estabelecer com probabilidade qual seja o idioma dos que habitão na Lua „ ? . . .

Condê erudito, que tanto medras em conhecimentos de pezo, porque em bagatellas não esperdiças teu tempo precioso! a ti me volto: A sciencia não tem outro criterio mais do que o proprio comportamento, e o proveito que della emana ao Bem-commum, seu unico alvo; o Applicado, que encanescendo sobre a lição

ção dos mortos , nunca soube ao menos felicitar hum vivo , he como o Baixel que a summa déspeza se vê em fim mastreado , mas que primeiro apodrece , do que pique a amarra ; he huma dessas arvores sem apparatusas , porém que só offrecem alimento aos olhos , que não comem : o Excellentissimo Senhor D. José não he hum Douto imaginario ; he hum Sábio de facto.

Se pela face de seus avultados talentos eu houvesse de formar-lhe a estatua , facil me tôra mostrar , que hum perenne Protector das Artes não podia elle mesmo deixar de ser animado por seus fogos divinos: as Musas , e o Theatro , essa viva forja de laudaveis conselhos , e admoestações tocantes , o chorarão perpétuamente !

Sua inimitavel destreza , com que muito além de Portugal espalhou o assombro , e o pasmo o habil Cavalleiro , a comprehensão , e a agilidade , com que o Excellentissimo Senhor D. José nada vio , que não executasse , sendo a hum tempo ,, o façâmo-lo , e o fazello ,, superabundarião para provas do seu profundo engenho , e da sua vasta penetração :...

Porém o meu Heroismo não he a tarefa de hum só dia ; de hum dia sanguinario , que melhor jazêra no immenso abyssmo da noute eterna entre as epidemias , e entre os terremotos ! nem precisa embrenhar-se em huma solidão para colher o seu louro infructifero ; eu o  
que-

quero de cada instante, e á sua mesma porta: a do Excellentissimo Senhor D. José já mais se terrolhou a afflicto; elle he o commum valedor; conta as horas pelos seus beneficios; no dia, em que não foi util, não respira, ou nutre: se o grosso volume de suas generosidades ainda se não divulgou, he porque a sua grande modestia se anticipou a supprimillo: Elle sabia, que o Benéfico devêra sempre mascarar-se ao distribuir da esmola, e tinha em hum descontento do seu prazer o louvor que della recebia; só, e no fundo da sua alma, he quando elle folgava de sorrir-se a si proprio.

Menezes não tem inimigos; pois que a inveja he rasteira em demasia para firmar pulo tão alto! a sua prosperidade he hum desejo commum; todos conhecem, que ha de redundar aquelle augmento; a affabilidade (qual a dicta o Evangelho) he a sua Virtude Capital; não satisfeito de prodigalizar em roda o riso da amizade, he sempre a sua offerecida Mão hum novo penhor da fingeleza; pelo seu braço desce a hum tempo, e se communica o seu coração.

Alli não há filauca, nem soberba, essas duas Irmãas tão gémeas! o allucinador espelho, que ainda quebra menos vezes, do que as que faz quebrar; o perigoso espelho, onde não pouco vê que admire, e ame, he para Menezes hum movel de indifferença: Elle não se preza mais que aos outros; de seu muito merecimen-

to reparte com aquelles que o não tem , para dar-lhes alguma estimacão.

Essa Plebe , que apinhada ou o segue , ou o precede a esperallo em suas funções , attrahida vai de seu raro carinho ainda mais que do esplendor de suas mesmas prendas maravilhosas ; cada hum em sua lhana Pessoa confia encontrar hum collega do seu officio , hum socio de seu panno ; persuade-se o Excellentissimo Senhor D. José , que a humildade he a unica Virtude , que não tem extremo , onde peque : e aquella antipathia . . . . Urbanissimo Conde , em tua presenca eu fallo sem pejo , e de figuras não uso ! aquella inveterada antipathia (nem me occorre outro nome) entre os da minha , e os da tua excelsa Ordem , vivendo Menezes , ou se extinguiu , ou suffocada esteve : Elle o pombo da alliança ; Elle a substancia intermedia , e que guardava igual affinidade entre os dous corpos rebeldes ; Equestre por huma série interrupta de preclarissimos Ascendentes , e Popular por systema.

Não hade o Joven huma só vez irar-se ? encolerizar-se hum dia , ao menos entre os da sua veneranda jeraquia ? para isto he que precisára de mestre ; Menezes ignora taes paixões.

Mas talvez não esconderá dentro em seu peito hum ciume que o devore á vista do seu igual ? A rivalidade de Menezes não excede os eixos de huma santa emulacão ; outro , em quem brilhem tão avantajadas circumstancias , não he

pára Elle hum pezo, que deseja facudir; hum visinho, de que deve desviar-se.

E entre as palmas de huma geral acclamação, entre o regaço da opulencia estragadora não se enfatuará, ainda que tarde? o abatimento proprio he huma formosura, que rara vez nos acompanha á cova: conservará hum equilibrio tal de rectidão, que jámais incline, sem que lhe escape á maledicencia hum unico desmancho, em que se nutra? . . . Como, Senhores! Menêzes não pôde degenerar: habituado na razão, supez della alimento; as virtudes se lhe assimilárão, e de hum costume passarão a fibra e nervo.

Oh Anjo Custodio, que o vigiaste passo a passo! se lhe viste algum defeito, que mal se esforçou em fugir! á tua perspicacia, a sua muita cautéla o furtou a nossos olhos; a torpeza do seu crime se afformoseava em certo modo com o seu recato; não se esquecia Menezes, de que em comparação do escandalo pôde parecer venialidade outro qualquer gravissimo peccado! Se viste, que algum pensamento injusto pôde em sua alma affociar-se com hum sem conto de perfeições, seria algum daquelles: . . . A herança de Adão para seus filhos foi esta: „ Ser o menos vicioso o mais perfeito. „

Tal era, e tal estava o Excellentissimo Senhor D. José: e quem dissera, que aquelle gentil composto, tão bem organizado, tão bem

symmetrizado, não trazia consigo a promessa de alongados evos?

Cruel Téjo! por mais que Elle te agradeça o crystallino degráo, que lhe puzeste para o Throno de luzes, de que está de posse, não deixarei de praguejar-te! tu derribaste aquella Pyramide excelsa; só tu podias tanto: tu sómente juntando as tuas forças todas, com quanto tens de feio, e de terrivel, teus parciaes, e teus assassinos, a pavorosa noute, e seus fantasmas, o desenfreado vento, e seu bramido, o susto á ilharga, e a morte de retaguarda, podias commetter tão duro assalto; menos sequito não bastára a prezares-te da victoria!...

O' morte! cozida tu andas ao calcanhar do Homem; o passo, que elle move, huma graça he tua; bebes com elle, com elle comes; quando elle a cabeça encosta, a almofada és tu!... E ainda o Homem se desordená a fim de grudar-se mais contigo? ainda mutuamente se armão tramas? ainda entre si combatem exercitos?... Ainda; e a prompta Natureza não he tão efficaz em reproduzir, quanto a incontinen-  
cia, o odio, e a polvora o são em destruir.

Homens desafizados! se tivelleis a segurança de huma vida de mil annos, ainda assim vos não desculpara, se lhe cortasseis hum só dia: não haverá dentro em vós hum principio furdo, hum fermento imperceptivel, que de necessidade vos arruine em breve tempo?... Ou

fe-

ferá , a meu respeito , isto da morte algum d'esses enganos , que , sendo tidos por axiomas , virão huns aos outros engulirem-se os seculos , e depois hum ora os descubrio sofismas ? fiar-se-hão nisso os Homens ? . . .

Impávida Verdade ! analytica imparcial de vãos projectos ! tu que no silencio das estrellas , quando aos corpos fatigados refrigera o balfamo suave de huma aura consoladora , a que não chegado doçuras da lisonja , nem pastilhas da Arabia ! quando dormem resupinos o olho atraído , e a lingua detrahente , desces então do Sacrosanto Empyreo , e sem mais testemunha que o nocturno salmeador das maravilhas do Omnipotente , o mellífero Rouxinol , vens registrar o Mundo errado , donde outra vez , espancada aos éccos do Gallo madrugador , te retira a prima luz , sem que de ti nos fique por companhia mais que hum rasto , hum só rasto de Verdade ! . . . eu , eu te invoco :

Tira , aparta de mim o pavor , que me acobarda ; costuma-me de antemão a habitar com ossos ; baixemos a esses atulhados armazens da morte ; horriveis armazens , onde a fazenda se apilha sem distincção , sem ordem ! a purpura com a baéta , o topásio com o azebiche ; contigo de mãos dadas irei desenganar-me ; bem que muda , não ha Academia igual á de hum Cemiterio !

Eu observo a multidão , que se me vai sumin-

minho ; esse que hontem me convidou a brindar com elle , este que ainda hoje fez madrugar a minha Lyra , ambos elles se escondêrão de improviso ; dobrando espaçoso o fúnebre sino me avisa de outro morto ; o vulto além cuberto de roupas negras leva dó por outro : . . . porém quem sabe , se aquella morte , apenas os deo á terra , cessou logo ? quem sabe , se do mesmo alento soprada a mesma carne se ergueo depois a hir viver debaixo de outro Sol , donde me não possão vir correios ? debaixo de outro Pólo , para onde a agulha não governe ?

Não ; não se me introduza algum escrupulo ; quero que os meus olhos vejão ; que os meus dedos palpem : . . . Ah ! as cousas são como firmemente as creio ; de encontro ás entranhas da terra os foi esfarelar o pezo d'esse braço da morte ; dessa barra de ferro , que lhe serve de braço ! bicharia os tragou , e a todos os seus designios ; lastimosas reliquias apenas achei do seu total estrago : e corrido o panno do lúgubre theatro , que scenas melancolicas de pincel soturno irão apparecer-me ?

Verei : . . . mas que mais pertendo eu ver ? Verei o singular Menezes envolto em negro manto , prezas as mãos , e os olhos apagados , tendido inda sobre o féretro enorme , e começando já a desunir se ; sem que lhe valhão as antigas robustas forças para haver de erguer-se ; sem que os aromas de suas mil virtudes o  
pre-

preservem da inteira dissolução, que brevemente o ameaça! He em vão que lhe bradão seus Amigos: . . . não mais, ó Conde, nunca mais te afferres em demasia a Mortal algum; nem ainda a esse que mais (1) se exalte virtuoso! . . he debalde que pertende confortallo hum concurso innumeravel de grandes, e pequenos, de hum, e outro sexo, carpindo, pranteando.

Não de outro modo, ouvindo-se que hum Pai de familia fôra vilmente assassinado, he nos seus Domesticos hum grito espantoso o recebimento da funesta noticia; abre a pressa novas portas; quer antes acudir ao Pai, do que ao pejo, a Donzella desfatacada; hum repentino vigor desentorpece a Conforte caduca; servos, vizinhos, amigos, e parentes, correm, cercão o deploravel sitio, encontrão o já defunto: hum tibio calor lhes parece huma vida! hum movimento das vestes se lhes figura hum acceno! . . . São as suas lamentações as primeiras exequias; com as lagrimas, que em cima lhe derramão, querem recuperar-lhe o sangue, que de lado lhe fez pôça.

Sim, Marquez annoso; Marquez eterno, se ainda és vivo! se d'esse apartado retiro, onde ficaste buscando mais livre campo para desaffogar a tua pena, a pena só maior que a tua alma! se dahi não se percebêrão vôando os teus

sus-

(1) O. A. não só nesta Oração se confessa mais de huma vez devedor a Young.

suspiros até virem retumbar nas abobadas do Templo Santo , e embalar-lhe a fúnebre éça , he porque as tuas vozes erão entáo suffocadas pelo clamor de hum Povo inteiro , de hum Povo meia Nação ! sim ; e o merecimento com a fortuna de ter o prezadissimo Filho geralmente sentido , ainda alli desfigurado , em limos enredado , escalavrado das pedras , e pelos peixes insultado , o fazião hum objecto de inveja.

Entáo era ouvir a sua Historia ; todas as suas virtudes alli reapparecem juntas ; os seus diversos beneficios se incorporáo a render-lhe alli as ultimas honras : a ingratiáo não tem parte , onde se acolha ; por mais embrenhado , que seja o asylo , que ella butque , lá penetrou a mão do liberal Menezes ; lá encontra hum esquadrao de favores , que a recháo desmentida.

A sua estimadissima memoria nada deixá por excitar , e até as suas feições alli se representáo ; não satisfeita , ou envergonhada a morte de lhas ter enxovalhado , com denegrido véo as cobre ; mas sabe a perspicaz saudade coar pelo fúnebre sudario , e vai de novo retocallas : . . . isto era o vulgo superficial.

Os mais abalizados discorriáo sobre materia de maior importancia : estes curvão aos inexcrutaveis Juizos do Altissimo , que na mesma pia carreira dos Altares , a que o Senhor Dom  
Jo

José levava o acatamento , e o incenso , lhe manda ao encontro a morte ; aquelles não podem assentir a que seja hum méro effeito do acaso o rumo , que vai tomando o cadaver de Sua Excellencia : . . .

Longe de huma Cidade Christáa sem abuso , ó fanatismo horrendo ! Ao Hebraísmo , á Barberia ! . . . mas deixada a seu mecanismo a simples maré , não parece sufficiente , para que entre tantos sitios possiveis unicamente aporte o inanime Corpo naquella mesma Praia , onde mil vezes em vida desembarcárão com Elle a Devoção , e o Zelo da Virgem Mái ; fatigado sim , e lacerado por sua longa derrota , como quem era o Batel , e o Passageiro ! porém ainda opulento , ainda respeitavel ; com seus dous relogios , suas distinctivas medalhas ; e segundo seu costume , provida , e intacta a sua bolsa esmolér.

Huns fallão daquelle nunca affaz louvado costume , com que o Excellentissimo Senhor Dom José jamais sahio de seu Palacio a jornada espaçosa , sem que primeiro , expiando suas culpas , se reconciasse ao Deos de seus Pais , Motor do passo , e Luz das estradas : Dever , a que havia satisfeito na propria manhãa do tristissimo dia do seu naufragio.

Outros não querem mallograr hum só momento de sua importante vida , que ao menos de memoria o não acompanhem até o ultimo sus-

suspiro: Vem-no ceiar na infausa noute com a appetencia ; e com a alegria de hum coração sem rémorfos ; ouvem-no dar graças ao Alimentador , e cumprir logo as rezas de seu uso ; seguem-no depois á tolda , onde luta com o temporal a sua laboriosa equipagem ; escutáo mandallo retirar , porque não tenham algum perigo os seus dias preciosos ; porém Menezes , quando observa trabalho , he tambem Marinheiro ; elle sabe de tudo (oh ! não tanto souberas , Senhor ! ) e a sua Companha em lida está primeiro , do que toda a recommendação de seus illustres Avós : . . .

Este esclarecido ramo do florentissimo Tronco da antiga casa de Marialva já outra vez se dignou de tomar sobre seus hombros toco barril para acudir ao incendio do seu proximo affito !

Menezes não foccega ; Menezes vóa , e revóa de hum bórdo a outro bórdo ; elle visita a prôa , elle examina o leme : . . . Ah ! foi então , que de hum golpe de véla arrojado ás ondas tragadoras , qual huma Garça-real , que de arribação viera banhar-se a hum mar estranho , untada primeiro de seu oleo natural , bate logo as azas em busca do seu verdadeiro , e Patrio Ninho : . . . e solto da ascorofa prisão , como vás rápido fugindo ! Veloz o nosso pensamento mal pôde seguir-te ao longe . . .

Basta , Prudentissimo Conde ; basta de at-

tri-

tribularmo-nos; acabemos, e a conclusão se tire: Filho o Homem da palavra, momentaneo he como ella! bolha de ar! estopa acceza! o vidro, obra de hum sopro seu, póde apostar durações com elle! isto, e que tudo se varre, ou agora, ou logo, cousas são constantes; mas a differença nem todos a pondérão: o que nada obrou digno de memoria, para o Mundo acaba inteiro; o que célebre se fez, metade sua aqui lhe deixa em seus brilhantes vestigios: levado na Primavera dos annos, tal vive ainda o Excellentissimo Senhor D. José Thomaz de Menezes! e muito além do teu Outono, depois que ao respeitavel pêzo de experientes cáas curvando tu fores para o centro commum, tal ainda ficarás vivendo; lá e cá ao lado sempre do excelso Amigo, ó Magnanimo Conde!

FIM DO I. TOMO.

## PROTESTO.

**C**ontrario o A. a Mythologias, principalmente á mistura de detalhes orthodoxos, e resignado em tudo aos sentimentos da Universal Santa Igreja, conserva a palavra *Jove*, attribuida ao Unico Ente Increado, como huma contracção do ineffavel Nome Jehovah, donde suppõe havella derivado o Gentilismo; *Parca* na accepção de Morte; *Nume*, e *Fadas*, como humas Potencias Bemaventuradas, e irresistiveis Ministros da Suprema Vontade.

## I N D E X.

*P* *Rologo*, . . . . . N. III.

*Sepultura de Lesbia,*

Poema em XII. Prantos . . . . .	N. v.
I. . . . .	Pag. I.
II. . . . .	II.
III. . . . .	21.
IV. . . . .	31.
V. . . . .	41.
VI. . . . .	51.
VII. . . . .	61.
VIII. . . . .	71.
IX. . . . .	81.
X. . . . .	91.
XI. . . . .	101.
XII. . . . .	111.

*Sonetos*

Fúnebres, ou moraes sobre varios assumptos,	121.
Em dia de todos os Santos,	129.
O Mateiro, e a Morte, &c.	130.
Affistindo o A. á mutilação, &c.	131.
Em Domingo da Resurreição,	132.
Na Morte do Serenissimo Principe Senhor Dom José, &c.	134.
	até 145.
	Na

Na morte do Excellentissimo Senhor D. José Thomaz de Menezes , &c. . . . .	146.
	até 149.
Na morte do Illustrissimo Senhor José de Mello Brayner , &c. . . . .	150.
Achando-se o A. no Terreiro do Paço , &c.	151.
Ministrando-se o Baptismo a hum Pagão , &c.	153.
Recolhendo-se a certo Mosteiro a Senhora &c.	154.
	até 156.
A' Senhora do Cábo , . . . . .	157.
A' Senhora da Arrabida , . . . . .	158.
A' Morte , . . . . .	159.
Nos tenros annos , &c. . . . .	161.
No avançados annos , &c. . . . .	162.
Glosados perante Suas Magestades , &c. . . . .	164.
	até 169.
Jurado Principe o Serenissimo Senhor Dom João , . . . . .	170.

### *Nenia*

Na morte de D. Maria Matilde Lenox , &c.	171.
--	------

### *Parafrase.*

A' Sequencia , <i>Dies iræ , dies illa , &amp;c. , . . . . .</i>	179.
---	------

### *Hymnos.*

A' Doença , . . . . .	183.
Da	

Da Manhãa , . . . . . 283.

*Canções*

Reedificada a Parochial de S. Julião da Villa ,  
&c. . . . . 189.

A' Purissima Conceição da Virgem Santissima ,  
196.

Achando-se o Serenissimo Infante Senhor Dom  
João em o Arraial da Senhora do Cabo, &c. 203.

Proteffando a R. da Soror, &c. . . . . 209.

Por occasião de novo Capitulo nos Religiosos ,  
&c. , . . . . . 218.

Passando pelo 84 anno de sua Idade o Precla-  
rissimo Dezembargador, &c. . . . . 224.

Ao Illustrissimo Senhor \*\* Estudante de Direito  
Civil, &c. . . . . 230.

Nas melhoras do Senhor, &c. , . . . . 239.

Convalescendo de gravissima Enfermidade o Se-  
renissimo Senhor D. João, Principe do Bra-  
fil, . . . . . 248.

Chegando a Lisboa o Serenissimo Senhor Dom  
Pedro Carlos, &c. , . . . . 259.

*Elogio Dramatico*

Celebrando-se a Festividade da Milagrosa Santa  
Margarida da Villa do Lavradio, . . . 270.

*Sonho Epicedico*

Por occasião da nunca affaz choraêda morte do  
Serenissimo Senhor D. José , Principe do  
Brasil , . . . . . 301.

*Oração Fúnebre*

Na Infausta morte do Excellentissimo Senhor  
D. José Thomaz de Menezes affogado sobre  
o Téjo , . . . . . 318.  
*Protesto.* . . . . . 338.

# ERRATAS.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
15	5	no peito	no meu peito ;
22	16	A' vida	A'vida
23	14	murcharão	se murcharão ,
27	17	em chama	em chammas ,
28	20	hóspede	á hóspede
29	15	gyro se o	gyro feu
37	9	despotico	despotica
132	3	A' Foçra	A' Força
183	13	paz ,	de paz ,
227	24	grandes	grandezas
230	16	a r	a rir ,
280	6	Silvanos	Silvano : . . .









